



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
UNIRIO - CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
Programa de Pós-Graduação em História

UNIRIO
história

GABRIEL CAVALCANTE CORDEIRO

**CAIXÕES ESPLÊNDIDOS, COSTUME
ABOMINÁVEL:
IDENTIDADE E ALTERIDADE
ESTRANGEIRA PERANTE A MORTE
NO BRASIL (1805 – 1886)**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
ESCOLA DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

CAIXÕES ESPLÊNDIDOS, COSTUME ABOMINÁVEL:
IDENTIDADE E ALTERIDADE ESTRANGEIRA PERANTE A MORTE NO
BRASIL (1805 – 1886)

GABRIEL CAVALCANTE CORDEIRO

Dissertação de Mestrado em História Social
apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
História da Universidade Federal do Estado do Rio
de Janeiro/UNIRIO sob orientação da Prof^a Dr^a.
Claudia Rodrigues. Linha de pesquisa: *Cultura,
Poder e Representações.*

Rio de Janeiro
2015

POEMA DE NATAL

Para isso fomos feitos:
Para lembrar e ser lembrados
Para chorar e fazer chorar
Para enterrar os nossos mortos -
Por isso temos braços longos para os adeuses
Mãos para colher o que foi dado
Dedos para cavar a terra.

Assim será a nossa vida:

Uma tarde sempre a esquecer
Uma estrela a se apagar na treva
Um caminho entre dois túmulos -
Por isso precisamos velar
Falar baixo, pisar leve, ver
A noite dormir em silêncio.

Não há muito que dizer:

Uma canção sobre um berço
Um verso, talvez, de amor
Uma prece por quem se vai -
Mas que essa hora não esqueça
E por ela os nossos corações
Se deixem, graves e simples.

Pois para isso fomos feitos:
Para a esperança no milagre
Para a participação da poesia
Para ver a face da morte -
De repente nunca mais esperaremos...
Hoje a noite é jovem; da morte, apenas
Nascemos, imensamente.

(Vinícius de Moraes - *Rio de Janeiro, 1946*)

SUMÁRIO

Agradecimentos, p. 8

Introdução, p. 11

Capítulo 1 - Viajantes na História, p. 19

1.1 – Abordagens iniciais de pesquisadores e as obras de viagem, p. 20

1.2 – Literatura de Viagem e Ideias Pós-Annales, p. 28

1.3 – A atual produção, p.39

Capítulo 2 - Um Retorno ao Viajante, p. 44

2.1 – O Reino Unido e seus viajantes, p. 48

2.1.1 – Os autores britânicos, p. 56

2.2 – Os Estados Unidos da América e seus viajantes, p. 67

2.2.1 – Os autores estadunidenses, p. 75

Capítulo 3 - Alteridade, Identidade e a Morte, p. 81

3.1 – Ações e Reações, p. 84

3.1.1 – As Reações Depreciativas, p. 85

3.1.2 – As Reações Valorativas, p. 96

3.2 – Um balanço do que se viu, p. 103

3.2.1 – Sobre a data da observação, origem e religião do observador, p. 112

Conclusão, p. 115

Fontes, p. 119

Bibliografia, p. 121

Listas de Abreviações

ABEC – Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais

USP – Universidade de São Paulo

IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

HMS – His/Her Majesty's Ship

MLPS – Manchester Literary and Philosophical Society

USS – United States Ships

Co. – Company

Quadros

Quadro 1 – Proporção de fiéis cristãos na província eclesiástica inglesa de Canterbury, p. 54

Quadro 2 – Proporção de fiéis cristãos na província eclesiástica inglesa de York, p. 55

Quadro 3 - Alguns termos utilizados nas reações depreciativas de estrangeiros perante a morte, p.86

Quadro 4 – Termos mais utilizados nas reações favoráveis de estrangeiros perante a morte, p.96

Quadro 5 – Diferença de reações valorativas e depreciativas sobre os temas mais comuns, p.107

Ilustrações

Figura 1- Cidades dos viajantes estadunidenses em mapa atual, p. 69

Figura 2- As Treze Colônias Estadunidenses Originais, p. 71

Figura 3- A Colonização Puritana dos EUA, p. 72

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer ao leitor, por fazer desse trabalho mais longo. O tempo gasto na elaboração deste se revela útil ao ponto que se faz útil a algo ou alguém. A você, quem quer que seja, meus agradecimentos.

Agradeço, em seguida às três pessoas que mais apoiaram o produtor desse trabalho antes mesmo deste trabalho tomar uma forma no projeto de pesquisa submetido à Unirio; três pessoas que dedicaram seu tempo, seus recursos, seus sorrisos e a sua saúde para que eu pudesse me dedicar à pesquisa. São eles meu pai, minha mãe e minha companheira Jéssica. Fundamentais do início ao fim... Maiores do que esse texto e do que eu mesmo – por serem criadores e alicerces de mim.

À CAPES e à Escola de História da Unirio sou grato pelo fomento e apoio direto. Os relatórios, as aulas e as oportunidades dadas foram grandes combustíveis para minha pesquisa e para dar sentido aos estudos da História.

À Professora-Doutora, mãe acadêmica e conselheira Cláudia Rodrigues, pela relação intensa e pelas lições que formaram um pesquisador – se não tão digno do nome quanto você – mais dedicado do que um dia fora. Sua tolerância e rigidez, suas leituras, correções e conversas me mostraram um lado meu que eu não conhecia e me ajudaram a ser um homem melhor; menos avoado e menos dependente de surtos de inspiração. Deixo registrada a minha gratidão profunda.

Ao Professor Luiz Lima Vailati por me inspirar gosto e sentido no tema da morte. Repetirei sempre que puder que foi seu artigo publicado na Revista de História, que me fez abraçar a área e deu sentido a um jovem estudante de 19 anos que não sabia se continuaria ou não no curso de História. Agradeço também pela ideia que gerou o projeto submetido ao PPGH-Unirio e pela orientação na Graduação (significativa e duradoura, ainda que tenha durado pouco tempo).

Aos meus familiares. Ao meu avô Welfane pelos ensinamentos filosóficos e constante cobrança da entrega desse texto, ao meu avô Manoel por seu bom humor e prontidão militar (literalmente) sendo meus braços e pernas – quando em minhas ausências do Rio. Às minhas avós igualmente pelo carinho e lições de crítica e combatividade que apenas advogadas, que são, poderiam dar; sempre me lembrava de seus caminhos quando eu duvidava do sentido do meu. Aos meus tios cariocas (Manoel e Maria Augusta) pelo amor e apoio psicológico em

conversas e cervejas, por não me deixarem me fechar à rotina casa-universidade-patroa. Aos meus tios mineiros (Welfane e Patrícia) pelo abrigo em congressos e viagens e pelas provocações intelectuais frequentes e sempre frutíferas.

Aos meus amigos, irmãos que não tive, pelas conversas e pelo apoio moral sempre que eu voltava a Viçosa (MG): Hyran, Bruno, Thales, Allan, Maury e Tiago. Ao primeiro, um agradecimento especial por me dar abrigo, ajudar e me hospedar em sua casa de campo para que eu pudesse me dedicar com mais afinco ao Processo Seletivo do Mestrado; esse trabalho também traz o seu sobrenome e o de seu pai (in memoriam). Carreguei todos em meus pensamentos.

Aos professores que fizeram parte de minha formação, em especial: Professores Célia e César pelas lições de História do colégio e pela inspiração, Professor Jonas Marçal de Queiroz pela rigidez e sensatez das quais ainda me lembro e aprecio, Professora Patrícia Vargas e Fábio Faria Mendes pela paciência no início dessa pesquisa, Professor Pedro Caldas por me ajudar a (re)descobrir um gosto pela Teoria e Filosofia – hoje fonte de prazer e renda.

Não almejando uma arqueologia biográfica da minha gratidão, termino agradecendo a todos que fizeram parte de alguma forma desse texto e da vida do homem que o produziu – indissociável formação, texto e homem. Alunos, colegas de trabalho, colegas de mestrado e graduação, chefes... Enfim.

E se somos de alguma forma consequência do que se apresenta para nós, agradeço ao mundo como se mostrou a mim até o momento da escrita desses agradecimentos.

RESUMO:

Essa dissertação busca explorar o tema do encontro intercultural envolvendo viajantes anglo-americanos (britânicos e estadunidenses) quando em visita ao Brasil, no século XIX. Encontros esses que envolveram de algum modo a cultura funerária, as expectativas e ações registradas por homens que vivenciaram a morte do outro. Para tanto, são usados como fonte básica relatos de viagem produzidos após visitas que ocorreram entre 1805 e 1886. Focando principalmente em excertos valorativos (favoráveis ou depreciativos) sobre manifestações culturais fúnebres, procura demonstrar os principais temas dessas valorações. Apesar de perceber uma predominância de reações depreciativas nos relatos, procurou-se problematizá-la, verificando que poderiam representar formas de “aproximação”, na perspectiva sugerida por Eric Seeman. Apesar de não concordar com algumas práticas observadas, foi possível perceber que havia um grau de compreensão entre o viajante e a prática relatada, principalmente no sentido de captar a importância do costume.

Palavras Chave: Alteridade; Cultura Funerária; Estrangeiros; Morte.

ABSTRACT:

This dissertation aimed to explore cross-cultural encounters of British and American travelers whilst their stay in Brazil. Specifically focused on written representations of death-related expectations and actions. The main source of this work was the travel writing produced by these men and woman, deriving from travels that occurred from 1805 to 1886. The method was to target and analyze excerpts that presented evaluative (positive or negative) comments on such cultural manifestations, so it could be possible to perceive the main motives of these comments. This way, even though it was clear that there was a dominance of negative reactions, it was possible to conclude that these records could also represent “inclusion”, according to Eric Seeman’s concept. Even though they didn’t consent to some of the practices, it was possible to perceive a degree of comprehension between the foreigner and the reported practice, specially in the sense of understanding the importance of that custom to the people.

Keywords: Otherness; Funerary Culture; Foreigners; Death.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho busca juntar dois temas que considero bastante engendrados no *ethos* humano: a morte (o fim da vida) e o encontro. A morte é um fato inerente à vida: preocupações com enterro, rituais motivados por crenças, sentimentalidade. Ela representa, assim, parte do aspecto humano que este evento detém em certas culturas. Este aspecto que Adalgisa Arantes Campos¹ denomina de Morte Cultural é parte importante da identidade em sociedades tradicionalmente cristãs como as oitocentistas brasileira, inglesa e estadunidense?

É este o caso quando se entende por consciência histórica a suma (sic) das operações mentais com as quais os homens interpretam sua experiência de evolução temporal de seu mundo e de si mesmos, de forma tal que possam orientar, intencionalmente sua vida prática no tempo².

Penso que sim³, e sendo assim, podemos dizer que os aspectos culturais da morte fazem parte da consciência histórica a qual pode ser entendida como uma forma da consciência humana que está relacionada diretamente à vida humana prática⁴. Partindo destes pressupostos, a pesquisa aqui apresentada pretende investigar os aspectos da identidade anglo-americana

¹ CAMPOS, Adalgisa Arantes. Notas Sobre os rituais de morte na sociedade escravista. *Revista do Departamento de História da UFMG*, n.6, 1988.

² RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica - Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Editora UnB, 2001, p.57.

³ Assim como outros, os quais produziram trabalhos sobre o tema da morte, alocando em suas análises este período histórico. Destacam-se: REIS, João José. *A Morte é uma Festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Cia das Letras, 1995; JALLAND, Pat. *Death in the Victorian Family*. New York: Oxford University Press, 1996; JUPP, Peter C.; LADERMAN, Gary. *The Sacred Remains: american attitudes toward death, 1799-1883*. New York: Yale University Press, 1999; GITTINGS, Clare (org). *Death in England: An Illustrated History*. New Jersey: Rutgers University Press. 2000; ARIËS, Philippe. *História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003; RODRIGUES, Cláudia. *Nas Fronteiras do Além: o processo de secularização da morte no Rio de Janeiro, séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005; NASCIMENTO, Mara Regina do. *Irmandades Leigas em Porto Alegre. Práticas funerárias e experiência urbana. Séculos XVIII e XIX*. Tese (Doutorado em História) - UFRGS, Porto Alegre, 2006; SEEMAN, Erik R. *Death in the New World: Cross Cultural encounters, 1492-1800*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 2010; VAILATI, Luiz Lima. *A morte menina: Infância e morte infantil no Brasil dos oitocentos (Rio de Janeiro e São Paulo)*. São Paulo: Editora Alameda, 2010.

⁴ RÜSEN, Jörn. *Op.cit*, p.57.

perante a morte na literatura de viagem publicada ao longo do século XIX. A seguir, tentarei demonstrar meu percurso e as principais percepções teórico-metodológicas relacionadas ao relato de viagem que foram fundamentais para a realização desta dissertação. Longe de tentar percorrer todo o universo deste tipo de fonte histórica ou de todos os campos de pesquisa que a utilizaram, meu intento aqui é duplo: expor os textos dos viajantes e ideias mais fundamentais ressaltadas, justificando minhas escolhas, e demonstrar meu débito àqueles que, indiretamente, contribuíram para a construção de minha “armadura teórica e historiográfica”.

Primeiramente, é importante ressaltar a necessidade de se compreender o viajante, não como um reservatório de informações reproduzidor de uma realidade, do qual podemos extrair as coisas como eram para a sociedade que pesquisamos. A *literatura* de viagem, para um bom aproveitamento, pode ser tratada com crivos analíticos como destaca Miriam Lifschitz Moreira Leite⁵ de modo a, entre outras, perceber o texto do viajante como um texto produzido por determinada pessoa, em determinada época, sobre determinado assunto, com determinado objetivo. Escolho, neste trabalho, considerar a carga levada pelo autor de conceitos anteriores à produção do texto, as expectativas do futuro leitor e a relação do autor com o assunto sobre o qual este escreve, conforme a possibilidade de adquirir estas informações. Considerar também a impossibilidade de compreensão e comunicação completa entre o observador (com sua cultura prévia) e a manifestação representada (com sua carga de sentidos e símbolos) - assim como a impossibilidade de reprodução exata do observado, no relato - é uma opção feita por mim. Além disso, como Leite, considero que "O conhecimento, através de outras fontes, do contexto político e social em que foram escritas essas cartas [e relatos], permitem melhor compreensão das conotações e denotações claras, às vezes, apenas à interlocutora" ⁶.

Compreendo que as representações sobre a sociedade brasileira, elaboradas pelos viajantes, carregavam consigo marcas dos autores; uma dessas marcas era a percepção de ideais europeus como sinônimos de civilização. Para muitos dos viajantes, haveria uma hierarquização de práticas no mundo e, nas descrições, a separação entre bárbaro e civilizado dependia da percepção do viajante e da sua identificação com a ‘europeização’ (segundo seu ideal) do americano.

Essas escolhas, conscientes e justificáveis opções de pesquisa, são datadas do período de escrita desse texto e orientadas por minha trajetória como pesquisador. Entretanto, ao longo do tempo, as mesmas fontes usadas por mim foram trabalhadas segundo outras

⁵ LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Cadernos de Viagem* (1803-1900). Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

⁶ LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Mulheres viajantes no século XIX. *Cadernos Pagu*, v.15, 2000, p.142.

intenções e tratamentos de outros pesquisadores; os relatos de viagem oitocentistas ao Brasil vêm sendo usados como fontes de pesquisa para historiadores e memorialistas, há mais de um século. Tais estudos geraram produções escritas na Europa e no Brasil, pouco após serem publicadas⁷, e fomentaram a historiografia brasileira até o presente momento.

Conforme iam sendo descobertos e compilados, os relatos iam sendo usados por estudiosos e comentadores interessados em solucionar suas questões de interesse. Nas décadas posteriores à virada do século XXI, a digitalização e a disponibilização de publicações de viajantes (entre outras fontes), empreendida por iniciativas públicas e privadas nos Estados Unidos da América e na Inglaterra, vem inundando sítios eletrônicos como o *archive.org* e *books.google.com* de obras digitalizadas de viajantes anglo-americanos, dentre elas, relatos de viagem ao Brasil.

Isso permitiu ainda mais que historiadores buscassem enriquecer o esforço de representação sobre o cotidiano no Brasil. Entretanto, para outros estudiosos, as digitalizações descortinaram um conjunto de oportunidades no que tange ao conhecimento sobre confrontos culturais. A acessibilidade a esses relatos e a outras publicações de época enriqueceu debates sobre a recepção das obras e pode nos ajudar a compreender aspectos desta relação internacional. Indo além de visões pós-colonialistas⁸ como a de Mary Pratt, é interessante ver o viajante para além dos interesses comerciais e colonizadores. O olhar e o registro de viagem não se limitavam apenas a esses tipos de preocupação, ainda que uma das consequências das viagens tenha sido o fortalecimento, por exemplo, da colonização de territórios e mentes⁹.

Miriam L. Moreira Leite destaca ainda a importância do viajante como fonte para a História Social. Segundo esta estudiosa, o viajante detinha a capacidade de detectar inconstâncias e incongruências no cotidiano de uma sociedade, as quais passavam muitas vezes

⁷ Como pode ser visto no recente estudo de LIMA, Carollina Carvalho Ramos de. *Os Viajantes estrangeiros nos periódicos cariocas (1808-1836)*. Dissertação (Mestrado em História) - UNESP, Franca, 2010.

⁸ O pós-colonialismo é um movimento que busca analisar a situação das antigas colônias europeias, após a descolonização. De grande força na teoria e na crítica literária, autores como Edward Said e Homi Bhabha produziram reflexões que abarcaram os relatos de viagem num contexto de dominação imperial no século XIX. Mary Pratt elaborou *Os olhos do império*, um ótimo exemplo de reflexão histórica e de crítica literária pós-colonialista. A visão extremista do viajante enquanto um agente imperial pode dificultar uma análise que busque alguma identificação do viajante estrangeiro (europeu) com um sujeito no Brasil fora da lógica da dominação cultural. Para mais ver: PRATT, Mary. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999; BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003; PASSETTI, Gabriel. *O mundo interligado: poder, guerra e território nas lutas na Argentina e na Nova Zelândia (1826-1885)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010, p.17.

⁹ Ver: PRATT, M. *Op.cit.*

despercebidas pela maior parte da população¹⁰. Mesmo com uma grande carga ideológica, que a própria autora faz questão de ressaltar, os viajantes se mostram úteis para uma observação das manifestações públicas e exteriorizações de fé, as quais tinham grande apelo de comunhão social, como era o caso dos funerais brasileiros de determinadas origens sociais. Ao mesmo tempo, o caráter civilizatório tomado pelos viajantes antes mesmo de chegarem ao Brasil, alcançava o nível de denúncia social, como é o caso de viajantes que denunciavam a situação dos escravos no Brasil¹¹, e se mostram fontes de grande valor para estudos das relações de poder e da cultura daqueles à margem da sociedade brasileira.

Compreendo o viajante como alguém que, em vida ou não, teve seu texto publicado após determinado tempo de visita a terras estrangeiras. Escolhendo apenas aqueles relatos produzidos acerca do Brasil, pretendi aprofundar minha pesquisa naqueles viajantes anglo-americanos os quais representaram em seus textos certo contato com a morte no século XIX enquanto em terras brasileiras. Thomas Lindley, Henry Koster, John Shilibeer, John Luccock¹², Alexander Caldcleugh, James Henderson¹³, Maria Graham, Robert Walsh¹⁴, William Henry Edwards, John Candler e Wilson Burgess, William Lewis Herndon, Thomas Ewbank¹⁵, Robert Bowne Minturn Jr., James Wetherell¹⁶, Herbert Huntington Smith, Daniel Parish Kidder¹⁷, Christopher Columbus Andrews, Hastings Charles Dent, George Gardner, James Holman e Charles Samuel Stewart¹⁸ foram viajantes anglo-americanos e estas escolhas se pautaram principalmente na diferença entre a história religiosa anglo-americana e a brasileira. Torrão Filho aponta que “relatos personalizados, em primeira pessoa, desejosos de dar uma visão pessoal e autoral da experiência da viagem (...) serão a norma em meados do século XIX”¹⁹.

¹⁰ LEITE, M. L. M. *Op.cit.*, 1997, p.9-10.

¹¹ Ver, por exemplo, observações esparsas como SHILIBEEER, John. *A narrative of the Briton's voyage, to Pitcairn's Island; Including an Interesting Sketch of the Present State of the Brazils and of Spanish South America*. London: Printed for Law and Whittaker, 1817, p.18; WALSH, Robert. *Notices of Brazil in 1828 and 1829*. London: F. Westley and A. H. Davis, 1830. Além desses, outros deixaram clara sua intenção no Brasil, como o quaker John Candler e o navegante Edward Wilberforce: CANDLER, John; BURGESS, Wilson. *Narative of a recent visit to Brazil: to present an address on the slave-trade and slavery, issued by the Religious Society of Friends* London: Edward Marsh, 1853; WILBERFORCE, Edward. *Brazil viewed through a naval glass: with notes on slavery and the slave trade*. London: Longman, Brown, Green and Longmans, 1856.

¹² Luccock esteve no Brasil entre 1808 e 1818.

¹³ Henderson esteve no Brasil entre 1819 e 1821.

¹⁴ Walsh esteve no Brasil entre 1828 e 1829.

¹⁵ Ewbank esteve no Brasil entre 1845 e 1847.

¹⁶ Wetherell esteve no Brasil, duas vezes, respectivamente entre 1843 e 1857, e entre 1858 e 1858 – quando faleceu em solo brasileiro.

¹⁷ Kidder esteve no Brasil entre 1837 e 1840.

¹⁸ Stewart esteve no eixo Brasil-Argentina-Uruguai entre 1850 e 1853.

¹⁹ TORRÃO FILHO, Amilcar. *A arquitetura da alteridade: a cidade luso-brasileira na literatura de viagem (1783-1845)*. Tese (Doutorado em História) - UNICAMP, Campinas, 2008, p.12.

As narrativas dos viajantes oitocentistas, principalmente aqueles não naturalistas, tomam rumos que fogem muitas vezes da descrição do local para se tornarem autobiográficas, descrevendo a experiência pessoal e expondo a opinião do viajante de modo claro. Separar a percepção e a opinião do viajante da do editor e da do público leitor é um trabalho interessante, mas não me presto a tanto. Considero, apenas, a existência desta relação tripla nos relatos com os quais estou lidando e assumo que a presença dos registros, da forma com que foram publicados possuía condescendência dos três, representando, assim, parte da cultura anglo-americana. Ao mesmo tempo, como afirmado acima, penso que a produção de relatos deste período poderia conter vestígios mais claros do interesse do viajante (e de seu grupo), de sua identidade e opinião de maneira menos limitada que outrora²⁰.

Ao escolher os oitocentos, engendo em minha escolha todo um contexto decisivo relativo à história do Brasil, à metodologia e à visão de mundo do viajante e às práticas ligadas à morte cristã nos países relacionados por esta pesquisa. Pretendo neste e nos capítulos seguintes, mostrar como cada uma destas questões gerou determinada imagem acerca da morte brasileira nos relatos e demonstrou determinadas faces dos viajantes ao retratar a morte.

Em 1808, o Brasil viveu um momento importante em sua história política: a chegada da família real portuguesa ao Rio de Janeiro. A transferência da corte se fez de imensa importância para a chamada “descoberta científica” do Brasil. Com a abertura dos portos para pesquisadores e demais viajantes multiplicou-se a presença dos viajantes e, conseqüentemente, a circulação de escritos e produções imagéticas acerca do Brasil, na Europa e nos Estados

²⁰ Cabe lembrar que, assim como havia diversas diferenças entre a economia e política europeia (e os diversos países) dos séculos XVI-XVIII, poderia haver também diferenças entre a sociedade e sua produção cultural. Penso que a produção de viagem (anglo-americana) foi diretamente afetada pela maior pluralização de pensamentos religiosos e científicos da sociedade inglesa. Ainda que a produção de relatos não espelhe completamente a gama de percepções presentes na sociedade, provavelmente os relatos oitocentistas poderiam conter visões e opiniões mais diversas do que em tempos anteriores, quando as viagens eram menos numerosas e de interesses diferentes. Ver: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2002; FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *A Construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII – Antologia de textos (1591-1808)*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2012.

Unidos. O Brasil se tornou um lugar a ser representado com maior liberdade²¹ e o brasileiro passou a ver o viajante estrangeiro com menos desconfiança do que acontecia anteriormente²².

Nos anos seguintes e após as guerras napoleônicas, houve o reestabelecimento das relações diplomáticas entre Portugal e as nações inglesa, francesa, austríaca e alemã, principalmente²³. Isso estimulou grande intercâmbio cultural e científico, bem como a cooperação econômica e política, gerando muitas das expedições que se tem notícia e diversas publicações de viajantes e comentadores.

Quando Alexandre [ou Alexander Von] Humboldt traçou o projeto de exploração e mapeamento do globo e dos continentes, no fim do século XVIII, enumerou a necessidade de estudo das plantas, dos animais e dos minerais, mas também dos homens, costumes e línguas encontrados. A maioria dos viajantes foi inspirada por esse projeto global de pesquisa, mesmo quando tinham propósitos políticos mais explícitos²⁴.

Os Estados Unidos da América, país de independência recente, estreitou seus laços com o Brasil após reconhecer sua independência em 1824, juntando-se assim à Inglaterra como os países anglófonos com mais próxima relação com o Brasil, o que contribuiu para o grande número de publicações ao longo desse século. Com diversas intenções, como já foi posto e exemplificado nos casos supracitados, viajantes desembarcaram em terras brasileiras principalmente após 1840²⁵ e publicaram seus relatos.

²¹ Afirmar que o Brasil não era visitado antes da autorização é demasiada inocência. A permissão portuguesa aumentou sim a presença de estrangeiros e as representações acerca do Brasil, porém a autorização joanina promoveu, segundo Lima, um aumento e não uma inauguração do Brasil lá fora. “Há uma relativa escassez de notícias sobre o Brasil na literatura estrangeira produzida nos períodos anteriores à vinda da família real ao país.” LIMA, Carollina Carvalho Ramos de. *Op.cit.*, p.10. Além desta, Katherine Manthorne também destaca que “O Brasil, até certo ponto de sua história, era simplesmente fechado aos estrangeiros. Viajar, particularmente para forasteiros, dentro dos domínios portugueses do Novo Mundo, foi virtualmente proibido pelas autoridades no século XVIII. Não o deixou de ser, até que a família real, fugindo do exército de Napoleão, no começo do século XIX, se refugiou nesta possessão, quando essa proibição foi então suspensa. Em 1808, Dom João abriu os portos brasileiros a todas as nações.” MANTHORNE, Katherine E. O imaginário brasileiro para o público norte-americano do século XIX. Revista USP no. 30. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996, p.60.

²² Passou-se a ver o viajante como um modelo de modernidade, principalmente no Rio de Janeiro Cf: LIMA, Carollina Carvalho Ramos de. *Op.cit.*, p.52

²³ Idem, p.14

²⁴ LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Op.cit.*, p.133.

²⁵ MANTHORNE, Katherine. *Op.cit.*, p.61

Tema frequente de discussões e considerações, a escravidão e o comportamento dos padres no Brasil foram criticados pelos mais conhecidos relatos de ingleses²⁶ e estadunidenses²⁷ e desenham as principais impressões que se pode fazer do que se buscava retratar do Brasil, principalmente por serem aspectos a se negar em suas terras natais. Importante lembrar que a escravidão ainda existia nos Estados Unidos no momento da publicação de muitos desses relatos.

Após a segunda metade do século XIX, os relatos publicados nos Estados Unidos e na Inglaterra se modificam. A intenção muda, as aspirações já não eram representar o Brasil dos centros urbanos e seus aspectos sociais. Multiplicam-se os relatos acerca das sociedades indígenas das regiões do norte brasileiro em estudos etnográficos riquíssimos. O Brasil passa a ser visto como uma nação de grande potencial por sua terra farta, por seus minerais e por seu líder esclarecido. A representação sobre a morte brasileira cristã míngua em rarefeitos escritos, se concentrando em pequenas descrições sobre a morte em regiões do interior do país e sobre momentos de práticas que lhes pareciam mais dignos de nota²⁸.

Desse modo, minha proposta consistiu em compilar relatos de viajantes que tiveram contato com a morte no Brasil e analisar seus registros. Enfocando a visão do estrangeiro sobre os eventos relatados, busquei viajantes de duas nacionalidades que visitaram o Brasil em um período cronológico de 80 anos. Após algum aprimoramento teórico das possibilidades de análise com essa fonte sobre o tema da morte e após um trabalho de sistematização, busquei ferramentas para entender melhor o impacto das observações desses viajantes no relato de viagem. Impulsionado pelo interesse e buscando encontrar padrões, optei por focar identidades nacionais e religiosas gerais e questões mais biográficas de cada viajante. Com mais ou menos sucesso em determinadas opções, organizei essa dissertação em 3 capítulos.

O capítulo 1, “Viajantes na História”, busca expor e discutir os usos dos relatos de viajantes por pesquisadores das Ciências Humanas relacionados à área dos estudos históricos. Após breves menções às obras brasileiras que julguei próprias, como Taunay, Gilberto Freire, Sérgio Buarque de Holanda, e também breves menções às questões proporcionadas pela

²⁶ “Quando Maria Graham diz que a “orquestra da ópera é composta, no mínimo, de um terço de mulatos”, talvez esteja hiperbolizando o fato a fim de levar a cabo seu projeto de demonstrar a capacidade do negro de assimilar valores brancos, opondo-se também às ideias que apontavam para a direção de que a mistura de raças levaria à degeneração.”. CERDAN, Marcelo Alves. Maria Graham e a escravidão no Brasil: Entre o olhar e o bico de pena de uma viajante inglesa do século XIX. *Cadernos de História Social*. v. 10 Campinas: Unicamp, 2003, p.147.

²⁷ “duas reclamações de todos os escritores norte-americanos que escreviam sobre o Brasil: crítica à escravatura e ao poder do clero católico” MANTHORNE, Katherine E. *Op.cit.*, p.68.

²⁸ Como a epidemia de cólera ocorrida no Ceará relatada pelo estadunidense H. H. Smith em sua publicação: SMITH, Herbert Huntington. *Brazil, the Amazons and the coast*. New York: C. Scribner's Sons, 1879.

psicologia teórica de Hayek e à hermenêutica de Palmer, culminei nos usos dessa fonte pela historiografia da morte no Brasil. Desse modo, esse capítulo contribui para que o leitor localize a presente dissertação nas premissas teóricas expostas.

O capítulo 2, intitulado “Um Retorno ao Viajante”, foi pensado para expor e discutir o viajante enquanto pessoa e a cultura religiosa do mesmo, já que nesse contexto histórico e grupo nacional é comum associar morte à religião. Abordo inicialmente o contexto histórico britânico para, em seguida, abordar viajante por viajante e reaplico o mesmo formato no caso dos estadunidenses. Os hábitos funerários e as crenças religiosas de ambos os grupos de anglo-americanos foram bastante explorados nesse ponto do trabalho por possibilitarem um possível contraponto, já que parto da premissa de que os hábitos funerários católicos poderiam ser diferentes dos hábitos funerários das igrejas reformadas. Os principais autores utilizados foram Peter Jupp, David Cressy, Pat Jalland, David Stannard, Eric Seeman e outros.

Finalmente, o capítulo 3 “Alteridade, Identidade e a Morte” pretende trazer à tona as reações dos viajantes perante manifestações culturais relacionadas à morte (sua expectativa e demais práticas associadas à consumação desse evento). Separando as reações favoráveis das reações depreciativas, busquei explorar padrões possíveis e elaborar conclusões a respeito dos temas mais lembrados e do período das observações. Ao mesmo tempo, busquei expor as reações inicialmente para facilitar críticas e discussões da minha percepção sobre a reação desses homens. Assim, cabe pontuar que descrições em que a posição do autor não fosse bastante clara foram lidas, sistematizadas, porém não discutidas nesse capítulo. Entretanto, creio que mesmo essa “neutralidade” contém em si possibilidades de análise: por que o viajante não produziu juízos? Quais momentos da cultura funerária foram representados frequentemente sem explicitação de juízo de valor? O que essa aparente “neutralidade” permite afirmar sobre as reações dos viajantes perante a morte no Brasil?

CAPÍTULO 1

VIAJANTES NA HISTÓRIA

Capítulo 1

VIAJANTES NA HISTÓRIA

Os relatos de viajantes vêm sendo usados ao longo da história na pesquisa histórica como testemunhos de uma realidade social anterior. Espera-se então retirar de seus escritos a resposta para as perguntas realizadas pelo pesquisador que os aborda com o tratamento que compreende ser mais próprio. Em estudo sobre as relações entre criollos e indígenas e colonos ingleses e nativos da Oceania, realizado na USP em 2010, Gabriel Passetti abarca os relatos como uma das principais fontes para o estudo dos momentos de contato, da conquista, da colonização, da circulação de ideias em determinadas regiões, das construções geradas a partir da alteridade²⁹. Tal percepção é um bom ponto de partida para este trabalho, pois ajuda a resumir a principal premissa que norteou meu trabalho com os relatos dos viajantes.

1.1 – Abordagens iniciais de pesquisadores e as obras de viagem.

De modo geral, o trabalho com relatos de viagem pode render diferentes resultados. Assim como diversas outras fontes, eles respondem a um espectro de perguntas variável conforme o interesse do pesquisador em seu tempo. Os limites desta fonte são claros e já no período dos pesquisadores supracitados (início do século XX) estavam sendo apontados. Seus potenciais, por outro lado, ainda vêm sendo explorados desde aquela época até hoje. Alguns dos livros de viagem foram traduzidos nas primeiras décadas do século XX, porém muitos permaneceram em sua língua mãe nas bibliotecas brasileiras e estrangeiras. Desse modo, independente da abordagem realizada à fonte, seu acesso foi bastante limitado a pesquisadores que pudessem viajar às grandes bibliotecas nacionais ou internacionais uma vez que o trabalho do historiador interessado em viajantes, muitas vezes, envolvia uma viagem. A intenção do pesquisador sempre foi o grande definidor da abordagem e a História em sua finalidade factual exigia rigidez maior que uma opinião misturada à descrição do fato; a descrição do viajante se

²⁹ PASSETTI, Gabriel. *Op.cit.*, p.16.

adequava, ou não, a outros indícios fornecidos por fontes mais confiáveis. O viajante passava por um crivo que poderia muito bem rotulá-lo como confiável ou não. Essa percepção ainda existe, por certo, não por ignorância ou desprezo perante o relato de viagem, mas por um reconhecimento do relato enquanto limitado para certos intentos de pesquisa. O que permanece importante, para além do uso e da crítica, é o conhecimento sobre a fonte aplicada a certo contexto, como pretendo fundamentar e executar ao longo dos capítulos seguintes.

A História enquanto campo de estudos também permite este tipo de raciocínio: pode render diferentes resultados dependendo da metodologia aplicada na pesquisa, dependendo de onde o pesquisador se localiza no tempo/espaço e de onde ele quer chegar com as fontes que se propõe a trabalhar. Essa ideia, ainda que autoevidente para uns, é importante do ponto de vista teórico para que possamos transcender tensões como a expressada por José E. Mindlin de que “deve ser muito mais fácil escrever um livro do que um artigo sobre viajantes”³⁰. Considerando que tal fonte é profusa em número e em informações contidas, é necessário que o pesquisador as aborde com seu objetivo e escreva seu trabalho consciente da provável necessidade de síntese das informações coletadas nas fontes e da característica de repetição, padrão do gênero literário deste recorte. Desde os primeiros usos isso vinha sendo feito, entretanto, imperava uma busca pela verdade³¹ e a conseqüente separação entre o verdadeiro e o falso na fonte. Essa força motriz, ainda que não fosse o grande motivo da pesquisa, detinha função epistemológica diferente da crítica de fonte atual, como me proponho nesse texto.

Assim, penso que um aprofundamento é necessário devido aos diversos paradigmas recentes os quais envolvem diretamente o presente trabalho. Escolho, no momento, me dedicar brevemente a algumas questões que julgo principais para a compreensão da relevância dos relatos oitocentistas na importância delegada ao Relato de Viagem ao longo dos anos enquanto fonte de estudos pela historiografia recente e no uso possível dos relatos de viagem em análises sócio-culturais.

Ainda que não seja a intenção deste trabalho desenvolver uma história dos relatos de viagem, é importante lembrar que sua produção e seu uso pela sociedade remetem aos tempos de Heródoto³², mas os relatos não possuem o mesmo padrão de informações e características literárias. Penso que não é prudente tratar toda literatura de viagem da mesma

³⁰ MIDLIN, José E. “Viajantes no Brasil: viagem em torno dos meus livros”. *Revista de Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, 1991, p.35.

³¹ MATOS, Odilon Nogueira de. Apresentação. IN: TAUNAY, Afonso de Escragnoille. *Zoologia Fantástica do Brasil* (Séculos XVI e XVII). São Paulo: Edusp, 1999, p.13.

³² Como destacou: HARTOG, François. *The Mirror of Herodotus: The representation of the other in the writing of History*. Los Angeles: University of California Press, 1988.

maneira e com as mesmas expectativas. Reconhecendo diferenças entre esses textos ao longo do tempo, afirmo um ponto em comum: desde Heródoto até a atualidade é possível identificar no relato os aspectos da identidade do narrador em seu texto sobre o outro. Há, na literatura de viagem, o desenvolvimento de uma representação de identidades do observado e do observador. Entretanto,

*A identidade expressa pela narrativa das histórias não é um conteúdo fixo e definitivo. O que se é depende sempre do que os demais o deixam ser e do que se quer ser, na relação com os outros. Identidade é, por conseguinte, um processo social de interpretação recíproca de sujeitos que interagem entre si. (...) A constituição da identidade efetiva-se, pois, numa luta contínua por reconhecimento entre indivíduos, grupos, sociedades, culturas, que não podem dizer quem ou o que são sem ter de dizer, ao mesmo tempo, quem ou o que são os outros com os quais têm a ver*³³.

Reconhecer as diferenças³⁴ entre o relato produzido na Antiguidade e o relato de viagem moderno e contemporâneo, o público alvo de ambos e a função destes³⁵ para cada sociedade no tempo permite que o pesquisador analise a fonte com menor chance de ainterpretar com superficialidade. As especificidades do relato de viagem ao longo do tempo podem ser introjetadas pelo pesquisador que deseje desenvolver seu trabalho consciente da História da fonte usada por ele.

Pode-se dizer que o uso desta fonte, o relato, e as expectativas do estudioso perante tal se modificaram, acompanhando (ou não) as diferentes vertentes teóricas que influenciaram o trabalho do historiador nos mais de 170 anos de existência institucional da ciência histórica no Brasil e de valoração do trabalho do historiador perante a sociedade, através do IHGB³⁶. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro foi fundado em 1838 para fomentar a pesquisa e ensino público da História do Brasil como forma de fomentar o Estado Imperial³⁷. Naturalmente, existem claras diferenças epistemológicas entre o historiador atual e o

³³ RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica - Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Editora UnB, 2001, p.86.

³⁴ Como nos permite TODOROV, Tzvetan. A viagem e seu relato. *Revista de Letras*. V.39, Assis, 1999, p.13-24.

³⁵ Além de Todorov, citado acima, ver: DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do Povo: Sociedade e cultura no início da França moderna - oito ensaios* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p.177.

³⁶ Usando como base aqui o ano de fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Não desconsidero a possível existência de estudos anteriores os quais podem ter usado relatos, entretanto enxergo tal marco como decisivo para a valoração dos estudos históricos no Brasil.

³⁷ O estudo e reconhecimento das histórias nacionais tinha direta relação com o fortalecimento dos Estados Nacionais no início do Século XX.

historiador contemporâneo aos primeiros usos desta fonte desde o IHGB³⁸: encaramos atualmente, talvez de forma injusta, a historiografia do XIX como uma mais voltada às questões políticas, as quais buscavam apoiar um status científico³⁹ ao trabalho do historiador. Na verdade, a própria figura do Historiador era diferente; antes ligada a uma figura intelectual e erudita, mas sem estudo formal específico na área e hoje ligada à obtenção de títulos acadêmicos (Bacharelado, Mestrado e Doutorado).

Como já foi posto aqui, os relatos de viajantes eram usados, entretanto era necessária uma classificação de veracidade, de autenticidade do relato. Havia também aqueles que, inferindo menos prestígio, consideravam os relatos de viagem e testemunhos de época como apaixonados e, portanto, menos sinceros⁴⁰.

A literatura de viagem está presente na historiografia brasileira desde a criação do Instituto Histórico e Geográfico (...). Gilberto Freyre, um dos principais autores a dar atenção à vida íntima na história do Brasil, fez muito uso destas fontes. Para o conhecimento de nossa história social, diz ele, “não há talvez fonte de informação mais segura que os livros de viagem de estrangeiros”; mas impunha-se uma discriminação cuidadosa “entre os autores superficiais ou viciados por preconceitos”, como Thevet, Expilly ou Debadie, daqueles que o autor considera “os bons e honestos da marca de Léry, Hans Staden, Koster, Saint-Hilaire, Rendu, Spix, Martius, Burton, Tollenare, Gardner, Mawe, Maria Graham, Kidder, Fletcher”⁴¹.

Assim, por um lado, a presença de informações inexatas, equivocadas e de opiniões agressivas sobre o Brasil poderia ser motivo de crítica e abandono da fonte. Por outro lado, havia também a ideia de que outras informações poderiam ser captadas, à medida que se delegasse ao viajante a função de testemunha ocular⁴² de eventos podendo valer assim "como

³⁸ Considerando o ano de fundação desta instituição, coloco-a como parâmetro devido ao fato de que ela incentivou muitas viagens e procurou trabalhar com essas fontes para escrever a História do Brasil. Levando em conta a diferente natureza do relato de viagem pós XVIII, o IHGB já foi apresentado a um conteúdo nos relatos mais próximo daquilo que interessa a esta pesquisa e por isso é posto como marco.

³⁹ Importante citar o intento de Ranke como exemplo: “A primeira ‘história científica’ foi formulada por Ranke no século XIX, baseada no estudo sobre novas fontes materiais. Pressupunha-se que a crítica textual cerrada de registros desconhecidos enterrados em arquivos de Estado poderia estabelecer, de uma vez por todas, os fatos da história política.”. STONE, Lawrence. O Retorno da Narrativa: Reflexões sobre uma nova velha história. IN: NOVAIS, Fernando Antônio; SILVA, Rogério Forasteri da (orgs). *Nova História em Perspectiva*, v.2. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p.11.

⁴⁰ TORRÃO FILHO, Amilcar. *Op.cit.*, p.121.

⁴¹ TORRÃO FILHO, Amilcar. *Op.cit.*, p.47.

⁴² Idem.

fontes primárias especialmente confiáveis" ⁴³, e a viagem seria um método “pelo qual o historiador pode conferir *in loco* o que as fontes escritas dizem” ⁴⁴.

Parte de um contexto importante para o desenvolvimento científico no Ocidente e para o conhecimento do Brasil pelo próprio brasileiro⁴⁵, a literatura de viagem moderna serviu às sociedades interessadas em seu conhecimento sobre as regiões mais longínquas do mundo. Na ciência, os relatos fizeram parte de uma divisão de trabalho científico⁴⁶ e na economia fomentaram investimentos em mercados consumidores e em possibilidades de produção e de exploração de matéria prima. Nesses e em outros usos possíveis, os relatos contribuíram para a formação de ideias (e julgamentos⁴⁷) sobre os povos e as regiões descobertas e sobre os próprios descobridores e suas regiões de origem. A literatura de viagem à América, idealmente, buscava descrever povos e recursos por meio de descrições, litografias e coleta de testemunhos coletados no solo estrangeiro. Sua importância era minimizada por uns e valorizada por outros⁴⁸, mas, em todo caso, por pelo menos três séculos essas publicações eram as únicas maneiras possíveis de se tomar conhecimento sobre a América⁴⁹. Boa parte dos principais argumentos de apoio à viagem focava na capacidade do viajante em observar seu interesse em seu local de origem e com seus semelhantes; valorizava a capacidade de observação e interrelação do objeto observado em seu habitat original. Esse argumento funcionou bem para a justificação da viagem para fins científicos.

Cabe ressaltar também que nem toda produção (e conclusão) sobre as Américas foi feita por estrangeiros que visitaram o continente ou mesmo nem toda produção e conclusão se

⁴³ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006, p.133.

⁴⁴ TORRÃO FILHO, Amilcar. *Op.cit.*, p.119.

⁴⁵ “O Brasil não era suficientemente conhecido pelos brasileiros, pois estes não viajavam daí a necessidade de apresentar o país aos seus habitantes para que eles se reconhecessem, com as suas peculiaridades, na história mais geral do país” TORRÃO FILHO, Amilcar. *Bibliotheca Mundi: livros de viagem e historiografia brasileira como espelhos da nação. Revista Projeto História*. V.42, São Paulo, 2011, p.114.

⁴⁶ Do qual fazia parte, além do viajante, o “pesquisador de biblioteca” o qual compilava estudos de viajantes e produzia um conhecimento científico dentro do tema escolhido e da concepção contemporânea de ciência. Uma larga discussão se deu neste período acerca da importância de cada um destes. De um lado o viajante se afirmava enquanto estudioso que poderia ser objeto de estudo em seu ambiente original e que seria capaz de investigá-lo em suas conexões. Do outro lado estaria o pesquisador, não viajante, que se afirmava por ter acesso a outros estudos, e outros viajantes, sendo capaz assim de ver num horizonte mais amplo e de enxergar o objeto de estudo sem tamanha excitação de momento - considerado ruim numa ciência que se pretendia racional e imparcial.

⁴⁷ FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Op.cit.*, p.283-285.

⁴⁸ Lorelai Kury ressalta a dificuldade envolvida na decisão de se viajar para terras distantes: não somente pelo perigo potencial da aventura “mas também devido ao fato de que a comunidade científica não era unânime quanto à valorização do trabalho do viajante.” KURY, Lorelai. *Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. Hist. cienc. saude*, vol.8, 2001, p.864.

⁴⁹ FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Op.cit.*, p.41-42.

embasou em viagens de fato⁵⁰. Nem sempre respeitando um método específico⁵¹, os relatos de viagem dos séculos XVI-XIX seguiram sendo produzidos, muitas vezes se apoiando em repetições do que era dito por outros viajantes, como forma de legitimação.

*gênero em que a originalidade não era propriamente um valor, e a “verdade” daquilo que era relatado dependia, em larga medida da reprodução do já dito e da confirmação de certas expectativas compartilhadas pelos apreciadores do gênero, pelos leitores.*⁵²

Ainda assim, em meio a essas repetições, diversas foram as ideias destruídas ou transformadas com os viajantes mesmo nos primeiros séculos de exploração e de publicação de relatos.

*Não haverá grande exagero em dizer-se daqueles homens que, alheios, embora, às ruidosas especulações, puderam, com seu tosco realismo, inaugurar novos caminhos ao pensamento científico (...), pelo simples fato de terem desterrado alguns velhos estorvos ao seu progresso. (...) e com esse rasgo audaz os nossos pilotos articulam, ao mesmo tempo, os primeiros desmentidos à ciência oficial*⁵³.

Sendo mais preciso em meu recorte, no século dezenove os relatos eram parte de um mesmo contexto de crescimento do capitalismo no mundo, de embaratecimento de livros e de consolidação dos Estados Nacionais. Nesta época, cresceu imensamente a viagem desenvolvida por interesse em novos Mercados, por interesse artístico, por interesse de conhecimento sobre outra nação e com interesse de consumo por entretenimento. O comércio, as relações entre Estados, as artes e a literatura impulsionaram a produção de relatos de viagem, já ascendente desde o XVII⁵⁴, e permitiram que diferentes aspectos da sociedade brasileira fossem estudados por historiadores ao longo do tempo. O XIX, portanto, com a abertura dos portos e com a crescente produção sobre o Brasil foi fundamental para a existência profusa de fontes de pesquisa.

⁵⁰ Citados por Jean França, Georges-Louis Leclerc e Corneille de Pauw são dois exemplos de pensadores que afirmaram que o continente americano era “fraco e imaturo”, mesmo não tendo vindo ao território. FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Op.cit.*, p.41.

⁵¹ Como o do Conde Volney, que exaltava em seus escritos oitocentistas a necessidade por sensibilidade e neutralidade no trabalho dos viajantes contemporâneos. Cf: TORRÃO FILHO, Amílcar. *Op.cit.*, 2008, p.3.

⁵² FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Op.cit.*, p.52.

⁵³ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Op.cit.*, p.12.

⁵⁴ FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Op.cit.*, p. 35.

Obras muito relevantes, que utilizaram esta literatura, foram lançadas do fim do século XIX⁵⁵ até o início do século XX⁵⁶, dentre eles Tunay e Capistrano já foram mencionados aqui. Não seria correto falar em relatos de viajantes, ou ainda de pesquisa com relatos de viagem sem citar os esforços fundamentais de prestimosos indivíduos como Afonso Taunay e Capistrano de Abreu. O primeiro era bastante interessado em questões coloniais, principalmente relacionadas à figura do bandeirante e à província de São Paulo; o segundo também se interessava na História Colonial brasileira, e possuía grande interesse em debates com a produção de Varnhagen.

Afonso Taunay (1876-1958), de origem nobre, era filho do Visconde Alfredo Taunay (1843-1899) famoso observador do Mato Grosso durante a Guerra do Paraguai na qual atuou como engenheiro militar. Alfredo Taunay é autor de *A Retirada de Laguna*, *Cenas de Viagem*, do romance *Inocência*, entre outros. Entendido como um viajante singular por mostrar o Brasil interiorano e não apenas as capitais de províncias, o Visconde teria sido importante na construção de uma identidade Romântica brasileira⁵⁷ no fim do XIX não ligada apenas à capital nacional.

O filho, Afonso Taunay, por inspiração de Capistrano de Abreu - seu mestre em tenra idade⁵⁸ - buscava esgotar as fontes de modo a não deixar material para outros⁵⁹. Seria Taunay, segundo Anhezini, um historiador com grande admiração aos metódicos franceses, Langlois e Seignobos. Curiosamente Afonso, por formação, era engenheiro civil, mas demonstrando interesse pela memória foi diretor do Museu Paulista e teve grande contato com o IHGB. Usando relatos de viagem sobre as “criaturas” dos trópicos, o filho do Visconde-viajante realizou seu *Zoologia Fantástica do Brasil* revisando, complementando e republicando-o ao longo dos anos que seguiram sua publicação original (1934) de modo a adicionar mais e mais reflexões e material. Capistrano de Abreu e Taunay, historiadores, buscavam nos relatos de viagem fontes para informações e fomentavam críticas às ideias dos viajantes.

⁵⁵ Por exemplo: TAUNAY, Afonso E. de. Estrangeiros ilustres e prestimosos. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* – IHGB, t. LVIII, parte II, 1895. Outras publicações da revista podem ser acessadas com relativa facilidade no site do Instituto: <http://www.ihgb.org.br/rihgb.php?s=19/>

⁵⁶ Ex: MELLO-LEITÃO, Candido de. *Visitantes do primeiro império*. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1934; _____. *O Brasil visto pelos ingleses*. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1937; ROCHA, Levy. *Viajantes Estrangeiros no Espírito Santo*. Brasília: Editora de Brasília, 1971;

⁵⁷ CASTRILLON-MENDES, Olga Maria. Taunay viajante: uma contribuição para a historiografia literária brasileira. *Revista do IEB*, n.46, 2008, p.222-225.

⁵⁸ TAUNAY, Afonso. Discurso de posse na Presidência Honorária do Instituto. *RIHGSP*, v.37, p.10-11, 1939.

⁵⁹ Como afirmou: ANHEZINI, Karina. Teoria e metodologia na escrita da História no Brasil: Afonso de Taunay e a Academia Brasileira de Letras. *Revista Dimensões*, Vitória, v. 24, 2010, p.94.

O trabalho desses mestres iniciais contribuiu não apenas para a compilação de fontes, mas também para a abordagem destas. José Honório Rodrigues, contemporâneo de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, segundo Ítala B. M. da Silva, teria enfatizado a separação entre análise exclusivamente estética de textos literários e historiográficos, da crítica histórica. Por exemplo, quando se abordava o texto por seu viés de estilo apenas, segundo a autora, “muitas vezes proporcionava uma visão dos textos de cronistas e viajantes coloniais como de pouco valor”⁶⁰. Segundo ela, Capistrano de Abreu teria sido um dos primeiros autores a executar essa separação, crítica estética e crítica histórica na pesquisa, daí um dos grandes valores de sua abordagem.

Endereço-me agora aos livros de imensa importância produzidos pela fecunda geração brasileira dos anos de 1930-40 os quais permitiram outras reflexões importantes para a feitura deste trabalho. Obras como *Visão do Paraíso* (1959) por Sérgio Buarque de Holanda e *Inglese no Brasil* (1948) por Gilberto Freyre, por seu foco transdisciplinar e intenção prolífica, ainda que não sejam as primeiras ou mais extensas obras sobre o Brasil dos viajantes, são ainda bastante atuais. Mais debatida e reeditada, a obra de Holanda dispensa longos comentários. Entre outras características, ela historiciza ideias sobre as regiões não europeias do globo e demonstra a destruição e a permanência de inverdades, imprecisões e mitos contidos e construídos nos relatos de viagem que foram apropriados pela sociedade antes e depois do período das Navegações Modernas. A participação de viajantes é central neste processo de transformação das ideias sobre os diversos pontos do globo: para a geração de mitos com Marco Polo (Séc. XIII), para a permanência de outros mitos com Cristóvão Colombo e para a negação destes com viajantes cientistas – apenas para dar alguns exemplos. A América é vista por Holanda como uma ideia a ser construída em relação à Europa eo reconhecimento desta dependência de perspectiva (quando se usa o relato do europeu) e da posição de dominância que guia a identificação julgamento e decisões do viajante é uma das grandes lições que se pode tirar desta leitura.

Num recorte diferente do usado por Holanda, a obra freyreana citada ressalta o desenvolvimento de uma dominação econômica e moral dos Ingleses sobre o Brasil, empreendida após a chegada da família real no Brasil⁶¹. Ao mesmo tempo, ela destaca a

⁶⁰ SILVA, Ítala Byanca Morais da. Anotar e prefaciá a obra do “mestre”: reflexões de José Honório Rodrigues sobre Capistrano de Abreu. *Revista de História da Historiografia*, Ouro Preto, n.3, 2009, p.90.

⁶¹ Ver Introdução de: FREYRE, Gilberto. *Inglese no Brasil: Aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1948.

influência mútua entre as culturas, uma interpenetração que permitiu observações de brasileiros se apropriando de hábitos ingleses e ingleses se apropriando de hábitos brasileiros⁶². A atualidade do autor está presente, também, em reconhecer limites nas ciências isoladamente, inspirando assim uma pesquisa que envolva História, Antropologia, Psicologia e Sociologia, para o estudo do passado – algo realizado também pelo grupo envolvido com a revista *Annales*. Destacando a importância do estudo de conflitos culturais em relação aos indivíduos (viajantes) para o entendimento da sociedade, Freyre coloca

Pois o que se procura estudar nas relações entre pessoas, ou interpessoais, não é tão diverso do que se procura estudar nos choques entre sistemas sócio-culturais antagônicos – choques interculturais – constituídos como são os sistemas, de pessoas, e inseparáveis como são estas pessoas dos sistemas dentro dos quais passam de indivíduos a pessoas ⁶³.

Busquei, nesse item, demonstrar questões iniciais ao trabalho com os relatos de viagem e ao mesmo tempo expor pontualmente questões de alguns dos principais pesquisadores a essa fonte de estudos. Com a citação anterior de Freyre, reconheço a herança que tenho com sua concepção do trabalho com relatos de viagem e finalizo este item conectando-o ao que segue. O próximo item seguirá o mesmo padrão deste que aqui finalizo, entretanto com ele buscarei realizar paralelos entre minha relação com historiografias mais recentes e as concepções que me aproprio para realizar meu intento. A historiografia das mentalidades e cultural pós-1960 serão as principais lembradas. Em conjunto com breves passagens na Historiografia, serão abordadas duas das questões principais e das mais atuais, relacionadas a esses movimentos e que nortearam essa pesquisa: *alteridade/identidade e percepção*.

1.2 – Literatura de Viagem e Ideias Pós-Annales.

Desde as produções historiográficas (e memorialísticas) feitas nos primeiros anos do IHGB até publicações mais recentes fomentadas pela digitalização de fontes, os relatos de viagem vêm sendo usados por estudiosos da História, da Antropologia, da Crítica Literária e de outros campos⁶⁴.

⁶² Exemplo claro de ingleses ‘abrasileirados’ citado em: FREYRE, G. *Op.cit.*, p.35.

⁶³ Idem. p.34.

⁶⁴ Não ignoro as demais produções filosóficas anteriores que se inspiraram ou se basearam em conhecimento produzido por viajantes, como, por exemplo, Rousseau e o “bom selvagem”. Entretanto, no momento me interessa focar especificamente no Brasil desde sua fundação e na produção das Ciências Humanas citadas desde então.

A historiografia das diversas gerações dos *Annales* e de correntes culturalistas de influência marxista, com seu interesse voltado a análise da sociedade, economia e da cultura, contribuíram para um fortalecimento dos viajantes enquanto elementos centrais para o entendimento da sociedade brasileira de outrora. Esse aproveitamento é devido à valorização dos registros desses estrangeiros das representações elaboradas pela sociedade brasileira oitocentista e sobre a mesma. Tal processo se deu, em grande parte, pela chegada no Brasil de discussões teóricas ligadas à aproximação entre temas e métodos das ciências sociais - e devido a noção de *mentalidade*⁶⁵ - os quais contribuíram para popularizar “a esfera da pesquisa histórica para além do econômico e, sobretudo, do político”⁶⁶. A inexatidão de alguns dados fornecidos por viajantes poderia ser vista então como representativa para conclusões para além do falso e verdadeiro – para além do exato ou errôneo, o que foi motivo de crítica de partidários do uso de outras documentações ou mesmo da vertente quantitativista⁶⁷ dos *Annales*. Acompanhando as expectativas fortalecidas neste período, o trabalho com viajantes permitiu (e ainda permite) ao pesquisador “um tratamento deliberadamente histórico das ‘maneiras de sentir e de pensar’”⁶⁸ focadas no entendimento do indivíduo ou no fomento de um entendimento coletivo. Tal entendimento coletivo e individual permitiu a elaboração de explicações que poderiam remeter à noção de mentalidade coletiva. A Psicologia, então, também passa a ser ‘cortejada’ por estudiosos da História⁶⁹. Com esta linha de estudos, me atentei às questões como *percepção* e *sensibilidade* e coletei o tema (morte) acompanhando a linha de História da Morte no Brasil.

Mesmo após o enfraquecimento da ideia de mentalidade na historiografia e com o fortalecimento do conceito de representação⁷⁰ pela História Cultural, importantes estudos que buscavam manifestações culturais nos relatos de viajantes continuaram. Estudiosos com vínculos significativos em outras áreas de estudo como Antropologia, Sociologia e Estudos Literários também contribuíram imensamente para o conhecimento dos viajantes e de suas observações no Brasil e para conceituações e métodos importantes para o historiador interessado⁷¹.

⁶⁵ "Nas suas grandes linhas, a história das mentalidades construiu-se aplicando aos novos objectos os princípios de inteligibilidade utilizados na história das economias e das sociedades" CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1988, p.15.

⁶⁶ RICOEUR, Paul. *A Memória, a História e o Esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010, p.201

⁶⁷ Sobre a vertente cliométrica da História, ver: HAMEROW, Theodore S. *A Nova História e a Velha*. IN: NOVAIS, F. A.; SILVA, R. F. *Op.cit.*, p.302-314.

⁶⁸ RICOEUR, Paul. *Op.cit.*, p.202.

⁶⁹ Por exemplo: VERNANT, Jean Pierre. *Mito e Pensamento entre os Gregos*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1990.

⁷⁰ Em Roger Chartier e outros. Ver: CHARTIER, Roger. *Op.cit.*

⁷¹ Por exemplo: BHABHA, Homi K. *Op.cit.*; TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1982.

Da mesma forma, cresceram nos meios acadêmicos as reflexões críticas em tom de denúncia sobre a presença e o desenvolvimento histórico da dominação externa na América, Ásia e África, principalmente após a queda do colonialismo europeu pós-guerra. O intercâmbio de intelectuais oriundos de países dominados para seus dominantes europeus fomentou a difusão mundial das análises sobre o mundo colonial. Homi Bhabha e Stuart Hall são dois exemplos chave desta nova forma de encarar a cultura produzida nos tempos de colônia e da luta para superar a dependência político-econômica e eurocentrismo cultural ainda presente. Os relatos de viagem passaram a ser usados de maneira central para análises da construção da dominação ao longo do tempo. Ao mesmo tempo, dois conceitos se centralizam e emergem em trabalhos nesta linha da qual também clamo ser herdeiro: *identidade e alteridade*.

Chegando finalmente às décadas mais próximas, influenciadas por essas forças anteriormente postas, atesto: destaque merece ser dado aos brasileiros Miriam Lichvitz Moreira Leite⁷², Ilka Boaventura Leite⁷³ e Jean Marcel de Carvalho França⁷⁴ e à canadense Mary Louise Pratt⁷⁵. Muito do que foi expresso nos parágrafos anteriores foi apropriado e desenvolvido nas últimas décadas por esses autores citados. Outros também contribuíram para a difusão desses conhecimentos no Brasil e de explicações sobre o viajante e seu relato, os quais foram publicados em livros⁷⁶ e artigos que, inclusive, já fomentaram dossiês⁷⁷. Fica claro então que este trabalho busca reconhecer a pluralidade das análises feitas sobre os relatos e a necessidade de se apropriar de ferramentas de outras disciplinas. Poucos dos autores citados nesse parágrafo têm (ou tiveram) sua última ocupação numa cadeira de um Departamento de História, como é o caso de Jean Marcel França, por exemplo, que possui formação em História, em Sociologia e em Estudos Literários. Estudar viajantes oitocentistas pode levar o pesquisador a perscrutar por diversas áreas do conhecimento.

A historiografia recente, que não ignora a importância de se pensar sobre os viajantes, produziu apontamentos válidos sobre a produção do relato. Por exemplo, no dossiê

⁷² LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Op.cit.*, 1997; LEITE, M. L. M. et.al. *A Mulher no Rio de Janeiro no Século XIX*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1982.

⁷³ LEITE, Ilka Boaventura. *Antropologia da Viagem: Os Negros em Relatos do Século XIX*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

⁷⁴ FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Visões do Rio de Janeiro Colonial*. Antologia de Textos (1531-1800). 1. ed. Rio de Janeiro: EDUERJ; José Olympio, 1999; FRANÇA, J. M. C. *Op.cit.*, 2012.

⁷⁵ PRATT, Mary Louise. *Op.cit.*

⁷⁶ Como: ANJOS JÚNIOR, João Alfredo dos (Org.) *Viajantes ingleses no Nordeste do Brasil no século XIX*. Recife: Fundaj; Instituto de Documentação. Biblioteca Central Blanche Knopf; The British Council, 1991; CALDEIRA, José de Ribamar C. *O Maranhão na literatura dos viajantes do século XIX*. São Luís: Academia Maranhense de Letras; Edições AML/Sioje, 1991.

⁷⁷ Ver coletânea “Brasil dos Viajantes” publicado pela Revista USP e *Revista USP*, n. 30. Dossiê Brasil dos Viajantes. São Paulo: USP CCS, 1996, junho/julho/agosto. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/30/SUMARIO-30.htm>, Acessado em: 04/02/2014.

“O Brasil dos Viajantes”, publicado pela Revista USP, após apenas ler os títulos dos artigos se mostra evidente que não se trata mais somente de captar conhecimento sobre o Brasil nos relatos: *O front brasileiro na guerra verde: vegetais, colonialismo e cultura*, de Nicolau Sevcenko; *Entre cultura e natureza – ambiguidades do olhar do viajante* de Maria Alzira Seixo e *Apontamentos musicais dos viajantes* de Anna Maria Kieffer. Nestes e nos outros textos percebe-se a abertura temática para o uso dessas fontes e a absorção de discussões sobre colonialismo, alteridade, imaginário e etc. Isso demonstra a consolidação da necessidade de diálogo com outras esferas do conhecimento, como a crítica literária, antropologia, estudos culturais e outros. A necessidade da averiguação da veracidade do relato passa a acompanhar discussões sobre a perspectiva e intenção do viajante.

Questão premente para alguns, a ideia acerca do relato de viagem enquanto expressão de um imperialismo que se retroalimenta (dominador/dominado) foi levantada por estudiosos associados ao pós-colonialismo. Exponentes, como os já citados Homi Bhabha⁷⁸ e Mary Louise Pratt, percebem o viajante enquanto um agente imperial detentor de um discurso legitimador da situação colonial e do eurocentrismo. Freyre já reconhecia o discurso imperialista presente no relato⁷⁹, entretanto ele ressaltou também as variações em seus discursos não explicáveis por modificadores exteriores do espaço-tempo. É necessário ter em mente que a literatura de viagem de fato desempenhou um importante papel na dominação europeia da região americana e que, muito menos óbvia que a dominação militar, a dominação de mentes existiu e foi reconhecida pelos pós-colonialistas. Não busco questionar a existência de uma função dominadora no relato, entretanto resalto que para este estudo é importante perceber que havia uma individualidade presente no relato do viajante e esta não trabalhava necessariamente para subjugar o outro.

São diferentes os significados encontrados em relatos de viagem, dependendo de diversas variáveis individuais e coletivas. Discutirei isso com mais profundidade mais à frente, entretanto adianto que acredito, assim como Andrew Hadfield (1995), que as descrições de encontros possuíam diferentes significados, dependendo da situação. Hadfield coloca que mesmo os leitores do período colonial poderiam não ter tanta certeza do que fazer e entender a respeito das evidências com as quais eram apresentados. Haveria, portanto, um perigo em leituras teleológicas de historiadores contemporâneos ao tentar encaixar necessariamente toda a produção de viagem no processo de colonialismo “e considerar que os resultados que nós

⁷⁸ BHABHA, Homi K. *Op.cit.*

⁷⁹ FREYRE, G. *Op.cit.*, p.30-31.

observamos foram sempre uma consequência inevitável das ações iniciais ou intenções dos atores originais, propagandistas e historiadores”⁸⁰.

Classificar o estranhamento do viajante estrangeiro como puro imperialismo cultural é desconsiderar a percepção individual a qual vale tanto para os estrangeiros que estranhavam brasileiros quanto para os brasileiros que estranhavam estrangeiros. Como destaca o supracitado Gilberto Freyre, existem reações dos viajantes que não podem ser explicadas com generalizações como, penso, as possibilitadas por essa visão pós-colonialista. Da mesma forma, Pasetti reconhece o valor dessa visão, mas argumenta que os críticos de Pratt atestam para o perigo da homogeneização do viajante enquanto agente imperial⁸¹. Vertentes marxistas também buscaram inserir o viajante em um contexto de conflito de classes e dominação capitalista sobre a natureza e sobre outros homens⁸².

Haveria mais a se explorar do viajante, para além de sua importância enquanto testemunhas dos eventos do passado? Para além de fontes para a observação da cultura das sociedades? Para além de delatores não intencionais da dominação imperial e capitalista? Penso que sim.

Para que seja possível ir além dessa visão, explorando o viajante e seu relato, é necessário reconhecer a existência de uma dinâmica presente no texto de viagem – tanto na produção, quanto na sua interpretação. Também é importante reconhecer a existência de um indivíduo com relativa autonomia e interesses não necessariamente, ou somente, econômicos e políticos. No discurso do viajante estrangeiro sobre o Brasil, no esforço de descrição sobre o território, sobre a população, sobre a cultura, está presente a *alteridade* – do latim *alter* (outro)⁸³. Conceito largamente discutido e trabalhado no âmbito da Filosofia⁸⁴, da Antropologia⁸⁵ e da Psicologia⁸⁶, este pode ser útil em trabalhos com relatos de viagem por dialogar com a

⁸⁰ Tradução minha de: “and assume that the results we have observed were always an inevitable consequence of the initial actions or intentions of the original actors, propagandists and historians.”. HADFIELD, Andrew. Peter Martyr, Richard Eden and the New World: Reading, Experience and Translation. *Connotations*, Tübingen v.5, 1995, p.2.

⁸¹ PASSETTI, Gabriel. *Op.cit.*, p.17.

⁸² Por exemplo: BARREIRO, José Carlos. *Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

⁸³ Alterity. *Oxford Dictionary Online*. Disponível em: <http://www.oxforddictionaries.com/definition/english/alterity>, Acessado em: 18/03/2014.

⁸⁴ Ver SANTOS, Antônio Carlos dos. O outro como problema: o surgimento da tolerância na modernidade. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2010. E Emmanuel Lévinas, o qual se baseia na alteridade para desenhar seu Humanismo. The alterity of the other is the extreme point of "Thou shalt not commit homicide" LEVINAS, Emmanuel. *Alterity and Transcendence*. London: The Athlone Press, 1999.

⁸⁵ Ver POMPA, Cristina. *Religião como tradução: missionários, Tupi e Tapuia no Brasil colonial*. Bauru: Editora da Universidade Sagrado Coração, 2003.

⁸⁶ Ver, por exemplo, ZANELA, Andréa Vieira. *Sujeito e Alteridade: reflexões a partir da psicologia histórico-cultural*. *Psicologia e Sociedade*. Santa Catarina, n.17, maio/ago., 2005.

composição da identidade por meio da oposição entre dois objetos/sujeitos. Também, por ser uma ideia centrada na definição pessoal do que é ou não parecido com o que o sujeito define sobre si mesmo e seus semelhantes. Entretanto, quando o viajante identifica e caracteriza alguém que ele percebe como *outro* ele o faz segundo suas referências e aquelas que ele identifica como as do público alvo de sua publicação. Desse modo, ler um relato de um anglo-americano sobre a cultura brasileira também pode ser captar referências culturais anglo-americanas.

Alteridade é de muitas maneiras, um termo escorregadio e difícil. Uma contradição se mostra no próprio processo de nomear o outro, seja em termos específicos ou generalistas, já que é unido pelo simultâneo desaparecimento do conceito. Mais do que simplesmente um resultado de um diferimento linguístico de “significado”, essa situação é um efeito do fato de que a própria natureza da alteridade é impossível sem a idéia da semelhança. O outro e si são inerentemente unidos, então quando falamos de alteridade, inevitavelmente falamos de seu “outro”: individualidade⁸⁷.

François Hartog, ao estudar a obra de Heródoto, também identificou essa dinâmica entre a alteridade e a questão da identidade individual do autor:

As ‘Histórias’ são um espelho pelo qual o historiador nunca deixou de espreitar enquanto ele ponderava sua própria identidade; ele era o observador observado, o questionador questionado, o qual sempre terminava declarando sua própria posição e referências⁸⁸.

Importantes questões se formam sobre aquilo que determina as reações de aproximação e distanciamento. Seria a manifestação observada? A profissão do viajante? A sua origem nacional? O tempo de estadia? Jean Marcel de Carvalho França em publicação recente percebe uma relação entre o pouco tempo de estadia no Brasil e o destaque dado “aos traços exóticos e pouco civilizados”⁸⁹ dos brasileiros. Segundo ele, os viajantes que permaneciam por

⁸⁷ Tradução livre de: “Otherness is in many ways, a slippery and difficult term. A contradiction is apparent whereby the very process of naming the other, whether in specific or generalized terms, is bound by the simultaneous disappearance of the concept. More than just simply a result of a linguistic deferral of ‘meaning’, this situation is an effect of the fact that the very nature of alterity is impossible without the idea of sameness. Other and self are inherently joined and so when we ‘speak’ of otherness, we inevitably ‘speak’ of its other: selfhood”. BEVILLE, Maria. Introduction. *Otherness: essays and studies*. n.1, v.1, 2011.

⁸⁸ Tradução livre de: “The *Histories* are a mirror into which the historian never ceased to peer as he pondered his own identity; he was the looker looked at, the questioner questioned, who always ended up declaring his own status and credentials.”. HARTOG, François. *Op.cit.*, p.xxiii.

⁸⁹ FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Viajantes estrangeiros no Rio de Janeiro joanino: Antologia de textos (1809-1819)*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2013, p.12

mais tempo tendiam a ressaltar aquilo “que caminhava para o mesmo”⁹⁰, a europeização da sociedade. Outra pesquisadora que afirma uma mudança na alteridade no XIX é Christine DeVine. Para ela, a natureza da alteridade nos encontros entre estadunidenses e ingleses era diferente da alteridade da dos primeiros europeus a chegar às Américas. Assim, os ingleses que se encontravam com euro-americanos poderiam se identificar com mais facilidade e registrar determinadas similitudes⁹¹. A autora não chega a dissertar sobre os temas e sobre as manifestações que poderiam gerar maior ou menor identificação/ alteridade, entretanto abre uma brecha interessante de se explorar.

Nesse sentido, a morte foi pouco lembrada academicamente, enquanto constituinte destas relações complexas entre culturas. Erik Seeman, pesquisador estadunidense, foi um dos que abordou o lugar da morte nas relações de culturas em contato. Ainda assim, Seeman desenhou um recorte cronológico com o limite em 1800. Assim como DeVine, acredito que o século XIX é bastante relevante para a literatura de viagem em geral, pois é o período no qual os custos de publicação eram menores e é quando houve a popularização de periódicos nos quais muitos relatos foram inicialmente publicados⁹². Explorar minuciosamente a morte, englobando esse recorte temporal rico para os relatos, pode possibilitar um conhecimento relevante dos encontros culturais.

Ainda dissertando acerca do registro do viajante sobre o outro, penso ser importante citar a questão da percepção do ponto de vista da Psicologia Teórica, seguindo assim a provocação multidisciplinar posta acima. Hayek considera que existem duas formas que compõem a classificação individual do mundo: a ordem das experiências sensoriais imediatas e a ordem que inclui esses mesmos e outros eventos presentes e passados e nossos julgamentos e percepções sobre eles.

Essas duas ordens foram variadamente discutidas por autores diferentes, de um lado, como a ordem subjetiva, sensorial, sensível, perceptiva, familiar, comportamental ou mundo dos fenômenos, e como a ordem objetiva, científica, ‘geográfica’, física, e às vezes ‘construtiva’, do outro lado⁹³.

⁹⁰ Idem.

⁹¹ DEVINE, Christine (org.). “Introduction: Seeing America.” In: *Nineteenth-Century British Travelers in the New World*. Farnham: Ashgate Publishing, 2013.p.2.

⁹² Idem, p.19.

⁹³ Tradução livre de: “These two orders have been variously described by different authors as the subjective, sensory, sensible, perceptual, familiar, behavioural or phenomenal world on the one hand, and as the objective, scientific, ‘geographical’, physical, or sometimes ‘constructional’ on the other.” HAYEK, F. *The sensory order: An Inquiry into the Foundations of Theoretical Psychology*. Chicago: the University of Chicago Press, 1952, p.4.

Pensando no ser humano em geral sob a ótica desse autor, podemos dizer que percebemos o mundo de duas maneiras que se relacionam uma com a outra e definem nossa percepção imediata de eventos na realidade e nossa reflexão. Indo além, ainda segundo Hayek, apesar das ciências físicas terem demonstrado que objetos do mundo externo não diferem regularmente em seus efeitos de um com o outro, o que não vale da mesma maneira para a percepção humana. Os objetos do mundo externo diferem nos seus efeitos sobre nossos sentidos⁹⁴. Assim, como ressaltam autores de outras áreas já citados, “muito do que nós achamos que sabemos sobre o mundo externo é, na verdade, conhecimento sobre nós mesmos”⁹⁵. Na conclusão de seu trabalho, Hayek destaca ainda outro ponto que conecta a percepção do indivíduo sobre o mundo externo e o ordenamento da percepção. Cabe citar:

Se a consideração sobre a determinação de qualidades mentais as quais nós elaboramos está correta, significaria que o aparato pelo qual nós percebemos o mundo externo é em si o produto de um tipo de experiência. Este aparato é moldado pelas condições predominantes no ambiente em que vivemos e representa um tipo de reprodução genérica das relações entre elementos deste ambiente que nós experienciamos no passado; e nós interpretamos qualquer novo evento no ambiente à luz dessa experiência anterior⁹⁶.

Essa interpretação do autor também vale para pensar os viajantes e sua publicação. Seu registro sobre o mundo era fruto de uma percepção individual ainda que seja evidente que não existe um relato neutro e puramente descritivo, confirmando assim escritos de pesquisadores anteriores sob o prisma da Psicologia. Se a percepção e o julgamento são compostos também por elementos do passado daquele que percebe e carregam impressões pessoais do observador sobre o mundo, é justo concluir que o registro sobre um evento também pode conter registro desses aspectos. Sendo assim, me parece justificada uma investigação acerca da cultura do viajante, de modo a entender melhor as relações interculturais entre esses estrangeiros e os brasileiros. Assim, entender também o indivíduo passa a ser uma opção possível para compor explicações sobre eventuais manifestações de idiosincrasias. Questões como origem do viajante, de sua biografia

⁹⁴ Idem, p.6.

⁹⁵ Tradução livre de: “much that we believe to know about the external world is, in fact, knowledge about ourselves”. Idem, p.6-7.

⁹⁶ Tradução livre de: “If the account of the determination of mental qualities which we have given is correct, it would mean that the apparatus by means of which we learn about the external world is itself the product of a kind of experience. It is shaped by the conditions prevailing in the environment in which we live, and it represents a kind of generic reproduction of the relations between the elements of this environment which we have experienced in the past; and we interpret any new event in the environment in the light of that experience.” Idem, p.165.

e das representações culturais do grupo no qual este está inserido emergem como relevantes nesta investigação⁹⁷. A composição dos relatos de viagem, para além do que há de repetição e pontos em comum com outros viajantes, gera um possível trabalho complexo se há a intenção de complexificar a hermenêutica, o trabalho de interpretação.

Considerar a percepção do viajante enquanto uma construção passada, já contribui para uma estratégia de interpretação textual, para uma estratégia hermenêutica. Essa opção dialoga diretamente com a percepção de Richard Palmer sobre a obra literária:

(...) a obra literária não é um objeto manipulável, completamente a nossa disposição; ela é uma voz humana vinda do passado, uma voz que deve ser trazida à vida de alguma forma. Diálogo, não dissecação, abre o mundo de uma obra literária. Objetividade desinteressada não é a maneira apropriada para o entendimento da obra literária. (...) Obras literárias são melhor lembradas, entretanto, não primariamente como objetos de análise mas como textos, que falam, criados por humanos⁹⁸.

Seguindo a linha de Palmer, o texto de viagem é enxergado por mim como um produto de um autor e é interpretado levando em consideração o passado deste e a intenção do autor ao produzir o texto. Alguns dos relatos oitocentistas publicados não foram originalmente pensados para se tornarem um texto de alcance amplo, um livro. Essa informação pode ajudar a explicar determinadas reações, observações ou mesmo o foco dado pelo autor e a realidade apreendida. A interpretação textual enquanto teoria orientadora se baseia inicialmente no virslumbrar da obra de viagem e efetiva comparação aos dados da base de dados Access, construída para essa pesquisa e contendo um olhar sobre o passado do autor e vestígios da posição deste perante sua realidade, não de modo a reduzir o autor a definições encontradas pela pesquisa, mas de modo a construir ligações entre o autor e sua obra de viagem. Apenas após esse embasamento teórico-metodológico a leitura foi realizada: inicialmente de trechos do relato que envolve o tema da morte (para que se desenhem o perfil deste perante o tema).

⁹⁷ Camadas da programação mental: nacional, regional, de gênero, de geração, de classe social, de escolha profissional são ressaltadas por: HOFSTEDE, Geert. *Cultures and Organizations: Software of the mind*. New York: McGraw-Hill, 2005, p.12.

⁹⁸ Tradução livre de: "(...) the literary work is not a manipulatable object completely at our disposal; it is a human voice out of the past, a voice which must somehow be brought to life. Dialogue, not dissection, opens up the world of a literary work. Disinterested objectivity is not appropriate to the understanding of a literary work. (...) Literary works are best regarded, however, not primarily as objects of analysis but as humanly created texts which speak." PALMER, Richard. *Hermeneutics: Interpretation Theory in Schleiermacher, Dilthey, Heidegger, and Gadamer*. Evanston: Northwestern University Press, 1969 p.7.

A disciplina histórica de modo geral hoje se vê questionada em seus diversos pontos antigos de apoio. A função (auto)delegada ao historiador de detentor do discurso racional sobre o passado com o fim de representa-lo fielmente vem ruindo. Como apontou Hayden White, em *Trópicos do Discurso*, os diversos questionamentos direcionados à História desde os oitocentos levaram muitos historiadores - ou ao menos aqueles que se importavam em responder - a localizar a História entre a Arte e a Ciência⁹⁹. O próprio Hayden White, em *Meta História*, se propõe a apontar diversos aspectos de ficção na narrativa histórica e demonstrar aspectos de Enredo, de Argumentação Formal e de Ideologia envolvidos na produção de conhecimento histórico.

o estudo do passado 'como um fim em si' só pode afigurar-se uma forma de obstrucionismo insensato (...). O historiador contemporâneo precisa estabelecer o valor do estudo do passado, não como um fim em si, mas como um meio de fornecer perspectivas sobre o presente que contribuam para a solução dos problemas peculiares ao nosso tempo¹⁰⁰.

De imensa importância, também, o trabalho de Jörn Rüsen (2001) chama a atenção ao pontuar que um importante motivador da produção do historiador é a carência de orientação no tempo. Tal carência é natural a um sujeito que não se pautar a resolver problemas ou encarar situações, se utilizando meramente de sua percepção imediata. Esta carência não deve ser suprida, sem que haja uma reflexão teórica que permita uma “visão do conjunto” do trabalho do historiador, para além de sua produção científica especializada.

a visão do conjunto é necessária ao trabalho especializado competente em cada tema. A teoria é o plano da ciência da história em que essa visão é adquirida. A teoria cuida para que o conjunto da floresta da ciência especializada, como constituição do pensamento histórico, não seja perdido de vista, nos múltiplos processos do conhecimento histórico, em benefício das árvores dos processos particulares de conhecimento¹⁰¹.

Consciente de minha posição perante a teoria da história, uma posição que busca englobar reflexões das demais ciências, e de meu intento em corresponder à provocação de White e ao chamado para a reflexão teórica apriorística, sigo. A apropriação de ideias vindas da virada linguística contribuiu bastante para o estudo do relato de viagem e para a produção historiográfica em si.

⁹⁹ WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. p.39.

¹⁰⁰ WHITE, Hayden. *Op.cit.*, p.53.

¹⁰¹ RÜSEN, Jörn. *Op.cit.*, p.27.

Os questionamentos sobre a legitimidade do conhecimento histórico científico tradicional e a relação entre o passado a se representar e a forma escolhida para a comunicação do conhecimento histórico são elementos chave para a afirmação da importância do uso de viajantes. Em primeiro lugar, devido aos questionamentos sobre a utilidade desta fonte pela natureza ficcional presente no relato. Esta característica, vista por uns como falha da fonte, perde força enquanto defeito a partir do momento que se passa a ver o historiador como alguém que elabora *uma* representação sobre o passado. Dotada de natureza epistemológica e de metodologia diferente dos relatos de viagem, a História e essa representação sobre o passado – os relatos – cumprem (e cumpriram) sua função enquanto produtores de um conhecimento histórico sobre um espaço no tempo.

Em segundo lugar, sendo a forma escrita a mais comum no meio científico na História, a virada linguística permitiu a colocação de questões importantes à produção do historiador; algumas dessas questões também podem ser aplicadas às fontes escritas usadas por eles. É importante não ver no texto do historiador e no do viajante uma função puramente descritivista. Afinal, mesmo enquanto testemunha, o viajante anglo-americano também deveria interpretar sua realidade e por vezes usar de um intermediador, realizando assim uma ‘tradução’ de uma realidade para seu público. Segundo Ankersmit, existem três níveis:

de como a realidade histórica e a linguagem do historiador andam juntas. Há no primeiro o passado em si mesmo; em seguida o nível das descrições (...) [a fala]; e em terceiro há aquele da representação (histórica) [a fala sobre a fala]. À medida que descrição e representação são logicamente diferentes (...), deveríamos resistir aos esforços descricionistas em reduzir toda representação à descrição¹⁰².

Este modo de pesquisa, embasado na teoria crua citada acima, procurou unir aspectos temáticos anteriormente elencados e permitiu uma visão ampla da questão da *perspectiva* individual, da dualidade entre *identidade* e *alteridade* e, por fim, do *colonialismo* e da colonização de mentes. Desse modo, o indivíduo viajante é integrado a seu passado e presente em sociedade e a análise do seu texto passa a engendrar aspectos exteriores à sua obra. Esse movimento entre a individualidade e a coletividade do autor e de seu texto pode contribuir na colocação o tema da morte nos debates dos encontros interculturais entre anglo-americanos e brasileiros. Os registros do viajante sobre morte tais como as representações da cultura

¹⁰² ANKERSMIT, Frank. *A escrita da História: a natureza da representação histórica*. Londrina: Eduel, 2012, p.101.

funerária e as expectativas sobre o fim da vida serão usados como plataforma para compreensão dos encontros culturais em terras brasileiras. Para isso, foi fundamental a pesquisa da historiografia da morte no Brasil, nos Estados Unidos e na Inglaterra usada principalmente no Capítulo segundo deste trabalho.

1.3 – A atual produção.

Antes de adentrar no objetivo principal desta Dissertação, é importante ressaltar a pertinência deste esforço face aos trabalhos anteriores desenvolvidos sobre o tema da morte. Creio que as perspectivas expostas acima as quais escolhi adotar são válidas e busca considerar os estudos clássicos sobre o viajante e sobre encontros culturais. Por outro lado, sendo o fim da vida o tema chave da análise, é importante percorrer como alguns pesquisadores dedicados ao tema da morte trataram os relatos de viagem oitocentistas. O farei a seguir, antes, porém, cito dois trechos de viajantes sobre práticas funerárias no Brasil.

Indaguei a causa de tantos escravos que jazem mortos nas ruas, e fui assegurado que, quando eles ficavam doentes, eles eram libertos por seus mestres, para que estes fugissem das despesas de um funeral, e eram jogados para fora da casa¹⁰³.

Um costume muito belo predomina aqui na celebração de funerais de crianças. A mortalha, os uniformes dos cocheiros, e todas as decorações são escarlate, enquanto o carro fúnebre está coberto de flores colocadas lá por amigos, e lançada a partir de janelas de casa quando a procissão passa pelas ruas. No caso dos jovens, não crianças, decorações azuis substituem o vermelho; preto está reservado para aqueles que estão crescidos ou avançado na vida¹⁰⁴.

Os trechos acima demonstram, de maneira diversa e em recortes temporais diversos, como a morte era retratada em esferas diferentes da sociedade. Ambos os viajantes que deixaram relatos dos quais os trechos acima foram retirados permaneceram pouco tempo no Brasil. John Shillibeer não especificou exatamente o tempo que permaneceu em terras brasileiras durante o ano de 1817 e Robert Bowne Minturn Jr permaneceu entre 16/01/1856 e 25/01/1856.

¹⁰³ Tradução livre de: “I enquired the cause of so many slaves lying dead in the streets, and was assured, that when they were ill and thought past recovery, they were disowned by their masters to evade the expenses of a funeral, and thrown out of doors” SHILLIBEER, John. *Op.cit.*, p.18.

¹⁰⁴ Tradução livre de: “A very pretty custom prevails here in celebrating the funerals of children. The pall, the liveries of the coachmen and grooms, and all the decorations are scarlet, while the hearse is covered with flowers placed there by friends, and thrown from house windows as the procession passes through the streets. In the case of young people, not children, blue decorations replace the red; black being reserved for those who are grown up or advanced in life.” MINTURN JUNIOR, Robert Bowne. *From new york to Deli by way of Rio de Janeiro, Australia and. China*. New York: D. Appleton, 1858.

Fica evidente que ambos apenas ancoraram por alguns dias e que ambos possibilitam visões diferentes sobre a morte no Brasil. Esses e outros exemplos demonstram como, no caso da morte, explicações como “tempo de permanência” não definem isoladamente a tendência de reação e do registro do viajante. De todo modo, fica claro a utilidade do relato de viagem para o estudo da morte no Brasil dos trechos citados acima.

O meio científico brasileiro vem produzindo muitas pesquisas que buscam investigar aspectos da morte e da cultura funerária brasileira e sua inserção em contextos amplos como: o processo de catequese, o processo de secularização da sociedade, a laicização das políticas públicas, a história da medicina e saúde, a escravidão e etc. Ainda que não se tenha um dado exato sobre isso, é perceptível que muitos artigos, livros, teses, dissertações e monografias foram produzidos sobre esses assuntos até o ano de 2014. Durante o século XX, a morte enquanto tema de pesquisa era associada ao campo das Ciências Sociais - no Brasil se destacam trabalhos como os de Jean Ziegler e José Carlos Rodrigues¹⁰⁵. Entretanto desde o trabalho historiográfico de Adalgisa Arantes Campos (1987 e 1988) e de João José Reis (1991) a morte vem sendo investigada sistematicamente no Brasil.

Um grande indício desta apropriação da ciência histórica pelo tema é a inclusão de um capítulo sobre a cultura funerária brasileira nos oitocentos na versão brasileira da coletânea *História da Vida Privada*. Também de autoria de Reis, esse texto permitiu ao historiador e ao público comum grande impressão da importância da morte para a sociedade brasileira colonial e imperial. Posteriormente, é importante destacar, foi incluído um capítulo sobre o tema da morte em duas importantes coletâneas do campo da História: *História das Minas Setecentistas* e *História do Corpo no Brasil*. O primeiro de autoria da Professora Adalgisa Arantes Campos¹⁰⁶ e o segundo com co-autoria da Professora Cláudia Rodrigues¹⁰⁷. Eventos como os da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC) e do Grupo Imagens da Morte também contribuem para a reunião de pesquisadores da área, discussões e disseminação do conhecimento produzido em todo o país.

¹⁰⁵ Por exemplo: ZIEGLER, Jean. *Os vivos e a morte: uma sociologia da morte no Ocidente e na diáspora africana no Brasil e seus mecanismos culturais*, Rio de Janeiro, Zahar, 1977; RODRIGUES, José Carlos. *Tabú da Morte*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

¹⁰⁶ CAMPOS, Adalgisa Arantes. Escatologia, iconografia e práticas funerárias no barroco das Geraes In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de e VILLALTA, Luiz Carlos (orgs.). *As Minas Setecentistas*, vol. 2. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007.

¹⁰⁷ RODRIGUES, Cláudia; FRANCO, Maria da Conceição Vilela. O corpo morto e o corpo do morto entre a Colônia e o Império. In: PRIORE, Mary Del; AMANTINO, Márcia (orgs.). *História do Corpo no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

Sendo este o panorama muito breve – e superficial – da situação da produção historiográfica sobre morte no Brasil, um aspecto que se percebe da leitura dos trabalhos, em especial os que enfocam o século XIX, é a forma como fazem uso dos relatos de viajantes.

Para além dos pesquisadores pioneiros, de grupos, associações e popularização do tema, há a pesquisa e a produção de artigos, livros, dissertações, teses e monografias. Muitos historiadores vêm produzindo a cada ano mais conhecimento relacionado ao fim da vida. Ao olhar em panorama a História da História da Morte no Brasil, os relatos de viajantes surgem como testemunhos de concepções sobre a morte, o além-vida, a pena de morte, a alma, a organização cemiterial de tal modo que são frequentemente lembrados em trechos para o texto da pesquisa.

Em breve incursão em artigos, dissertações e teses recentes, notou-se a reincidência dos usos dos viajantes traduzidos cuja utilização é recorrente em trabalhos com outros focos, como Saint Hillaire, Richard Burton, John Luccock, Thomas Lindley, Debret, Thomas Ewbank e outros. Boa parte deles já utilizados por João José Reis em seu estudo sobre a Cemiterada e por Adalgisa Arantes Campos ainda em fins da década de oitenta e início de noventa. Recentemente essa repetição, foi superada apenas por Luiz Lima Vailati (2005) cuja vasta exploração multilíngüe somou 29 viajantes estrangeiros de diversas nacionalidades.

A reincidência do uso de viajantes traduzidos para o português é clara e pode produzir discussões diversas relativas à importância confiada a tal fonte, ao mesmo tempo em que pode significar a ausência de investimento das bibliotecas e editoras em obras não traduzidas ou presentes no Brasil. Além disso, é comum o uso dos relatos como meio de se corroborar determinado argumento a respeito da cultura funerária brasileira. Também se percebeu comum a colocação destes não como Fontes (ou Fontes Impressas), mas como Bibliografia ou postos lado a lado com Literatura de Ficção indiscriminadamente.

Mediante estudo da utilização dos relatos de viajantes pelos historiadores da morte no Brasil, percebe-se que houve algum aproveitamento dos viajantes digitalizados recentemente, principalmente na observação empreendida por eles do cotidiano da morte. Porém, mais notável que isso, o pouco espaço dedicado à reflexão sobre os viajantes em si. As observações negativas sobre costumes brasileiros são normalmente retratados como preconceitos ou imperialismo ou idiosincrasias quaisquer. O trabalho com literatura de viagem acaba não transcendendo a descrição do relato com função demonstrativa de um costume. Não se busca pensar, por exemplo, sobre a sensibilidade do viajante perante a cultura funerária.

Assim a problematização da dinâmica da identificação e a negação de costumes ligados à morte, parte da minha pretensão de pesquisa, se justifica.

Por outro lado, as teses e dissertações recém-publicadas no Brasil sobre temas de História da Morte permitem dimensionar na prática a grande amplitude de possíveis investigações envolvendo o tema da morte as quais podem se utilizar de relatos de viagem. Ainda que os viajantes estrangeiros não tenham sido citados ao longo do texto de alguns trabalhos não significa que estes não tenham fomentado o trabalho do pesquisador, principalmente nos trabalhos que chegam a citar algum viajante na Bibliografia ou Fontes.

É evidente, mas importante ressaltar, que o número de relatos publicados sobre o Brasil não é igual ao número de relatos traduzidos para o português. Essa discrepância, associada ao alto custo de importação de uma publicação no período pré-popularização do comércio eletrônico via internet contribuiu para a permanência deste cenário. A repetição dos trechos de relatos de estrangeiros, em diferentes pesquisas, desenhou um cenário que dá a impressão de estagnação e de esgotamento da fonte. Essa suposta estagnação não se justifica pelo esgotamento da possibilidade de exploração de publicações como tentei demonstrar no início deste capítulo.

Um estudo interessante que buscou se utilizar de relatos de viajantes para pensar sobre a morte foi o *Death in the New World*¹⁰⁸ escrito pelo estadunidense Erik Seeman. Objetivando compreender a cultura funerária na América face aos encontros culturais, considerando para tanto a formação plural (religiosa) do continente americano, Seeman acaba destacando o valor da morte na interculturalidade. Segundo esse autor, a morte representaria um importante fator de aproximação entre pessoas de outras culturas e a alteridade geraria reações mais incluídas:

*Mesmo aqueles que tiveram reações de exclusão estavam ao menos curiosos acerca das práticas mortuárias daqueles que encontravam. Se eles sentiram repulsa pelos modos de morrer dos outros, isso ocorreu num contexto de percepção que a maneira que os outros morriam era central para sua maneira de viver – e, portanto, relevante de registrar. Eles compreendiam a humanidade existente nos estrangeiros os quais, ao menos, também morriam como eles e tinham que fazer algo com os corpos*¹⁰⁹.

¹⁰⁸ SEEMAN, Erik R. *Death in the New World: Cross Cultural encounters, 1492-1800*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 2010.

¹⁰⁹ Tradução livre de: “Even those who had exclusive reactions were at the very least curious about the mortuary practices of those they encountered. If they were repulsed by outsiders' deathways, it was within the context of realizing that the others' way of dying were central to their ways of living - and thus worth commenting on. They understood the shared humanity of foreigners who, at the bare minimum, also died just as they did and had to do something with corpses.” SEEMAN, Erik R. *Op.cit.*, p.3.

Diante da constatação de que os relatos de viajantes têm sido utilizados pela historiografia da morte no Brasil de modo superficial, meramente ilustrativa daquilo que se quer analisar sobre os costumes fúnebres do passado brasileiro, proponho a compreensão da temática dos relatos em si de modo oposto. Ao invés de analisar de que forma os viajantes que passaram pelo Brasil no século XIX descreveram os costumes fúnebres para se conhecer os funerais de outrora, me dedico a analisar o relato/viajante “por dentro”, ou seja, analisar o impacto do que ele via e narrava sobre ele e suas concepções acerca da morte e do morrer, a fim de tentar identificar quais os impactos que a morte e os costumes fúnebres católicos causavam sobre ele e de que forma ele expunha isso através de seus relatos. Para isso, selecionei um grupo de viajantes que partilhassem de outra matriz religiosa que não fosse o catolicismo e que fossem procedentes dos Estados Unidos ou da Inglaterra.

Os viajantes anglo-americanos se destacam na seleção para este trabalho devido à frequência de seu uso e à grande disponibilização de seus textos nas bases online citadas. Escolhidos nesta pesquisa pelo passado religioso de protestantismo de suas nações e por sua história pessoal é de fundamental importância dedicar espaço para seu estudo o que será feito no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 2

UM RETORNO AO VIAJANTE

CAPÍTULO 2

UM RETORNO AO VIAJANTE

Seguindo com a proposta de buscar os viajantes e discuti-los em seu contexto anterior à viagem, pretendo retomar questões fundamentais ao sujeito produtor desses textos de viagem. Um retorno ao viajante, individualmente, se torna coerente quando se pretende evitar generalizações desnecessárias. A religião se apresentará por vezes como discussão chave, pois de maneira geral era comum a associação entre o que tangia a morte e a religião no período contemporâneo ao das viagens escolhidas¹¹⁰. Essa abordagem, no entanto, não busca excluir quaisquer outros aspectos importantes na formação da cultura funerária de uma região ou de uma pessoa. Meu escopo revela apenas minha opção por buscar na religião as leituras realizadas por viajantes sobre manifestações costumeiras com relações fortes com a religião, por exemplo, no que tange à cultura funerária brasileira, o funeral de uma pessoa nos lugares abrangidos por esse trabalho além de possuir símbolos, gestual e cantos associados à religião, esse também detinha atitudes perante a morte que poderiam ser de dor ou de júbilo. Essas reações eram motivadas e alimentadas pela religião, mas também expressavam a relação interpessoal e da mesma forma os enfeitamentos do corpo morto e a presença de padres no cortejo eram elementos materiais que serviam à distinção e manifestação de poder. Entretanto esses também tinham grande importância na salvação da alma ou alívio do tempo de Purgatório.

O caso anglo-americano será tratado a seguir e, como se perceberá, a religião também compunha com grande importância o quadro da cultura funerária dos países. Os principais aspectos encontrados a respeito da morte desses estrangeiros serão discutidos e o Cristianismo, como ficará claro, ainda compunha parte importante da cultura desses homens.

Separar o momento da morte da experiência religiosa neste período temporal estudado para uma análise de comportamentos públicos¹¹¹ associados à morte, no Brasil do século XIX pode deixar um estudo incompleto. Ao mesmo tempo, entender a morte como um evento necessariamente religioso é reduzir o fim da vida, ignorando diversas dimensões

¹¹⁰ WALTER, Tony, *The Revival of Death*, London: Routledge, 1994.

¹¹¹ Almejo aqui enfatizar aquilo que era possível de ser observado: o que se via, o que era externalizado. As práticas não reservadas ao ambiente privado.

seculares, não espirituais, que a morte detém: a economia da morte, o espaço ocupado pelo corpo, os estudos sobre o corpo, representam dimensões importantes para uma maior compreensão de como a morte afetava os homens no tempo.

Para este estudo, entretanto, acredito que a compreensão da bagagem religiosa e da cultura funerária nos países originais dos viajantes permite grande entendimento destes, ou ao menos um entendimento mais amplo do que o empreendido pelos demais pesquisadores que fazem uso dos relatos destes viajantes. Considerando que o intento deste trabalho é analisar as percepções dos viajantes sobre a morte no Brasil, um entendimento da morte, da cultura funerária, nos países dos viajantes se mostra importante *a priori* ao vislumbrar das observações sobre a cultura funerária brasileira.

A diferença teológica mais clara entre as religiões reformadas anglo-americanas do século XIX e a Igreja Católica e suas manifestações no Brasil se encontra no ramo da escatologia e da soteriologia. Enquanto a Escatologia é a parte da teologia que trata do fim último do ser-humano, ou seja, o seu destino final no mundo, a Soteriologia é o nome dado às discussões acerca da salvação da alma. Após a Contra Reforma, a crença no Purgatório permaneceu entre os católicos, pois esse seria um local para onde a alma falecida, que não houvesse pecado grave ou mortal, iria temporariamente para pagar os pecados mais leves ou *veniais*, indo em seguida para o Paraíso. Orações realizadas para uma alma que estivesse em Purgatório também poderiam contribuir para sua ascensão aos céus. Essa percepção católica de mundo poderia acender a esperança dos homens na possibilidade de sua salvação. A ênfase nas boas obras e na importância da confissão e do sacramento final, a extrema unção também embasava grande parte da produção material (testamentos, arte tumular, etc.) e das ações (pagamento por missas, etc.) que compunha parte da cultura funerária católica brasileira. Além disso, havia também crenças regionais específicas relacionadas à morte infantil, à vestimenta do morto com roupas de santos e à intensidade da pompa fúnebre. Viajantes como John Candler, que já havia estado em outros países católicos, apontou algumas dessas especificidades no funeral católico brasileiro¹¹².

Do ponto de vista escatológico e soteriológico, a Reforma Protestante (século XVI) iniciada por Martim Lutero, Henrique VIII e João Calvino geraram igrejas que caminharam na direção oposta à ideia de Purgatório, do poder papal e da necessidade dos sete sacramentos. Discussões sobre a predestinação da alma, o livre arbítrio, a unidade entre “Deus, Jesus e o Espírito-Santo”, a autonomia das congregações e a eficácia das orações às almas influenciaram

¹¹² CANDLER, John; BURGESS, Wilson. *Op.cit.*, p.44.

a criação e o desenvolvimento das igrejas protestantes, bem como as práticas culturais relativas à morte. As igrejas Metodista, Quaker, Presbiteriana, Anglicana são fruto dessa dissidência e tinham em comum principalmente a negação do Purgatório e, após o XVIII, uma noção de respeito e de dor que inspiravam funerais diferentes em alguns aspectos do que era visto no Brasil. O corpo não era tão enfeitado e não se gastava tanto no cortejo do anglo-americano, porém na Inglaterra ou Estados Unidos não havia tamanha preocupação em se enterrar um ente no interior de uma Igreja. Um trabalho comparativo teria de ser feito de forma minuciosa com fontes e bibliografia, entretanto mediante percepção preliminar, é possível afirmar que, na prática, ambas as sociedades anglo-americanas e brasileiras possuíam funerais semelhantes em outros aspectos; a nível de exemplo aponto que nos três países os funerais possuíam aspecto público de participação da comunidade e havia preocupação que o local de enterro fosse de alguma forma consagrado religiosamente.

Destaque deve ser dado ao Calvinismo por sua grande influência no Puritanismo que contribuiu para grandes reformas e questionamentos ao Anglicanismo inglês seiscentista e setecentista (contribuindo assim para a dissidência Quaker), no surgimento do Presbiterianismo na Escócia e para a formação cultural do norte dos Estados Unidos da América. A predestinação, linha que defende que Deus já escolheu desde o início quem seriam os salvos, ia de encontro direto com as práticas católicas que almejavam a salvação da alma logo antes ou logo após a morte do corpo. Entrarei em detalhes mais adiante e no capítulo 3.

A compreensão do contexto histórico e religioso nos lugares de origem dos viajantes analisados se faz de extrema necessidade na análise da bagagem trazida pelos autores que influenciou, ao seu modo, determinadas reações às representações brasileiras das atitudes diante da morte. Esse ponto de vista favorece a compreensão de continuidades nos comportamentos e reações dos viajantes perante a morte brasileira, proporcionando um crivo crítico necessário na identificação de exageros e esforços de se representar o Brasil como pitoresco e estranho como poderemos observar nos seus relatos. Importante ressaltar que compreendo o viajante não como um constructo neutro no qual podemos simplesmente adentrar e enxergar com seus olhos a realidade oitocentista, mas sim como um humano moldado por aspectos sociais coletivos, por uma individualidade pessoal e por estruturas alheias ao seu controle. A história de seus iguais, ainda que não defina suas reações perante outras culturas, representa uma herança ligada a ele e a seus iguais – lembremo-nos que o viajante não viajava sozinho.

Sendo assim proponho nesse capítulo, uma discussão que busque cobrir aspectos importantes dos viajantes que propus me dedicar. Busquei expor e realçar pontos importantes em sua biografia, sua origem geográfica, profissão e confissão religiosa, quando possível. Para tanto, dividi-os em "britânicos" (2.1) e "estadunidenses" (2.2). Por vezes o foco permanecerá em exposições mais gerais sobre grupos religiosos predominantes nas regiões de origem do viajante. É importante destacar que, além de análises sobre encontros culturais, houve aqui um intento de avançar em estudos sobre viajantes em si, que já vêm sendo feitos; certamente levaria anos mais, num esforço coletivo que extravasa o tempo e recursos disponíveis para a efetivação de um Mestrado.

Espero que, ao final deste capítulo que acumula como bagagem os métodos e problematizações do capítulo anterior, o leitor possa compartilhar da base que me permitirá realizar as análises do terceiro capítulo e as conclusões fundamentais de meu esforço de pesquisa.

2.1 – O Reino Unido e seus viajantes.

Diferentemente do grupo estadunidense, sobre o grupo britânico não foram encontrados tantos registros que nos permitam detalhar com profundidade os antecedentes de todos, como foi feito no subcapítulo anterior. Mais amplo, o acervo de viajantes britânicos abarca viagens realizadas no período de 1802 a 1884. Porém, não se trata de período contínuo e, infelizmente, nos viajantes consultados que aqui estiveram nas décadas de 60 e 70, não foram encontrados registros que tratem da morte no Brasil, que foi o foco principal na minha busca e seleção de viajantes que por aqui passaram.

Antes de falar sobre eles com mais detalhes, acredito ser de grande utilidade expor um pouco da paisagem a qual esses homens e mulher estavam expostos em seus países de origem. Para isso, busquei bibliografia local sobre a morte e a religião britânica, assim como o Censo Britânico de 1851, de modo a melhor entender e expor essa paisagem que muitas vezes é simplificada sobre a etiqueta geral de ‘protestante’. Um país com liberdade religiosa, porém em um período em que a Rainha era confessa Anglicana e os *Aweakenings* Evangélicos expandiam e criavam novas denominações e formas de vivência religiosa, é importante pontuar certas questões importantes aos viajantes – principalmente para relativizar conclusões que possam apontar para os viajantes como homens de um tempo em que a religião importava menos.

A Inglaterra anterior à década de 50 do XIX, durante o reinado da jovem Rainha Vitória, possuía um cenário de recente industrialização. As lutas cartistas e as discussões sobre o livre comércio contribuíram para que Charlot e Marx destacassem esse como o período de supremo trabalho de parto da sociedade industrial e o período da segunda metade do XIX como o mais glorioso do reinado da Rainha referida¹¹³. Sem entrar no mérito da afirmação, é importante destacar que se trata de um período importante do ponto de vista econômico, religioso e da cultura funerária de maneira geral¹¹⁴. Do ponto de vista religioso, esse foi um período bastante crítico já que o censo de 1851 explicitava um cenário diferente do idealizado pelas principais denominações cristãs que clamavam por expansão do cristianismo: três quartos da população urbana e de zonas industriais aparecem na fonte como 'descristianizadas'¹¹⁵. Culturalmente, creio, a descristianização (ou o afastamento da sociedade do cristianismo) não pode ser medida por um censo que apenas demonstra a confissão religiosa. Entretanto, outros dados como o número de paróquias, o número médio de frequentadores realmente podem compor indícios de uma mudança de valores e referências que pode ou não denotar uma mudança completa. Os próprios historiadores discriminados mais adiante admitem a existência de um conjunto de valores tradicionais que era bastante forte nos setores médios da sociedade de meados do XIX: valores puritanos, que valoravam o trabalho e deveres de fé¹¹⁶.

A Inglaterra possui uma trajetória sensivelmente diferente daquela que seus colonos na América do Norte ajudaram construir, principalmente na região americana que foquei, a Nova Inglaterra. Com um passado católico que remete aos tempos medievais¹¹⁷, a Inglaterra

¹¹³ CHARLOT, Mônica; MARX, Roland (org.) A sociedade "dual" por excelência. In: *Londres, 1851-1901* A era vitoriana ou o triunfo das desigualdades. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p.13.

¹¹⁴ Ver: JALLAND, Pat. Victorian Death and its decline. In: JUPP, Peter C.; GITTINGS, Clare (org). *Death in England: An Illustrated History*. New Jersey: Rutgers University Press. 2000; JALLAND, Pat. *Death in the Victorian Family*. New York: Oxford University Press, 1996.

¹¹⁵ Cf: Idem. Dentre os outros estudos com os quais tive contato apenas o artigo de Julie Strange (parte da bibliografia) aborda as regiões das classes trabalhadoras e, ainda assim, apenas o período final do século XIX, o que me impossibilita problematizar essa questão com mais profundidade.

¹¹⁶ CHARLOT, Mônica; MARX, Roland (org.) *Op.cit.*, p.16.

¹¹⁷ Expansão dinâmica do cristianismo ocorrida nas ilhas britânicas é iniciada ainda durante o domínio dos Saxões na alta Idade Média, ou seja, antes das invasões Vikings (posteriormente convertidos) e dos Normandos (já cristãos). Cf. DANIELL, Christopher; THOMPSON, Victoria. Pagans and Christians: 400-1150. In: GITTINGS, Clare; JUPP, Peter C. *Op.cit.*, p.65. Apesar disso, é inegável a distância em relação à influência que o Papa exercia nos demais governos da Europa Ocidental; de maior proximidade nos reinos Francos, Germânicos e Italianos, e não tão forte na Grã Bretanha medieval. A conversão da Inglaterra se deu de modo complexo: Iniciada ainda pelos romanos no século V, após o abandono da região com as invasões bárbaras, os habitantes da atual Inglaterra retornaram ao paganismo, e assim permaneceram até o século VII. Rodeados pelos esforços dos missionários irlandeses e romanos, os reinos finalmente abraçaram a religião cristã permanentemente, entre os séculos VII e VIII. Tal conversão pode ser julgada como tardia se considerarmos que a conversão do norte africano e de outros lugares da Europa se deram a partir do século IV efetivamente. Os reinos francos e diversos pontos da Europa se auto-afirmavam cristãos e viviam sob a benção papal muito

rompeu oficialmente com a Igreja Católica durante o reinado de Henrique VIII no *Ato de Supremacia* de 1534 que criou a Igreja Anglicana (que significa literalmente igreja inglesa). Esse rompimento oficial foi questionado por líderes posteriores, na dinastia Stuart no século XVII¹¹⁸, por exemplo, e por católicos fieis dentre a sociedade em geral desde a época desse rompimento¹¹⁹. Tal ação causou também certa confusão entre fiéis, teólogos e bispos preocupados com as delimitações que separavam a liturgia e crenças anglicanas das católicas. Pode-se dizer que essa relação afetou diretamente a política do século XVII, na Revolução Inglesa, as construções histórico-religiosas posteriores e, inclusive, o que mais interessa a esse trabalho: a relação entre o homem e a morte. Segundo David Cressy, esse teria sido um período um tanto confuso para os anglicanos. Eles eram incentivados a romper com o Papa, com a adoração aos santos e, posteriormente, com o purgatório, entretanto muitas das práticas permaneciam como estavam - como a reza para os mortos. Se elas não estavam no Purgatório, para onde estariam indo essas almas e rezas? Não bastasse isso, após a morte do rei Henrique VIII, antes da ascensão de Isabel, houve grande variação na escolha religiosa dos reis ingleses. Isso acabou refletindo nas práticas dos fiéis os quais, por vezes, deveriam agir como católicos e, por vezes, como anglicanos.

Ferrell e Cressy apontam para uma maior influência do Calvinismo nos teólogos reformistas apenas durante o reinado de Isabel I (filha de Henrique VIII), provocando um aumento nas críticas à continuidade de determinados costumes e, conseqüentemente, gerando a emergência do grupo que ficaria conhecido como os Puritanos. O reinado de Jaime I (1603-1625) iniciou um momento de maior intolerância com puritanos e católicos, gerando uma grande polarização religiosa¹²⁰. O esforço empreendido pelo Rei Jaime I para fortalecer o

antes da Inglaterra. Essa herança não deve ser desconsiderada em uma análise da religiosidade inglesa no início da modernidade. Para mais ver: 'Lecture 12' em <http://oyc.yale.edu/history/hist-210>.

¹¹⁸ CRESSY, David; FERRELL, Lori Anne. *Religion and Society in Early Modern England*. London: Routledge, 2005. p. 1.

¹¹⁹ Tais embates teriam se desenvolvido principalmente devido ao rompimento de relações entre a coroa britânica e a Igreja Católica, estabelecido pelo rei Henrique VIII, no século XVI e expresso oficialmente pelo Ato de Supremacia de 1534; buscando, não as transformações litúrgicas, mas principalmente maior centralidade de poder em sua figura, torna-se o chefe da Igreja Anglicana, a 'Church of England'. Como afirmam Ferrell e Cressy, a maioria dos historiadores concorda que o Catolicismo romano tradicional era popular e robusto no início do século XVI, quando o referido rei iniciou seu governo. O calendário era recheado de datas religiosas cuja observância era comum, o purgatório era crença comum, a morte era dotada de ritualidade e as orações pela alma do falecido eram tidas como eficazes para a salvação - crenças típicas de uma cultura religiosa ligada à Igreja Católica Apostólica Romana. Cf: CRESSY, David. *Birth, Marriage and Death: Ritual, Religion, and the life-cycle in Tudor and Stuart England*. Oxford: Oxford University Press, 2002. p.1-2.

¹²⁰ FERRELL, Lori Anne; CRESSY, David. *Op.cit.*, p.8.

anglicanismo nas terras Britânicas¹²¹ gerou uma nova confrontação com os católicos e ocasionou na repressão aos reformadores dos reformadores¹²² (os Puritanos), os quais acabariam por executar o filho de Jaime, Carlos I, inflamando aquilo que ficou conhecido como Revolução Puritana, parte que, juntamente com a Revolução Gloriosa, forma a Revolução Inglesa (1642-1689).

Posteriormente, entre os anos 80 do século XVIII e os anos 30 do século XIX, período posterior à Revolução Americana e contemporâneo à Revolução Francesa, é possível observar a grande predominância política dos Tories na Inglaterra. Esses geralmente eram associados a uma elite rural menor (*lesser gentry*) e a uma forte ligação com o Anglicanismo; mais antigamente esses grupos foram associados a uma ligação com os reis Stuart e com uma maior força do rei sobre o parlamento. Após os anos 30, no entanto, observa-se um retorno dos Whigs, agora conhecidos como Partido Liberal com sua agenda mais industrialista e comercial. Entre a derrota na Guerra de Independência estadunidense, na já citada década de 80 do XVIII, e a ampliação do mercado consumidor por meio das intervenções imperiais em territórios africanos e asiáticos ao longo do XIX, diversos viajantes ingleses desembarcaram no Brasil¹²³ e muitas mudanças ocorreram internamente na sociedade inglesa¹²⁴.

Do ponto de religioso-funerário, como afirmado na Introdução de "*Death in England*", os séculos XVII e XVIII não haviam sido contemplados por nenhum estudioso com a devida atenção e profundidade no estudo dos costumes e práticas funerárias, até a publicação da referida obra (1999). Diferente do caso dos EUA puritano, contemplados pelo estudo de Stannard¹²⁵, desde o século XVIII, com a penetração de confissões como o calvinismo, anabatismo e luteranismo na sociedade europeia, diversas modificações ocorreram na Igreja Anglicana e outras denominações foram criadas, por exemplo: a Igreja Presbiteriana (1707), a Igreja Batista (1612), a Igreja Metodista (XVIII) e os Quakers (~1650).

¹²¹ Algo concretizado inclusive com a famigerada King James' Bible, a Bíblia do Rei James; uma tradução feita a mando do Rei, que é até hoje reconhecida pelas Igrejas e comunidades Anglicanas.

¹²² "By the end of James's reign, anti-Calvinist clerics had gained ascendancy at court, and several bishops were espousing high ceremonialist practices in their dioceses" CRESSY, David; FERRELL, Lori Anne. *Op.cit.*, p.8

¹²³ Mantenho aqui o argumento de que as viagens também precisam ser vistas por seu viés de busca de mercado consumidor e de matéria prima. As mudanças apontadas no parágrafo – a dominação de uma elite liberal de viés industrialista no plano político – contribuíram para a concretização dessas iniciativas expansionistas.

¹²⁴ Ver: THOMPSON, Edward Palmer. *Op.cit.*, p.23.

¹²⁵ GITTINGS, Clare; JUPP, Peter C. (orgs). *Op.cit.*, p.3.

De maneira geral, segundo Julie Rugg¹²⁶, a era da decência¹²⁷ daria lugar aos poucos para uma maior racionalização das práticas funerárias. O religioso passaria, aos poucos, a dividir com mais frequência o espaço com o médico no leito de morte - não como um substituto no cuidado com a alma e fé, mas como alguém de grande importância que passaria a atuar aliviando o sofrimento da morte com remédios¹²⁸. A dor fisiológica da morte passaria a ser menos temida por aqueles que pudessem dispender dinheiro em opióides, láudano, álcool e outros. Rugg inclusive consegue associar a arte produzida então com a mudança de perspectiva sobre a morte e piedade cristã¹²⁹. Essa concepção juntamente com o Romantismo e o Evangelicalismo teriam marcado as primeiras décadas do século XIX na Inglaterra em suas representações artísticas e práticas cotidianas nas altas e médias esferas da sociedade.

Por fim, a primeira metade do século dezenove foi marcada também por uma mensuração mais ampla e oficial das ocorrências e causas de morte e das paróquias das diferentes religiões de maneira geral. Dois exemplos que confirmam esse argumento são o relatório de Chadwick sobre a situação da classe trabalhadora (*working class*) inglesa e o Censo britânico de 1851 que abarcou também a existência de paróquias e o número de fiéis dessas. Ambas as fontes permitem que o pesquisador possua uma base para, por exemplo, afirmar quanto às mudanças de atitude do governo perante os cidadãos – a morte desses e sua relação com a saúde dos demais. Além disso, tais fontes tornam claro o surgimento e a expansão de denominações protestantes após a Reforma e o Evangelicalismo.

Cabe ressaltar algo que não teria mudado entre o chamado Período Moderno e a metade do século XIX: o uso dos ritos e cortejos funerários como momento de ressaltar distinções sociais e conquistar respeito perante a comunidade no qual se estava inserido. Esse apontamento merece destaque, pois as fontes, os viajantes, tendem a demonstrar surpresa com a pompa dos funerais brasileiros como se não o houvesse em certa medida seu local de origem – essa surpresa inclusive pode ser tomada como indício para comparação entre os signos públicos de brasileiros e ingleses, o que não pretendo aqui. A confirmação de que os britânicos

¹²⁶ RUGG, Julie. From Reason to Regulation. In: GITTINGS, Clare; JUPP, Peter C. (orgs). *Op.cit.*, p.202-203.

¹²⁷ Para Houlbrooke, o período de 1660 a 1760 foi decisivo para a percepção iluminista médica da possibilidade de um maior controle sobre as doenças e, conseqüentemente, sobre a morte. Nascia então o que denominou de, a *Age of Decency*, a idade da decência que, de acordo com o estudioso, abarcava não apenas o significado do que era ou não aceito, mas também todo um conjunto de ações de cunho religioso e racional para se realizar as cerimônias fúnebres; segundo o autor, a palavra abarcava: o que era apropriado, o que cabia, o bom gosto, o que mandava a boa ordem, o que era bom de olhar, o que não era vulgar. Esse princípio de racionalização que se manifestava neste período de doenças facilitou a penetração das ideias iluministas e higienistas, na Inglaterra. HOULBROOKE, Ralph. The age of decency: 1660-1760. In: GITTINGS, Clare; JUPP, Peter C. (org). *Op.cit.*, p.174-201.

¹²⁸ RUGG, Julie. From Reason to Regulation. In: GITTINGS, Clare; JUPP, Peter C. (orgs). *Op.cit.*, p.204.

¹²⁹ Idem, p.205-209.

também se utilizavam de meios de distinção no momento da morte nos permite não cair em conclusões precipitadas, quaisquer que sejam. Uma comparação entre o investimento no cortejo brasileiro e inglês e as práticas correntes nas classes mais altas de ambos os países ainda é algo para se fazer.

Como percebo em Rugg e em Vailati, a morte infantil inglesa de então era dotada de elementos que buscavam demonstrar imensa dor, enquanto no Brasil - ainda que se sentisse bastante dor - os costumes locais foram interpretados por viajantes (de diferentes nacionalidades) como se houvesse regozijo. Diferente das regiões visitadas no Brasil onde era comum externalizar alegria por crer que a criança teria passagem direta aos céus, o sentimento de perda familiar predominava durante as cerimônias fúnebres britânicas nos círculos sociais dos viajantes.

De todo modo, após a metade do século XIX, a Inglaterra passaria por um período importante de mudanças nos costumes após a ascensão da Rainha Vitória que passou longos anos enlutada devido à morte de seu marido. Segundo Pat Jalland¹³⁰, o luto da rainha teria afetado tendências como vestimenta e etiqueta fúnebres nas classes mais altas da sociedade britânica, entretanto seu longo período de luto foi mal visto e criticado até por seus contemporâneos. A figura familiar e o hábito de se frequentar a igreja com constância se tornaram comuns na sociedade britânica dos anos 1850 aos 70, quando o Evangelicalismo atingia um de seus picos. Ideais como o reencontro familiar *pós morte* e as perspectivas religiosas de uma boa morte¹³¹ se fortaleceriam nas classes alta e média. A visão da boa morte de então, segundo Pat Jalland, pode ser esmiuçada no trecho a seguir:

A boa morte requeria piedade e preparação por toda a vida, assim como fortitude perante o sofrimento físico. Ela deveria ocorrer numa boa residência cristã, repleta de uma família que ame e apoie o moribundo, na qual este possa se despedir explicitamente dos membros da família, confortado pela certeza de uma reunião familiar no céu. Deve haver tempo e capacidade mental e física para realizar questões temporais e espirituais. O moribundo deve estar consciente e lúcido até o fim, resignado pela vontade de Deus, capaz de implorar perdão pelos pecados passados e de se provar digno da Salvação¹³².

¹³⁰JALLAND, Pat. Victorian Death and its decline. In: GITTINGS, Clare; JUPP, Peter C. *Op.cit.*, p.230.

¹³¹Idem, p.232.

¹³² Tradução livre de: "The good death required piety and lifelong preparation, as well as fortitude in the face of physical suffering. It should take place in a good Christian home, surrounded by a loving and supportive family, with the dying person making explicit farewells to family members, comforted by the assurance of future family reunion in Heaven. There should be time, and physical and mental capacity, for the completion of temporal and spiritual business. The dying person should be conscious and lucid until the end, resigned to God's will, able to beg forgiveness for past sins and to prove worthy of salvation." Idem, p.233.

Como ela mesma completa em seguida, era muito mais difícil conseguir uma boa morte cristã na vida real do que na arte ou literatura, afinal as condições eram minuciosas, mas na vida nem sempre a morte é aguardada e acompanhada.

Segundo o censo de 1851¹³³ que acompanhou a divisão anglicana da Inglaterra em duas províncias eclesiásticas, ambas as províncias de Canterbury e York possuíam grande número de locais de culto protestante. A província de Canterbury que cobria a parte sul - mais industrializada e populosa - onde se localiza as tradicionais Plymouth e Londres possuía maior proporção de Igrejas e de assentos por habitante. Com base na página 112 do censo supracitado é possível concluir que havia:

Quadro 1 – Proporção de fiéis cristãos na província eclesiástica inglesa de Canterbury.

CANTERBURY	Igreja Anglicana	Outras Igrejas*	Total
Locais de adoração	11626	15231	26857
Habitantes por local de adoração	1099	839	476
Assento em Igreja por habitante	3,35	3,95	1,81
Viajantes Ingleses provenientes dessa Província Eclesiástica	_____	_____	4 **

Fonte: *Census of Great Britain, 1851: Religious Worship in England and Wales (1854)*. Disponível em: <http://archive.org/details/censusgreatbrit00manngoog>.

¹³³ MANN, Horace (org.). *Census of Great Britain, 1851: Religious Worship in England and Wales*. London: George Routledge and Co., 1854.

* A generalização de “outras igrejas” é feita pelos autores do censo, e não permitem distinção dos números na Tabela E (p.112). Entretanto, dentre as denominações protestantes não Anglicanas que o censo abrange estão: *United Presbyterian Church, Presbyterian Church in England, Reformed Irish Presbyterian, Independents, Particular Baptists, General Baptists (New Connexion), Baptists (not otherwise defined), Society of Friends (Quaker), Unitarians, Wesleyan Methodists, Methodists (New Connexion), Primitive Methodists, Wesleyan Association, Independent Methodists, Wesleyan Reformers, Welsh Calvinistic Methodists, L’Huntingdon’s Connexion, Sandemaniacs, New Church e Isolated Congregations*. Outras Igrejas incluídas não protestantes também foram incluídas, como: *Roman Catholic, Catholic and Apostolic Church e Latter Day Saints*. Não se sabe, no entanto se foi contabilizado como Igreja, as populações judias, também abarcadas em outras tabelas.

** Viajantes de Canterbury: 4 (Holman de Exeter, Caldcleugh de London, Candler de Great Bardfield, Burgess que morava em Leicester)

Quadro 2 – Proporção de fiéis cristãos na província eclesiástica inglesa de York.

YORK	Igreja Anglicana	Outras Igrejas*	Total
Locais de adoração	2526	5338	7864
Habitantes por local de adoração	2092	981	672
Assento em Igreja por habitante	4,58	3,88	2,10
Viajantes Ingleses provenientes dessa Província Eclesiástica	—————	—————	6 ***

Fonte: *Census of Great Britain, 1851: Religious Worship in England and Wales (1854)*. Disponível em: <http://archive.org/details/censusgreatbrit00mannngoog>.

No entanto, apesar de esclarecedores, esses números não nos informam a quantidade de fiéis que de fato frequentavam os cultos e mesmo os números de frequência existentes estipulam a lotação das igrejas nos diferentes cultos ao longo do dia sem se preocupar se as mesmas pessoas ou pessoas diferentes participavam. Sendo assim, apenas para fins de contextualização, é possível perceber um leve prevalectimento da Igreja Anglicana sobre as outras denominações na província de Canterbury. É possível perceber também a situação oposta na província eclesiástica de York – predominam as outras Igrejas. Algo que pode ajudar a explicar essa diferença é que York, mais ao norte, estava mais longe da influência da Coroa com sua tradição Anglicana e mais perto da Escócia onde floresceram denominações protestantes como a Presbiteriana.

John Knox, um dos pais da Igreja Presbiteriana, era Escocês e George Whitefield, um dos pais da Igreja Metodista, era de Epworth (próximo à cidade de York). Ambas as denominações possuíam número de seguidores próximo ao da Anglicana nas cidades de Liverpool, Leeds e Newcastle¹³⁴ - grandes cidades na província eclesiástica de York.

*** Viajantes de York: 6 (Koster de Liverpool, Luccock de Leeds, Henderson de Whitehaven, Graham de Papcastle, Ewbank de Barnard Castle, Wetherell de Howden).

¹³⁴ MANN, Horace (org.). *Op.cit.*, p. 122, 121, 126.

2.1.1 – Os autores britânicos.

Consciente das observações do subcapítulo anterior, tratarei de 13 viajantes de diferentes nacionalidades dentro da Grã Bretanha e, assim como no caso estadunidense, de diferentes profissões e confissões religiosas. Num balanço prévio bastante geral, estes viajantes são oriundos da Inglaterra (11), da Escócia (1) e da Irlanda (1). São eles – e os anos de visita – Thomas Lindley (1802-1803), John Luccock (1808-1818), Henry Koster (1809-1815), John Shilibeer (1814), Alexander Caldcleugh (1819-1821), James Henderson (1819-1821), Maria Graham (1821-1823), James Holman (1827-1832), Robert Walsh (1828-1829), George Gardner (1838-1841), Thomas Ewbank (1846), James Wetherell (1846-1857), John Candler & Wilson Burgess (1852-1853), Hastings Charles Dent (1883-1884). As principais profissões exercidas ou funções que motivaram a viagem eram o comércio (3), a religião (3), a representação diplomática (2), o exercício de escritor (2) e o serviço militar (1). Dois deles vieram ao Brasil por motivos menos profissionais como Henry Koster que veio para se tratar de uma doença respiratória e Thomas Ewbank que veio visitar um irmão que já residia no Brasil. Cada um possui uma particularidade interessante que será explorada com mais detalhes a seguir.

Thomas Lindley, que inaugura essas observações sobre os viajantes, é um desses homens sobre o qual se sabe pouquíssimo. Homônimo de um Thomas Lindley estadunidense que era dono de um moedor na Carolina do Norte, “nosso” Thomas Lindley também era empresário e foi preso no Brasil, na Bahia, em 1802 por acusação de contrabando. O Brasil, então colônia de Portugal, ainda era proibido de realizar transações comerciais com comerciantes estrangeiros sem a devida autorização da coroa portuguesa. Sabe-se, no entanto, que ele era capitão do navio o qual intentava deixar o Brasil com madeira¹³⁵ quando foi aprisionado. Após essa ocorrência, Lindley foi confundido com um médico, vivendo parte de seu tempo “preso”¹³⁶ no Brasil desempenhando tal função. Nessa oportunidade, Lindley basicamente esteve em Salvador e em Porto Seguro e, em agosto de 1803, retornou à Inglaterra.

De sua obra, fonte importante no estudo de seu passado, apreendemos que Lindley dedica o livro ao Earl of Moira que era, então, o nobre Francis Rawdon-Hastings. Percebe-se também que quem escreveu o Prefácio é outra pessoa, entretanto essa pessoa não assina o livro o qual dota de importância por talvez poder “auxiliar os futuros comerciantes britânicos”¹³⁷. Ao

¹³⁵ *The American Quarterly Review*, Volume 10. Philadelphia: Carey and Lea, 1831, p.127.

¹³⁶ EAKIN, Marshall C.; ALMEIDA, Paulo Roberto (eds). *Envisioning Brazil: A Guide to Brazilian Studies in the United States*. Madison, The University of Wisconsin Press, 2005, p.350.

¹³⁷ LINDLEY, Thomas. *Narrative of a voyage to Brasil; terminating in the seizure of a British vessel, and the imprisonment of the author and the ship's crew, by the Portuguese*. With general sketches of the country, its

livro publicado em 1805 foi dado o tânico *Narrative of a voyage to Brasil; terminating in the seizure of a British vessel, and the imprisonment of the author and the ship's crew, by the Portuguese*. Alarcon Agra Do Ó demonstra que provavelmente a visita que ocasionou a prisão não havia sido a primeira visita de Lindley ao Brasil já que o viajante inglês realizou comparações entre a Bahia, local do aprisionamento, e o Rio de Janeiro¹³⁸.

Respeitando a ordem de publicação das obras, sigo para o Tenente da Marinha britânica **John Shillibeer** que teve permanência curta em passagem pelo porto do Rio de Janeiro a bordo do navio *HMS Briton*. Shillibeer, então, era tenente em comando deste que foi o navio que se tornou conhecido por navegar até as ilhas Pitcairn ao sul do Oceano Pacífico num ponto bastante afastado de qualquer território continental. Dessa viagem surgiram publicações como a que usei intitulada *A narrative of the Briton's voyage, to Pitcairn's Island; including an Interesting Sketch of the Present State of the Brazils and of Spanish South America* e a *Account of Pitcairn's Island Received from Mr. Rodney Shannon, Lieutenant on Board the King's Ship, 1815*¹³⁹.

Não foi possível encontrar mais informações em dicionários biográficos como o acervo contemporâneo da Oxford ou nas consultas ao *Dictionary of National Biography* publicado no final do XIX. Sabe-se, no entanto, que antes de vir ao Brasil Shillibeer teve experiências de combate naval nas quais foi considerado por contemporâneos como um comandante valente que mantinha sua tropa com disciplina constante¹⁴⁰.

Assim como Shillibeer, não foi possível compilar largas informações sobre **John Luccock**. Sabe-se que a ele foi concedida a permissão de fazer negócios no Brasil entre 1808 e 1818, e da Inglaterra ele veio para instalar em sociedade com Arthur Lupton a empresa Lupton & Luccock no Rio de Janeiro. Segundo Guenther, o ambiente econômico era bastante favorável para que mercadores estrangeiros investissem na economia local, considerando as baixas taxas de importação de produtos para o Brasil¹⁴¹ implantadas após a abertura dos portos às nações amigas. O mercador de tecidos J. Luccock, de Leeds foi um dos primeiros ingleses a permanecer

natural productions, colonial inhabitants, etc. and a description of the City and Provinces of St. Salvadore and Porto Seguro. London: Printed for J. Johnson, St. Paul's Church-Yard, 1805, p.xvi.

¹³⁸ AGRA DO Ó, Alarcon. Thomas Lindley: um viajante fala de doenças e dos seus enfrentamentos, no início do século XIX. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Abr 2004, vol.11, no.1, p.15.

¹³⁹ Segundo: ALEXANDER, Caroline. *The Bounty: The True Story of the Mutiny on the Bounty*. New York: Penguin Books, 2003, p.440.

¹⁴⁰ NICOLAS, Paul Harris. *Historical Record of the Royal Marine Forces – Volume 2*. London: Thomas and William Boone, 1845, p.131-2.

¹⁴¹ GUENTHER, Louise. *The British community of 19th century Bahia: public and private lives*. University of Oxford Centre for Brazilian Studies Working Paper Series. Oxford: Oxford University, 2001, p.6.

no território com permissão adequada, o que lhe permitiu realizar um dos trabalhos mais completos¹⁴² dentre os pioneiros – sendo referenciado inclusive por Auguste de Saint-Hilaire por duas vezes¹⁴³. Durante sua viagem ao Brasil, Luccock percorreu os atuais estados do Rio de Janeiro, de Minas Gerais (principal fonte da Obra), do Paraná, do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Uruguai.

Em sua obra *Notes on Rio de Janeiro and the southern parts of Brazil; taken during a residence of ten years in that country* que foi publicada em 1820 após seu retorno à Inglaterra, Luccock não apresenta dedicatória ou explica a razão para tê-la escrito. Excetuando a publicação de Koster realizada em 1816, Luccock é o primeiro viajante a permanecer por longa e contínua data no Brasil, entre os viajantes selecionados, tendo aqui permanecido por 10 anos. Sua obra, abrangendo as atuais regiões Sudeste e Sul do Brasil, apresenta uma visão bastante ampla da sociedade e, ao mesmo tempo, bastante carregada de críticas. Em seu registro, Luccock abrange funerais de brancos e negros, cemitérios, descrições de estrangeiros perante a morte e outros aspectos da cultura funerária.

James Henderson foi um mercador com aspirações diplomáticas que esteve no Brasil antes da Independência entre 1819 e 1821. Segundo o verbete a ele dedicado em um dicionário biográfico¹⁴⁴, ele nasceu em 1782 no norte da Inglaterra numa cidade chamada Whitehaven e, na época em que viajou, era casado e tinha três filhos até então. Chegou ao Rio de Janeiro no mês de março com a expectativa de ser indicado para um cargo consular e para expandir seus negócios. A primeira opção, no entanto, foi negada pelo então cônsul-geral Henry Chamberlain. Enquanto esteve no Brasil, Henderson fez anotações sobre a morte no Rio de Janeiro e em Pernambuco e, além disso, desenvolveu um trabalho amplo que buscou abordar a geografia, o comércio, a colonização e os habitantes aborígenes. Publicada no ano em que retornou à Inglaterra (1821), a obra *A history of the Brazil; Comprising its Geography, Commerce, Colonization, Aboriginal Inhabitants, etc etc etc* foi bastante embasada pela *Corografia brasileira* de Manuel Aires de Casal¹⁴⁵.

Após a publicação desse relato e de outros posicionamentos públicos em favor do reconhecimento do Estado brasileiro (após 1822) para o bem das relações comerciais entre os

¹⁴² GUENTHER, Louise. *Op.cit.*, p.6.

¹⁴³ SAINT-HILAIRE, Auguste. *Voyage dans le provinces de Saint-Paul et de Sainte-Catherine – Tome second*. Paris: Arthus Bertrand, 1851, p.293 e 330.

¹⁴⁴ BROWN, Matthew. "Henderson, James". In: *Oxford Dictionary of National Biography online edition*. Oxford University Press, Oct 2009. Disponível em: <http://www.oxforddnb.com/templates/article.jsp?articleid=12909/>; Acessado em: 30/10/2014.

¹⁴⁵ BROWN, Matthew. *Op.cit.*

países, Henderson conseguiu o que aspirava quando veio ao Brasil em 1819 sendo apontado como Cônsul Britânico em Bogotá na Colômbia em outubro de 1823. Anos depois, devido às amígdas controversas com líderes regionais e ao posterior assassinato de uma figura importante no país, do qual ele foi acusado de envolvimento, Henderson acabou sendo pressionado a deixar o cargo e a retornar a Inglaterra em 1831. Após seu retorno, voltou a se envolver em questões político-econômicas, mas sem obter sucesso ou reconhecimento anterior ao decisivo evento na Colômbia que o marcou até o final de sua vida¹⁴⁶.

O londrino **Alexander Caldcleugh** foi outro dos ingleses que vieram para o Brasil entre 1808 e 1822, ou seja, quando este ainda era território português. Segundo o responsável por seu artigo no *Oxford Dictionary of National Biography*, pouco se sabe sobre sua vida antes de vir para a América do Sul. Sabe-se que era filho de um escocês dono de navio e mercador de mesmo nome, nasceu em Londres em junho de 1795 e que foi batizado na Igreja Saint Olave de denominação Anglicana¹⁴⁷.

Caldcleugh veio ao Brasil a bordo do *HMS Superb* que já possuía em seu “currículo” duas batalhas durante a Revolução Francesa e nas Guerras Napoleônicas¹⁴⁸. Zarpou de Plymouth, Alexander, como secretário pessoal do renomado diplomata Sir Edward Thornton que assumiria o cargo de Ministro Britânico na corte Portuguesa instalada no Brasil. Caldcleugh permaneceu no Rio de Janeiro e região entre outubro de 1819 e janeiro de 1821, quando foi convidado a visitar Buenos Aires. De lá, ainda no ano de 1821, visitou Montevidéu, Mendoza (Argentina), Valparaíso (Chile) e Lima (Peru)¹⁴⁹. Retornou em outubro do mesmo ano para a Inglaterra e passou a frequentar sociedades de História Natural no seu país de origem. Seu relato, publicado em 1825, recebeu o título *Travels in South America, during the years 1819-20-21 Containing an Account of the Present State of Brazil, Buenos Ayres, and Chile*. O Viajante retornou à América do Sul em outras oportunidades, principalmente ao Chile onde chegou a morar e trabalhar na área de mineração¹⁵⁰.

¹⁴⁶ BROWN, Matthew. *Op.cit.*

¹⁴⁷ LLORCA-JAÑA, Manuel. Caldcleugh, Alexander. In: *Oxford Dictionary of National Biography online edition*. Oxford University Press, Oct 2009. Disponível em: <http://www.oxforddnb.com/view/article/98452/>; Acessado em: 08/10/2009.

¹⁴⁸ Como consta em sítio eletrônico dedicado a memória desse e de outros navios de mesmo nome na Marinha Real Britânica. Disponível em: <http://www.hmssuperb.co.uk/>; Acessado em: 29/10/2014.

¹⁴⁹ LLORCA-JAÑA, Manuel. *Op.cit.*

¹⁵⁰ Idem.

Dotado de reconhecimento recente¹⁵¹ e na literatura sobre as viagens no XIX¹⁵², **Henry Koster** é outro dos autores selecionados. Nascido em Lisboa no ano de 1793, mas de criação inglesa, Koster era filho do comerciante John Theodore Koster apontado como comprador clandestino de ouro que remetia o minério do Brasil para Inglaterra por meio de Portugal¹⁵³. Henry é tomado como inglês por algumas fontes¹⁵⁴. No período de 1809 a 1811, viajou para o Pernambuco devido à crença de que o clima da região seria favorável ao tratamento de uma doença. Em sua segunda vinda, a partir do final do ano de 1811 até o início de 1815, Henry Koster se estabeleceu como senhor de engenho¹⁵⁵ em Itamaracá, Pernambuco. Ao longo desse tempo, o anglo-lusitano percorreu diversas províncias da região nordeste, como Paraíba, Ceará e Maranhão. De suas viagens e de uma pesquisa na biblioteca de Robert Southey com quem se correspondia¹⁵⁶, surgiu o livro de título *Travels in Brazil*, publicado em 1816, cujo sucesso justificou o surgimento de diversas edições ainda na mesma década¹⁵⁷. Henry Koster chegou a receber um ilustre hóspede enquanto estava em Pernambuco, o ornitólogo William Swainson, primeiro cientista britânico a visitar o Brasil depois de 1808.

A relação de Koster com a morte ficou registrada em trechos de seu relato publicado em 1816 e ele, inclusive em decorrência de uma tuberculose, faleceu aos 27 anos após a publicação do relato durante uma terceira vinda ao Brasil em 1820¹⁵⁸. Enquanto estava internado num hospital, durante suas viagens publicadas, Koster chegou a receber visitas de brasileiras que se preocuparam em arranjar um funeral próprio ao visitante.

Apelidado pelo viajante Sir. Richard Francis Burton de “o viajante cego”, **James Holman** é outro dos viajantes selecionados para este trabalho. Nascido no ano de 1786 e criado em Exeter, Holman demonstrou desde cedo seu desejo de conhecer outros lugares do mundo¹⁵⁹ e esse interesse teria encontrado inspiração na cidade citada a qual teria possuído um conjunto de recursos pitorescos ressaltados por Jason Roberts, autor contemporâneo que possui um livro

¹⁵¹ Segundo: EAKIN, Marshall C.; ALMEIDA, Paulo Roberto (eds). *Op.cit.*, p.352-3.

¹⁵² *The American Quarterly Review*, Volume 10. Philadelphia: Carey and Lea, 1831, p.128; AGRA DO Ó, Alarcon. Thomas Lindley: um viajante fala de doenças e dos seus enfrentamentos, no início do século XIX. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Abr 2004, vol.11, no.1, p.15.

¹⁵³ CHECKLAND, S. G. John Koster, Anti-Bullionist. *The Manchester School*. Maio 1952, Vol 2, N. 2, p.174-202.

¹⁵⁴ EAKIN, M. C.; ALMEIDA, P. R. (eds). *Op.cit.*, p.352.

¹⁵⁵ MARSON, Izabel Andrade. Imagens da condição feminina em "Travels in Brazil" de Henry Koster. *Cadernos Pagu*. 4, 1995, p.219.

¹⁵⁶ SPECK, William Arthur. *Robert Southey: Entire Man of Letters*. New Haven: Yale University Press, 2006.

¹⁵⁷ MARSON, Izabel Andrade. *Op.cit.*, p.220.

¹⁵⁸ URBAN, Sylvanus (org.). *The Gentleman's Magazine: and historical chronicle from July to December, 1820*. Volume 128. London: Printed by John Nichols and son, 1820, p.186.

¹⁵⁹ ROBERTS, Jason. *A Sense of the World: how a blind man became History's greatest traveler*. New York: Harper Collins Publishing, 2006.

sobre o viajante. Com apenas 13 anos, James Holman se alistou na Marinha Real Britânica e se tornou Tenente nove anos depois, em 1807. Tornou-se cego e fisicamente debilitado em decorrência da evolução de uma doença que Holman adquiriu em serviço à Marinha com apenas 25 anos, em 1810. Ainda assim, desde 1819, James Holman passou a realizar viagens pelo mundo, tendo passado pela França, Suíça, Itália, Alemanha, Bélgica e Holanda, posteriormente pela Rússia e, de 1828 a 1829, esteve em importantes regiões brasileiras como Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Da viagem ao Brasil, que foi parte de uma volta ao mundo, surgiu o livro *A Voyage Round the World: Including travels in Africa Asia, Australasia, America, etc, etc. - vol I e II*, publicado em 1834. Cabe citar que, ao longo de sua viagem, Holman esteve com Robert Walsh, o qual foi introduzido ao viajante cego com admiração, conforme o relato de Walsh. Teria sido aclamado publicamente, ainda vivo¹⁶⁰, por sua iniciativa de dar a volta ao mundo com sua condição e escrever um livro sobre experiências normalmente ligadas à visão, entretanto seu nome permaneceu esquecido até a obra de Jason Roberts. Na *Enciclipaedia Britannica* de 1910 o nome de Holman foi citado apenas uma vez e por um parágrafo apenas, entre os importantes homens cegos da História¹⁶¹, entretanto nas versões seguintes nada mais se falou dele.

Outro viajante de grande importância para este estudo é **Robert Walsh**, um irlandês anglicano que foi apontado capelão pela embaixada britânica no Brasil. São fartas as informações sobre sua pessoa e sobre sua narrativa às terras brasileiras, ainda que sua estadia tenha sido curta – tendo durado de setembro de 1828 a maio de 1829. Supostamente tendo escrito e publicado para o divertimento de uma amiga na Inglaterra, conforme consta no volume 1 de seu *Notices of Brazil in 1828 and 1829*, de 2 volumes, Walsh publicou sua primeira edição já em 1830. O capelão anglicano teria percorrido o Rio de Janeiro e as regiões mineiradoras de Vila Rica, São João e São José Del Rei¹⁶².

Walsh nasceu em Waterford na Irlanda¹⁶³ em 1772 e se graduou na *Trinity College* em 1796. Foi ordenado clérigo da Igreja Anglicana em Finglas no condado de Dublin e serviu lá de 1806 a 1820, onde protagonizou um episódio pelo qual se tornou conhecido na região: desenterrou uma cruz cristã, a *Nethercross*¹⁶⁴ de origem medieval escondida no período em que

¹⁶⁰ Segundo a *Enciclipaedia Britannica* de 1910.

¹⁶¹ *Encyclopaedia Britannica*, 11ª Edição, Volume 4, Slice 1 - "Bisharin" to "Bohea", 1910, p.71.

¹⁶² Cf: WALSH, Robert. *Op.cit.*

¹⁶³ Walsh, Robert. In: LEE, Sidney (ed.). *Dictionary of National Biography: Wakeman – Watkins*, vol. LIX. London: Smith, Elder and Co., 1899, p.224-5; Diferentemente do que é afirmado em LEITE, I. B. *Op.cit.*, p.30.

¹⁶⁴ Como consta no diretório online de livrarias públicas da cidade de Dublin. Disponível em: <http://dublincitypubliclibraries.com/dublin-buildings/nethercross>; Acessado em: 23/10/2014

Oliver Cromwell liderava a Grã Bretanha e se opunha aos católicos. Segundo consta, o Reverendo possuía grande interesse em conhecimento sobre o passado e é possível afirmar que possuía uma relação não de completa rejeição à diferença cultural¹⁶⁵ já que, além de ter questionado uma interdição de enterramento de um estrangeiro no Brasil, ainda realizou a cerimônia com luteranos. Já em avançada idade, Walsh teria retornado a Constantinopla onde, antes de vir ao Brasil, havia sido capelão da embaixada britânica.

Lady Maria Callcott ou, como era conhecida no momento da publicação do relato, **Mary Graham** foi uma escritora que em certo momento da vida esteve no Brasil. A viajante nasceu em 1785 em Papcastle na região noroeste da Inglaterra, próximo à Escócia e viveu no Chile antes de passar longo período em território brasileiro. A experiência de Graham como viajante foi vasta e remonta o período em que viajou para a Índia com seu pai ainda em 1808 quando conheceu e se casou com o Capitão Thomas Graham, adotando então o nome Mary Graham. Ambos esposados e já tendo estado juntos na Itália em 1819¹⁶⁶ embarcaram para a América do Sul no navio Doris em 1821. Em abril de 1822, no Cabo Horn, Thomas Graham faleceu e Mary seguiu para Valparaíso (Chile) onde acabou por presenciar e relatar um terremoto de escalas catastróficas lembrado pelos chilenos até hoje. Entre os anos de 1821 e 1823, conforme a fonte¹⁶⁷, ela esteve em Olinda, Salvador e Rio de Janeiro e com base em sua estadia publicou seu diário de título *Journal Of A Voyage To Brazil, And Residence There, During Part Of The Years 1821, 1822, 1823*.

Algo interessante da trajetória de Graham é que sua relação com o Brasil se estreitou e se aprofundou mais após seu tempo no país. Depois de ter sido apresentada à família Real brasileira (em 1823), foi convidada a ser preceptora da jovem princesa Dona Maria da Glória. Após 1826, findo seu trabalho junto à família Real no Brasil, Graham retornou a Inglaterra e se casou com o artista Augustus Wall Callcott. Adotou o nome do marido e hoje é possível encontrar diversas referências a ela usando seu nome Maria Callcott. Acabou se acidentando numa viagem à Itália e morreu inválida décadas depois, após anos de intensa produção literária para diversos públicos¹⁶⁸.

¹⁶⁵ Esse caso será melhor tratado no Capítulo 3.

¹⁶⁶ Para essas e outras informações ver: Callcott, Mary. In: STEPHEN, Leslie (ed.). *Dictionary of National Biography: Burton – Cantwell*, vol. VIII. London: Smith, Elder and Co., 1886, p.258.

¹⁶⁷ GRAHAM, Maria. *Journal of a voyage to brazil, and residence there, during part of the years 1821, 1822, 1823*. London: Longman, 1824.

¹⁶⁸ Callcott, Mary. In: STEPHEN, Leslie (ed.). *Op.cit.*, p.258.

George Gardner foi um naturalista nascido em 1810, em Ardentinny¹⁶⁹, pequena vila litorânea próxima a Glasgow, na Escócia. Era médico e cirurgião por formação, respectivamente, na *Andersonian University of Glasgow* e na *Faculty of Physicians and Surgeons of Glasgow*¹⁷⁰. Seus interesses pessoais o levaram a estudar e escrever sobre plantas e, tendo chamado a atenção de um nobre, acabou conseguindo apoio para realizar estudos da flora brasileira. Veio ao país e desembarcou no Rio de Janeiro em 1836, tendo embarcado em Liverpool, e apesar de ter conseguido passagem grátis num navio da Marinha Real, preferiu um navio mercante no qual pudesse praticar seu português e espanhol. Gardner percorreu também a região das minas e a região amazônica.

Gardner permaneceu no Brasil por 5 anos e, após seu retorno à Grã-Bretanha, passou anos organizando sua coleção de sementes e plantas antes de submeter à publicação o livro *Travels in the Interior of Brazil, principally through the Northern Provinces and the Gold Districts, during the years 1836o l*, um dos produtos de sua viagem. Antes disso, o autor já vinha se correspondendo com colegas britânicos enviando artigos para publicação nas revistas especializadas de então. Em grande parte, e devido a suas publicações, foi convidado em 1843 a assumir o cargo de subintendente do Jardim Botânico de Peradeniya no, então colônia inglesa, Sri Lanka¹⁷¹.

Thomas Ewbank foi outro dos viajantes que esteve no país na década de 40 do século XIX. Biografado como um escritor de mecânica prática pelo *Dictionary of National Biography*¹⁷² de 1899, Ewbank nasceu em 1792 em Barnard Castle no norte da Inglaterra (próximo a Leeds, de John Luccock). Desde jovem trabalhou em funções práticas como bombeiro e no ramo de conservas de carne em Londres enquanto se dedicava à leitura. Com 27 anos emigrou para os Estados Unidos e morou em Nova York trabalhando em manufaturas como tubos de cobre. Essa emigração passaria a ser bastante valorizada por ele próprio¹⁷³, devido à oportunidade de ascensão social pela qual o motivava a defender tanto a forma de governo quanto o modo de vida estadunidense. Em 1836, após ter sucesso em seu negócio,

¹⁶⁹ George Gardner. In: Glossário HISTEDBR. Unicamp. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_b_george_gardner.htm; Acessado em: 28/10/2014.

¹⁷⁰ Como consta na curta biografia apresentada no sítio eletrônico do Royal Botanic Gardens. Disponível em: <http://www.kew.org/science/tropamerica/gardner/biography.html>; Acessado em: 28/10/2014.

¹⁷¹ Idem.

¹⁷² Ewbank, Thomas. In: STEPHEN, Leslie (ed.). *Dictionary of National Biography*: Esdaile – Finan, vol. XVIII. London: Smith, Elder and Co., 1889, p.92-3.

¹⁷³ PAULINO, Carla Viviane. *O império do atraso: impressões sobre o Brasil elaboradas pelo viajante norte-americano Thomas Ewbank (1846-1856)*. 2011. Dissertação de Mestrado - Universidade de São Paulo (USP). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas São Paulo, p.25.

Ewbank passou a se dedicar apenas aos seus estudos e escritos sobre mecânica, o que contribuiria para ele ser apontado comissionário de patentes pelo Presidente Zachary Taylor, 13 anos depois. Antes disso, Ewbank veio ao Brasil para uma curta estadia entre fevereiro e agosto de 1846.

Segundo Paulino¹⁷⁴, Ewbank veio ao Brasil por seus próprios meios para visitar um irmão que residia no Rio de Janeiro. Nos cinco meses de viagem ao Brasil, Ewbank relatou sobre esmolas para almas, ex-votos, funerais diversos – inclusive de uma Condessa – e seus gastos, cemitérios no Brasil e outros aspectos. Seu relato foi publicado apenas em 1856, com o título *Life in Brazil; or, A journal of a visit to the land of the cocoa and the palm*. Essa demora pode ser explicada por seus intensos afazeres desde seu retorno do Brasil ele acompanhou viagens exploratórias nos Estados Unidos e contribuiu na feitura do apêndice do livro de viagem do oficial da Marinha James Melville Gillis¹⁷⁵ à América do Sul. Thomas Ewbank ajudou a fundar e foi um dos presidentes da *American Ethnological Society* (Sociedade Etnológica Americana). Sobre ele foi publicada recentemente uma dissertação de mestrado em História na USP¹⁷⁶.

James Wetherell foi um inglês que esteve no Brasil por longo período no qual serviu como Vice-Consul Britânico. Foi batizado em 1823 em Howden no norte da Inglaterra, próximo a Leeds. Entre 1842 e 1857 permaneceu no Brasil e era responsável, entre outras coisas, pela elaboração de relatórios à casa dos Comuns e ministros sobre o comércio escravista e seus preços em distritos da província de Pernambuco¹⁷⁷. Em 1858 faleceu ao cair de uma escada e seu relato *Brazil. Stray notes from Bahia: being extracts from letters, etc., during a residence of fifteen years* foi publicado dois anos após sua morte com a colaboração do editor William Hadfield¹⁷⁸ que também morou no Brasil.

Consta na introdução de sua obra que ele tinha grande interesse em conhecimentos sobre a natureza e que atuou em carreira mercantil antes de ingressar na carreira consular, já iniciando na Bahia. Passou 12 anos no cargo que não previa pagamento, tendo assumido algumas vezes o cargo máximo de Cônsul devido à ausência de seu superior. Após esse tempo,

¹⁷⁴ PAULINO, C. V. *Op.cit.*, p.27.

¹⁷⁵ PAULINO, C. V. *Op.cit.*, p.31.

¹⁷⁶ *Idem*.

¹⁷⁷ *Class B correspondence with British Ministers and Agents in Foreign Countries and with Foreign Ministers in England, relating to The Slave Trade*. London: printed by Harrison and sons, 1859, p.61 e 63; *Slave trade, Accounts and Papers: twentieth volume*. Session 2, 31 may-13 august, 1859, p.61.

¹⁷⁸ Hadfield, William. In: STEPHEN, Leslie (ed.). *Dictionary of National Biography*, vol XXIII London: Smith, Elder and Co., 1889, p.434.

com ajuda de amigos e do nobre de título *Earl*¹⁷⁹ *of Clarendon*, conseguiu uma indicação para Vice-Consul Britânico na Paraíba em 1858, cargo que exerceu por pouco tempo. Tão logo deixou a Inglaterra, sua mãe adoeceu e estando bastante abalado acabou falecendo após cair de uma escada em Pernambuco em abril do mesmo ano. Foi enterrado com apenas 36 anos num cortejo que incluiu o Presidente de Província da Paraíba e outros oficiais e personalidades locais¹⁸⁰.

De autoria dupla, o relato *Narrative of a recent visit to Brazil by John Candler and Wilson Burgess; to present na address on the slave-trade and slavery, issued by the Religious Society of Friends*, foi publicado em 1853 baseado na viagem de **John Candler** e de **Wilson Burgess**. Ambos embarcaram no navio propellido a vapor *Severn* que saiu de Southampton em setembro de 1852¹⁸¹. Tendo ocorrido entre outubro de 1852 e janeiro de 1853, a viagem de ambos ao Brasil tinha um objetivo certo: era uma iniciativa de religiosos Quakers para denunciar o comércio escravista¹⁸². O itinerário incluía grandes centros econômicos como os atuais Pernambuco, Alagoas, Bahia, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Interessante notar que havia entre os Quakers um trabalho intensivo e global contra a escravidão desde o século XVIII¹⁸³ por meio de denúncias das condições de vida, lobby político, petições e etc. No período da viagem, o trabalho dos Quakers já estava mais concentrado em regiões como Brasil e Estados Unidos onde a escravidão ainda ocorria em grande escala.

¹⁷⁹ Título de nobreza acima de Visconde e abaixo de Marquês.

¹⁸⁰ WETHERELL, James. *Brazil*. Stray notes from Bahia: Being extracts from letters, etc., During a Residence of Fifteen Years. Liverpool: Webb and Hunt, 1860, p.iii-v.

¹⁸¹ CANDLER, John; BURGESS, Wilson. *Op.cit.*, p.3.

¹⁸² Sobre a importância de movimentos humanitários como o empreendido pelos Quaker e Metodistas: “De acordo com Catherine Hall, “a classe média inglesa enriquecida apoiou o movimento anti-escravagista, pois participar do movimento pela defesa dos fracos e dependentes - mulheres, crianças, escravos, animais - significava participar da 'independência' da classe média”. Para aqueles homens, defender a religião, a integridade do indivíduo e a liberdade de todos, “imagem e semelhança de Deus”, significava se opor ao poder e à propriedade hereditária, ao controle e tutela aristocrática, às relações clientelistas. O humanitarianism cresceu e se fortaleceu neste contexto de transformações na Grã-Bretanha. Congregou alguns dos princípios norteadores dos “não-conformistas”, como a igualdade de todos perante Deus e o livre-arbítrio para o homem decidir entre o bem e o mal. Os grupos componentes deste movimento elegeram como meta e missão o que entendiam por salvação das almas atormentadas. Reuniram o humanismo renascentista, o iluminismo e os movimentos pelos direitos do homem para iniciar sua campanha pela salvação dos outros, os selvagens, ou seja, para torná-los cristãos. Para os defensores do humanitarianism, todos os homens eram imagem e semelhança de Deus. Iguais perante Deus, era-lhes inconcebível, terrível e abominável qualquer relação entre humanos que se desse pela forma violenta, como o escravismo e, por isso, seu primeiro campo de atuação foi o da luta anti-escravagista.” PASSETTI, Gabriel. *Op.cit.*, p.83-4. Sobre o contexto maior da missão de Candler e Burgess, ver: SEEMBOHM, Benjamin (ed.). *Memoirs of William Forster* – vol II. London: Alfred W. Bennett, 1865, p.344.

¹⁸³ Ver o portal *Quakers and Slavery*. Disponível em: <http://trilogy.brynmawr.edu/speccoll/quakersandslavery/>; Acessado em: 17/02/2015. Ver também o portal inglês dos Quaker, *Quakers in Britain*. Disponível em: <http://www.quaker.org.uk/quakers-and-abolition-slave-trade/>; Acessado em: 17/02/2015.

John Candler nasceu em 1787 em Great Bardfield e desde os seus 12 anos exerceu profissão no ramo de tecelagens de linho. Logo abriu seu próprio negócio na cidade de Chelmsford o que permitiu que ele acumulasse riquezas muito jovem e financiasse seus interesses de leitura e estudo informal¹⁸⁴. Tinha grande interesse por temas bíblicos e filantrópicos, tendo publicado textos em jornais e atuado como professor em escola Quaker e no ministério cristão. Quando veio ao Brasil, em 1852, já tinha mais de sessenta e cinco anos de idade e experiência grande em viagens para as Índias Ocidentais, Berbice, Demerara, Guiana, Haiti e Portugal – essa última já para denunciar o comércio escravista¹⁸⁵. Sobre Wilson Burgess sabe-se apenas que ele morava em Leicester¹⁸⁶ quando acompanhou John Candler e que era casado com Charlotte Tomkinson desde 1833¹⁸⁷. Ambos se mostraram bastante ativos quanto aos interesses da *Religious Society of Friends* (Quaker) na Grã-Bretanha, como foi demonstrado no periódico *The British Friend* de 1862¹⁸⁸.

Por fim dedico-me a **Hastings Charles Dent**, observador de grande valia, entretanto difícil de biografar para além do momento em que escreveu sua obra sobre o Brasil. Com base em Fábio A. Hering¹⁸⁹ e Leslie Bethell¹⁹⁰ afirmo que Dent era empregado da empresa *Minas and Rio Railway Company* no Brasil e, segundo o relato de Hastings Dent¹⁹¹, ele era membro da *Manchester Literary and Philosophical Society* (MLPS)¹⁹² e do *Victoria Institute*¹⁹³. No arquivo digitalizado da MLPS¹⁹⁴ consta apenas que ele foi eleito para integrar

¹⁸⁴ Indiana Historical Society. *A Friendly Mission: John Candler's Letters from America (1853-1854)*. Indianapolis: Indiana Historical Society Publications, 1951, p. 14.

¹⁸⁵ Indiana Historical Society. *Op.cit.*, p. 14-15.

¹⁸⁶ Idem, p. 12.

¹⁸⁷ Letter Of Elizabeth Fry To Sarah Smith, On Prison Reform. *The Journal of the Friends Historical Society*, Vol. 2, Abril, 1913, p. 58.

¹⁸⁸ *The British Friend*: a monthly journal, chiefly devoted to the interests of the Society of Friends. Vol. XX, n. I-XII. Glasgow: Robert Smeal, 1862.

¹⁸⁹ HERING, Fábio Adriano. Os Viajantes Ingleses e a Representação do Brasil: A Cartografia do Ouro das Minas Gerais (1809-1867). *Revista História e-História*. Disponível em: <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&ID=126>; Acessado em: 29/10/2014.

¹⁹⁰ BETHELL, Leslie. A Presença Britânica no Império nos Trópicos. *Revista Acervo*. Rio de Janeiro, v.22, n.1, p.64.

¹⁹¹ DENT, Hastings Charles. *A Year in Brazil: with notes on the abolition of slavery, the finances of the empire, religion, meteorology, natural history, etc.* London : Kegan Paul, Trench, 1886.

¹⁹² A *Manchester Literary and Philosophical Society* é uma sociedade formada por intelectuais sediada na Inglaterra. Suas primeiras reuniões ocorreram na capela Cross Street em Manchester, dedicada a cultos cristãos unitaristas – corrente que defende que Deus é um só, e não uma trindade.

¹⁹³ O *Victoria Institute* foi criado no período contemporâneo à expansão das ideias darwinistas na sociedade inglesa, por críticos e céticos das teorias evolucionistas. Hoje é chamada de *Faith and Thought*, e sua ligação com o cristianismo permanece forte desde a criação do Instituto, o qual publica periódicos frequentes desde a sua criação em 1865.

¹⁹⁴ DENT, Hastings Charles. The Lit & Phil Card Index. Disponível em: <http://cardindex.manlitphil.ac.uk/cards/872>; Acessado em: 29/10/2014.

a sociedade em março de 1879. Sabe-se também que ele publicou no periódico do *Victoria Institute* na área das Ciências Naturais.

De sua viagem ao Brasil que durou de julho de 1883 a agosto de 1884, surgiu o livro *A year in Brazil: with notes on the Abolition of the Slavery, the Finances of the Empire, Religion, Meteorology, Natural History, etc.* publicado em 1886. Sua experiência com a morte no território brasileiro foi bastante rica, tendo ocorrido na atual Conselheiro Lafaiete (antiga Queluz) como demonstram suas anotações.

Assim como foi percebido no caso dos estadunidenses, os britânicos selecionados apresentam diversidade de ocupação e idade, entretanto semelhanças quanto ao extrato social e poder econômico de maneira geral. Quanto às orientações religiosas declaradas, o quadro também se apresenta diverso: poucos viajantes possuem confissão mais explícita. Entretanto, não observei uma preocupação em atacar ou diminuir preocupações cristãs, como aprofundarei no próximo capítulo.

2.2 – Os Estados Unidos da América e seus viajantes.

Foram selecionados sete viajantes estadunidenses os quais, por motivos diversos, desembarcaram em terras brasileiras entre 1837 e 1876. Observa-se a princípio a data de início das viagens ao Brasil as quais originaram o relato: Daniel Parish Kidder, do qual a viagem é a mais antiga desta procedência, esteve no Brasil entre 1837 e 1840. Desde então, durante todas as décadas, houve alguém que esteve em solo brasileiro e que desejou publicar seu relato acerca da região visitada. William Henry Edwards em curta passagem ao longo do ano de 1846; Charles Samuel Stewart que navegou pela costa sul-americana entre 1850 e 1852; Robert Bowne Minturn Jr., apenas de passagem a caminho da Índia em 1856; Herbert Huntington Smith, por duas vezes, em 1870 e 1876; e finalmente Christopher Columbus Andrews, entre 1882 e 1885. Juntos, esses viajantes estiveram nos atuais Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Pará e Amazonas. William Lewis Herndon que viajou pela região amazônica entre 1851 e 1852 é usado para fins comparativos por sua interessante visão sobre funerais na Bolívia.

Temos, portanto, representantes nas décadas de 1830, 40, 50, 70 e 80. Cabe lembrar que entre 1861 e 1865 ocorreu a Guerra Civil estadunidense que ceifou a vida de mais de meio milhão de estadunidenses e grandes quantidades de recursos. Durante este mesmo período dispender esforços humanos e econômicos em expedições para o Brasil talvez não fizesse tanto

sentido. Entretanto essa é uma questão a ser abordada mais profundamente em outra oportunidade. Deve-se considerar também o tempo necessário para recuperação do país após o conflito.

A demora no início das explorações pode ser explicada (também) pelo estabelecimento econômico dos Estados Unidos. Segundo Hobsbawn, apesar de ainda não ser efetivamente industrial, a economia desse país estaria iniciando sua Revolução Industrial na década de 1840¹⁹⁵. Ainda segundo esse historiador, após 1830 o ritmo de mudança social e econômica causada pela expansão do capitalismo¹⁹⁶ se acelerou drasticamente no país norte-americano¹⁹⁷. Contribuindo para um processo de exploração que se agravaria nas décadas seguintes, os Estados Unidos da América passaria no fim do século a figurar como uma potência imperialista. Os viajantes seriam, nesse contexto, a chave para a definição de estratégias de penetração nos mercados e de intervenção na sociedade em direção à civilização (segundo os parâmetros europeus).

Definir precisamente quanto o processo contínuo de exploração, que gradualmente preencheu os espaços vazios nos mapas, estava interligado com o crescimento do mercado mundial é uma questão complexa. Parte era subproduto da política externa, parte produto de entusiasmo missionário, parte de curiosidade científica e, para o fim de nosso período, parte de iniciativa jornalística e editorial¹⁹⁸.

Concordando com Eric Hobsbawn, novamente, não busco justificar as explorações desse período apenas com argumentos relativos à industrialização; acredito que a busca por mercados consumidores e recursos a explorar era um motor chave para essas movimentações e publicações numerosas desse período. O movimento e a motivação contínuas que caracterizavam as viagens não advinham puramente do interesse econômico, entretanto é possível associar forças econômicas às viagens como o progresso industrial, a necessidade de mercado ou ao menos a disponibilidade de capital necessário para financiar uma viagem. As viagens eram organizadas por grande motivação econômica – como é claro em Hobsbawn – mas também científica, de interesse missionário e pessoal. John Luccock, por exemplo, foi um dos viajantes que veio com interesses comerciais, Charles Samuel Stewart teria vindo num navio militar para assegurar transações comerciais, Walsh e Kidder, por outro lado, vieram com

¹⁹⁵ HOBSBAWN, Eric J. *A Era das Revoluções: 1789-1848*. São Paulo: Editora Paz e terra, 2012, p.269.

¹⁹⁶ A diversificação das ocupações, o estabelecimento de uma classe média, o aumento dos excedentes da produção e a pressão por mão de obra livre e melhor qualificada, estão entre as transformações comuns ocorridas nos países pioneiros da industrialização durante o período analisado por Hobsbawn. Cf: Idem.

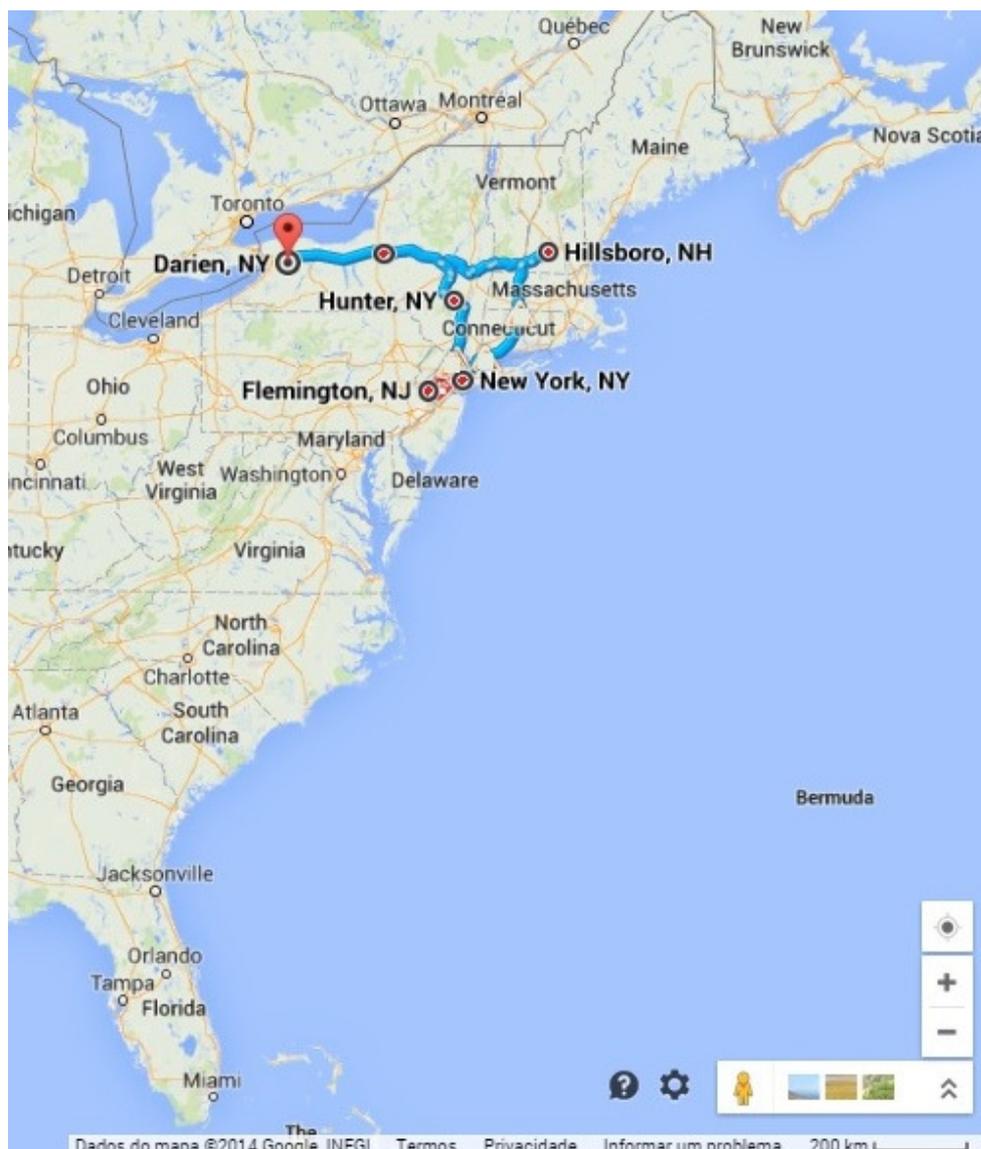
¹⁹⁷ HOBSBAWN, E. *Op.cit.*, p.275-276.

¹⁹⁸ HOBSBAWN, Eric. *A Era do Capital*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004, p.65.

motivações religiosas. Outros exemplos serão apresentados em seu devido momento neste capítulo.

Um aspecto comum que se encontra nos viajantes aqui selecionados é sua origem geográfica e seu local de formação. Todos os viajantes norte-americanos escolhidos que visitaram o Brasil nasceram em estados do Norte localizados na costa leste: Nova Iorque (4 viajantes), Nova Jérsei (1) e New Hampshire (1).

Figura 4- Cidades dos viajantes estadunidenses em mapa atual



Fonte: Elaborado por mim com dados do Google Maps

Mais uma vez, todos estudaram em estados próximos, na mesma região: Connecticut (2), Massachusetts (2) e Nova Iorque (2). Desse modo permaneço na região de característica colonização calvinista europeia. Dois deles se formaram em Direito, dois em

ciências da natureza e dos outros não se tem notícia da formação, apenas da instituição. Dentre os seis, dois seguiram linha religiosa, um como reverendo e outro como capelão. Assim, destaca-se o fato de se ter notícias sobre o local de estudo de todos os viajantes e, claro, a peculiaridade de serem em geral viajantes com estudo. Tal perfil não se repete entre os Britânicos sobre os quais não se têm tantas notícias e os quais não necessariamente possuíam elevada educação formal.

Por fim, um ponto importante que permeará parte do argumento desenvolvido nesse capítulo é o fato de que todos esses estados mencionados fizeram parte da tradicional região de forte influência protestante, mais especificamente “Puritana”: a Nova Inglaterra (New England). Nos séculos XVII, principalmente, e XVIII, os puritanos de origem inglesa desenvolveram suas comunidades nessa região e sua influência foi tamanha que até hoje se associa o fortalecimento da colonização dos EUA com a chegada do navio Mayflower repleto de colonos puritanos¹⁹⁹. O dia de ação de graças, de origem puritana, foi proclamado como celebração nacional por George Washington em 1789²⁰⁰ e ainda é celebrado com importância no país. Esses são alguns exemplos que ajudam a demonstrar como os Puritanos são e eram valorizados na região de origem dos viajantes. Hoje, já não há esta predominância dos descendentes de Puritanos, exceto na Nova Inglaterra, e de modo geral nos Estados Unidos é a diversidade religiosa com pequena predominância Metodista, Batista e Presbiteriana. Poucas comunidades puritanas ainda são encontradas e, quando são, ocupam regiões rurais²⁰¹.

Ciente da afirmação de Erik Seeman acerca da porcentagem pequena de puritanos dentre o total de habitantes europeus das 13 colônias²⁰², porém baseando-me em David Stannard e Gary Laderman²⁰³, que afirmam a expressiva influência dos puritanos na formação cultural do Norte dos Estados Unidos ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX, concluo sobre a importância de se expor os aspectos a seguir.

¹⁹⁹ Para mais ver: HILL, Christopher. *O Mundo de Ponta-Cabeça: Idéias Radicais na Revolução Inglesa de 1640*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

²⁰⁰ HODGSON, Godfrey. *A Great and Godly Adventure: The Pilgrims and the Myth of the First Thanksgiving*. New York: Public Affairs, 2006, p.167.

²⁰¹ Cf: PARK, Chris. Religion and Geography. In: HINNELLS, John R. *The Routledge Companion to Study of Religion*. New York: Routledge, 2005, p.442-443.

²⁰² SEEMAN, Erik. *Op.cit.*, p.45.

²⁰³ LADERMAN, Gary. *The Sacred Remains: American attitudes toward death*. New Haven: Yale University Press, 1996, p.7-11.

Figura 5- As Treze Colônias Estadunidenses Originais



Fonte: Google Imagens²⁰⁴

Em 1620, saindo do porto de Plymouth, um grupo de navios zarpou da Inglaterra com destino ao atual território dos Estados Unidos. Apesar de não comporem a primeira frota, foi essa a expedição mais conhecida pelo largo número de colonizadores puritanos presentes. Diferentemente do que se pode pensar, os puritanos não eram maioria entre as treze colônias, mas ficaram marcados por terem fugido de perseguições políticas e religiosas e por sua união em comunidade, nas cidades da Nova Inglaterra em maioria; mais ao centro, na Virgínia - de predominância da Igreja anglicana e do Estado Inglês – nas chamadas colônias do meio, onde a diversidade religiosa e nacional predominava: protestantes holandeses, huguenotes, quakers, batistas, presbiterianos, luteranos, católicos e outros, compunham a vasta comunidade central. Diferentemente da Virgínia e Nova Inglaterra, onde a imposição religiosa se fazia clara e forte, chegando ao ponto de ser requisito para a escolha de representantes políticos. Nas colônias centrais, qualquer tipo de liderança religiosa una e impositiva foi impossível, por maior que fosse a influência de determinada corrente religiosa²⁰⁵.

²⁰⁴

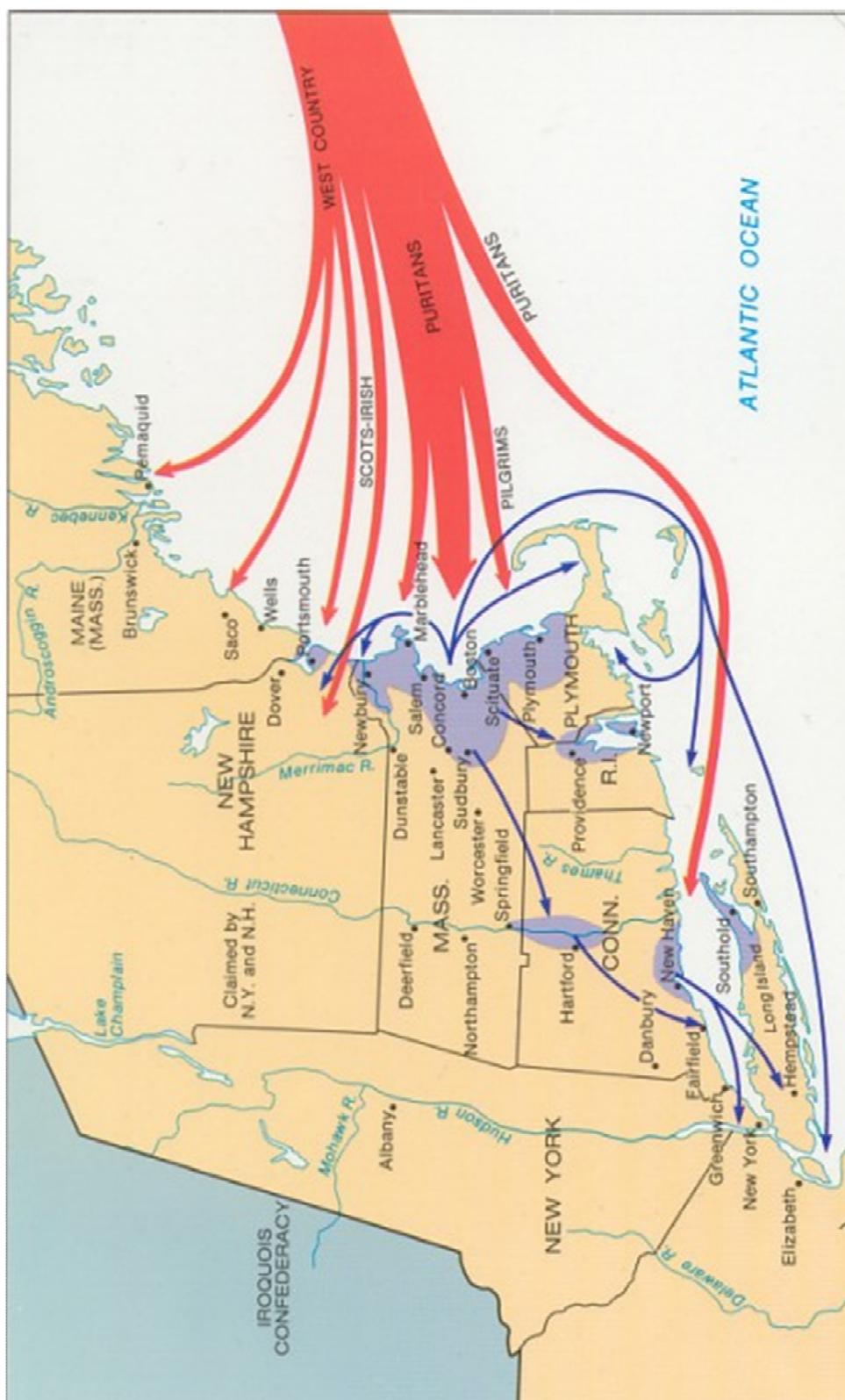
Disponível

em:

<https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/736x/c6/65/1c/c6651ccf266c676475edc6b9843b5ec8.jpg> . Acessado em: 15/04/2015.

²⁰⁵ ZINN, Howard. *A People's History of the United States: 1492-Present*. New York: HarperCollins, 2003.

Figura 6- A Colonização Puritana dos EUA



Fonte: Página do Departamento de História da Universidade do Estado do Missouri²⁰⁶

²⁰⁶ Disponível em: <<http://courses.missouristate.edu/bobmiller/HST/HST121/neweng2.jpg>>. Acessado em: 15/04/2015.

Apesar de o puritanismo ter sido um fenômeno religioso de origem inglesa, ele passou a ser constantemente associado à sociedade norte-americana por sua influência e seu desenvolvimento bastante duradouros nas terras do norte protestante dos EUA²⁰⁷. Uma generalização sobre este grupo cultural-religioso e dos ingleses setecentistas poderia ser empreendida debruçando-me apenas sobre o Calvinismo que influenciou esta e outras culturas religiosas e comunidades em ambos os países. Entretanto, ao mesmo tempo em que a doutrina calvinista muito explica as interpretações de alguns clérigos puritanos, pouco explica a cultura local, as interpretações frente ao corpo morto, os ritos e aspectos coletivistas e individualistas dotados pela sociedade ao longo do tempo, culminando no universo no qual os viajantes foram criados.

O que era a comunidade puritana? Segundo Stannard, os reformistas da Igreja anglicana, categorizados como puritanos, se organizaram em grupos que prezavam por determinado tipo de vida junto ao ideal religioso cristão. É possível vislumbrar transformações em longo prazo se considerarmos os puritanos como um grupo fechado coerente. As concepções religiosas propagadas por eles estruturavam sua moral, influenciavam sua visão sobre o mundo e o ideal que motivava suas modificações era o de reviver o espírito dos primeiros cristãos²⁰⁸.

A morte nos oitocentos, na antiga região estadunidense de influência protestante puritana, tinha grande caráter público no que tange ao aviso à comunidade com determinado soar de sinos, no consolo da família do falecido, no uso regrado de roupas associadas ao luto, no caráter sentimental explícito da procissão fúnebre simples e sóbria, no corpo exposto ou não e nas honras fúnebres. Seus cemitérios eram comunais, ou seja, divididos e cuidados pela comunidade, alguns eram cemitérios dotados de plantas ornamentais e com túmulos esparsos se assemelhando a um jardim, localizados numa região tida como central para a comunidade ou na zona rural. Laderman define que havia bastante familiaridade com a questão da morte durante o século XIX devido ao caráter público de algumas cerimônias, devido à pequena expectativa de vida - girando em torno dos 37 anos para homens e mulheres - e alta mortalidade

²⁰⁷ A ênfase dos peregrinos (imigrantes) do norte só é explicável em termos de batalhas retóricas sobre a natureza da sociedade estadunidense no início do século XIX. Também é explicável pela necessidade da Nova Inglaterra se apresentar como os Estados Unidos autêntico, em oposição ao sul escravocrata, aristocrático e secessionista. (Tradução livre de: “The northern Pilgrim emphasis is only explicable in terms of the rhetorical battles over the nature of American society in the early nineteenth century, and New England’s need to present itself as the authentic America, rather than the slaveholding, aristocratic and secessionist south.”) JENKINS, Philip. *A History of the United States*. London: Macmillan, 1997, p.14.

²⁰⁸ STANNARD, David E. *The Puritan Way of Death: A Study in Religion, Culture, and Social Change*. Oxford University Press, 1977, p.28.

infantil - entre 1/5 e 1/3 de todas as crianças nascidas morriam antes dos 10 anos. Além disso, diários e escritos pessoais analisados por ele demonstram a recorrência do tema na vida do norte-americano²⁰⁹.

Havia uma concentração de valores na figura social da família nuclear nos oitocentos, no caso dos Estados Unidos. Esta foi acompanhada, de acordo com Stannard, por uma perda no senso de comunidade em relação ao que ocorria nas comunidades puritanas do século XVII; o que não quer dizer que o senso de comunidade havia sido perdido, principalmente no caso das mortes (perda de um membro da comunidade). A sociedade puritana unida, comunitária, como existiu após a fundação das colônias da Nova Inglaterra por séculos, sofreu grandes golpes com a ascensão de valores de fé individualista, de reencontro familiar pós-morte e da importância da ciência médica (a qual era alheia ao pequeno grupo de “escolhidos” que formavam a comunidade puritana tradicional). A racionalização ocorrida com a ascensão de valores Iluministas se refletiu fortemente nos funerais que se tornaram menos opulentos, perderam seu aspecto de evento público, mas ao mesmo tempo ficaram recheados de um sofrimento interno à família do morto o que, ao mesmo tempo, fortaleceu o mercado de agências funerárias e a prática de se embalsamar. Tais viajantes no Brasil, ao se depararem com funerais públicos, cujas atitudes que demonstravam sofrimento e participação coletiva, produziam uma festa por vezes de júbilo, e por vezes preocupada com a salvação da alma, no encurtamento do tempo desta no Purgatório, avento que tenham achado que voltaram séculos no tempo.

De acordo com Stannard, tornou-se individualista²¹⁰ aquilo que um dia foi para os puritanos, o "Holy Remnant" norte americano, o Reino Sagrado, a Nova Israel composta por uma comunidade de pessoas abençoadas por Deus, onde a cooperação para a salvação de todos era comum e onde funerais públicos eram reverenciados em cerimônias que reuniam a sociedade. Aquele senso de comunidade existente na sociedade puritana colonial fora deixado de lado em favor de um senso de unidade familiar, uma doutrina de salvação individual, cuja preocupação não era mais em se cultuar a culpa e a dúvida como sinais da salvação, mas apaziguando esta dúvida em uma religiosidade mais positiva em relação à psique do moribundo, como também destacou Pat Jalland²¹¹.

Esses estudos que abordaram a sociedade do norte dos Estados Unidos permitem uma percepção geral dos costumes históricos da região de origem dos viajantes. Sua formação

²⁰⁹ LADERMAN, Gary. *Op.cit.*, p.24.

²¹⁰ STANNARD, David. *Op.cit.*, p.160-1.

²¹¹ JALLAND, Pat. Victorian Death and its decline. In: GITTINGS, Clare; JUPP, Peter C. *Op.cit.*, p.235-7.

pessoal e contexto de viagem, no entanto, necessitam de melhor exposição. Para tanto, diante da dúvida sobre a melhor forma de apresentar os viajantes, antes de analisar os seus relatos, decidi fazê-lo individualmente seguindo a ordem temporal das visitas, da mais antiga para a mais recente, e agrupando-os por procedência: britânica ou estadunidense. Outras opções poderiam ter sido feitas, como a organização por ocupações, motivos da viagem, religião, etc, mas, para um caráter mais didático, optei por organizar em ordem cronológica a chegada de cada um.

2.2.1 – Os autores estadunidenses.

Tratarei de 6 viajantes de diferentes estados nos Estados Unidos da América de diferentes profissões e confissões religiosas. Num balanço geral, a maioria veio do estado de Nova Iorque (4) e os demais de Nova Jérsei e de New Hampshire. São eles – e os anos de visita – Daniel Parish Kidder (1837-1840), William Henry Edwards (1846), Charles Samuel Stewart (1850-1852), Robert Bowne Minturn Jr (1856), Herbert Huntington Smith (1870 e 1874) e Christopher Columbus Andrews (1882-1885). As principais profissões exercidas ou funções que motivaram a viagem eram a religião (2), o comércio (1), a representação diplomática (1) e o estudo (1). Um dos religiosos, no entanto, veio para acompanhar um navio de guerra como capelão. Minturn Jr, por sua vez, estava a caminho de Nova Déli e só percorreu a cidade do Rio de Janeiro enquanto esteve no Brasil. Cada um possui uma particularidade que será explorada com mais detalhes a seguir.

Daniel Parish Kidder foi um reverendo metodista nascido em Darien no atual estado de Nova Iorque. Formou-se na Wesleyan University em 1836 e entrou para o ministério da Igreja Metodista. O Metodismo²¹², fundado pelo inglês John Wesley, é uma religião cristã protestante fundada no século XVIII²¹³. Com apenas 22 anos, Kidder veio ao Brasil como

²¹² Tradicionalmente o Metodismo é, teologicamente, alinhado a uma visão menos conservadora em relação ao seu tempo: o Arminianismo, o qual acredita que Jesus morreu para todos os homens e não para um grupo seletivo de salvos. Desse modo, há orientação para não se acreditar no determinismo absoluto da predestinação.

²¹³ “Nas últimas décadas do século XVIII, um movimento reformista teve início no interior da Igreja da Inglaterra procurando incentivar uma maior aproximação entre os fiéis e os Evangelhos. Apesar da resistência oficial pela mudança, seu idealizador, o teólogo John Wesley, evitou o rompimento. Gradativamente, seus adeptos passaram a se organizar em grupos distintos seguindo sua nova metodologia que chamaram de metodismo, dando origem à Igreja Metodista. Com a Igreja Batista, originada no século XVII, estas duas organizações religiosas foram denominadas "não conformistas" por não se alinharem oficialmente ao Anglicanismo. No contexto britânico da segunda metade do século XVIII, foram assumidas por segmentos das classes médias urbanas e dos comerciantes, muitas vezes insatisfeitos com o aristocratismo da Igreja da Inglaterra e as dificuldades para alcançar o poder político.” PASSETTI, Gabriel. *Op.cit.*, p.83.

missionário, entre 1837 e 1842 (retorno motivado pelo falecimento de sua esposa). Enquanto esteve no Brasil, o viajante participou de cerimônias religiosas, distribuiu Bíblias em português e viajou pelo Brasil. Sua obra *Sketches of residence and travels in Brazil, embracing historical and geographical notices of the empire and its several provinces* foi publicada em 1845 contando com dois volumes. Seu trabalho é considerado o pioneiro do metodismo no Brasil²¹⁴, obtendo apoio da American Bible Society e oposição ferrenha de setores católicos no país²¹⁵.

Kidder percorreu a região amazônica e províncias como São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro onde teria vivenciado funerais de adultos e crianças de diferentes etnias e esferas sociais. Por essas e outras observações, Kidder é um dos principais viajantes utilizados em pesquisas sobre a cultura funerária brasileira. Sendo um tema de seu interesse, ele também buscou se informar para além de suas observações sobre a maneira com que o brasileiro lidava com a morte. Sabe-se, por tê-los citado no livro, que ele também buscou saber sobre o Brasil nos relatos de John Mawe, Agustin Saint Hillaire, Robert Walsh, Spix e Martius e provavelmente outros mais. Essa obra foi traduzida e publicada no Brasil algumas vezes ao longo do século XIX com o título *Reminiscências de viagens e permanência no Brasil*. Posteriormente, no ano de 1857, Daniel Kidder publicaria com James Cooley Fletcher o livro *Brazil and the Brazilians* traduzido como *O Brasil e os brasileiros* (1941). Consta²¹⁶ que é de autoria de Kidder a tradução para o inglês da obra de Diogo Feijó sobre a importância da abolição do celibato clerical.

William Henry Edwards, nascido em Hunter – também no estado de Nova Iorque – foi outro mancebo a viajar para o Brasil. Com aproximadamente vinte e quatro anos, em 1846, Edwards viajou para o Pará por motivo de estudo e esteve na região amazônica por sete meses. Quatro anos antes, ele havia se graduado no Williams College localizado em Massachusetts – também na região norte dos Estados Unidos. Da viagem ao Brasil, foi escrito seu relato publicado já em 1847 *A Voyage up to the River Amazon, Including a Residence at Para*. Nesse e nos livros subsequentes, Edwards expressou seu interesse e conhecimento sobre as ciências da natureza tendo logrado expressivo reconhecimento na área de Entomologia. Segundo documentação²¹⁷, de todos, esse foi o livro que mais obteve vendas e apreciação entre os pares,

²¹⁴ ANDERSON, Gerald Harry (ed.). *Biographical Dictionary of Christian Missions*. Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing, 1999, p.361.

²¹⁵ Idem.

²¹⁶ Ver: Kidder, Daniel Parish. In: WILSON, James Grant; FISKE, John (ed.). *Appletons' Cyclopaedia of American Biography vol. 3*. New York: D. Appleton and Company, 1900, p.532.

²¹⁷ National Register of Historic Places. United States Department of Interior. Seção 8, p.1-2. Disponível em: <http://www.wvculture.org/shpo/nr/pdf/kanawha/90000713.pdf>; Acessado em: 03/10/2014.

o que teria contribuído para que William H. Edwards passasse a se corresponder com estudiosos da natureza como Charles Darwin, Louis Agassiz, Henry M. Bates, Alfred R. Wallace e outros. Tamanha foi a importância dessa viagem para o mundo científico que

Foi o livro de Edwards que Wallace e Bates apontaram ter sido determinante para que eles fizessem sua viagem ao vale Amazônico, o que levou diretamente ao trabalho histórico de Wallace sobre a seleção natural e evolução que influenciou tão fortemente Darwin e todo o movimento científico do século XIX²¹⁸.

Uma segunda edição do *A Voyage* já havia sido lançada menos de dez anos, passados da publicação da primeira. Além desse, Edwards também publicou outros livros na área e outro sobre Shakespeare antes de sua morte, tendo atuado também como empresário de mineração de carvão conforme a Enciclopédia eletrônica de West Virginia²¹⁹. Edwards, assim como Huntington Smith, entre os estadunidenses selecionados pode ser classificado como um viajante Naturalista.

Percebe-se então aquilo que foi dito por Hobsbawn relativo aos interesses que levaram à produção de material de viagem que complexifica percepções reducionistas como as citadas no Capítulo 1 acerca da dominação imperialista. Com Kidder e com Edwards vemos duas faces da produção de viagem: a primeira relativa ao entusiasmo missionário e a segunda relativa à curiosidade científica.

Outro homem ligado à religião, **Charles Samuel Stewart** foi um militar que atuou como capelão cristão protestante na fragata estadunidense *USS Congress*²²⁰ que percorreu a costa do Brasil entre 1850 e 1852 para proteger embarcações envolvidas em trocas comerciais. Um contexto, portanto, de maior interferência do Estado estadunidense, nas práticas comerciais, nesse que foi um período conturbado para a política na região do Rio da Prata devido a Guerra do Prata, a disputa entre uma aliança formada por Brasil e Uruguai, e a Confederação Argentina.

²¹⁸ Tradução livre de: “it was Edwards’ book that Wallace and Bates testified determined them to make their own journey to the Amazon valley, which led directly to Wallace’s historic work on natural selection and evolution that so heavily influenced Darwin and the entire 19th century scientific movement.”. National Register of Historic Places. United States Department of Interior. Seção 8, p.1. Disponível em: <http://www.wvculture.org/shpo/nr/pdf/kanawha/90000713.pdf>; Acessado em: 03/10/2014.

²¹⁹ Ver: The West Virginia Encyclopedia. Disponível em: <http://www.wvencyclopedia.org/articles/2176>; Acessado em: 03/10/2014.

²²⁰ Servindo no quarto navio a ostentar tal nome. Uma fragata comissionada nos anos 40, que teria visto seu fim durante a Guerra Civil estadunidense em 1862. Para mais ver a biblioteca online da Marinha Estadunidense, no link: <http://www.history.navy.mil/danfs/c12/congress-iv.htm>; Acessado em 03/10/2014.

Stewart nasceu no ano de 1795 em Flemington²²¹, estado de Nova Jersey, e se graduou em 1815 na College of New Jersey (atual Princeton) e em 1817 na Lichfield Law School. Posteriormente, Stewart entrou no Princeton Theological Seminary, seminário presbiteriano, tendo se graduado em 1821²²². Com mais de meio século de vida, Stewart esteve em curtas passagens, principalmente, em cidades costeiras como a atual Florianópolis e o Rio de Janeiro. Sua posição enquanto militar e capelão de um navio que era capitânia (líder da frota) possibilitou que ele presenciasse e ministrasse serviços fúnebres no Brasil.

Em 1856 foi publicado o relato *Brazil and La Plata: the personal Record of a Cruise* assinado por Charles S. Stewart apenas três anos após o fim de sua viagem à região sul-americana. Em suas páginas iniciais, Stewart atesta que a publicação é fruto de manuscritos endereçados às suas filhas, sendo assim de motivo pessoal e privado que "com dificuldade foi encaixado nos padrões da imprensa". Após servir como capelão naval na fragata *Congress*, Stewart embarcou no início dos anos 60 na embarcação a vapor *Niagara* a qual chegou inclusive ao Japão e à China, viagem que viu seu fim em 1862²²³, no início da Guerra de Secessão.

No ano de publicação do relato *Brazil and La Plata*, no Brasil ocorreu a curta passagem de **Robert Bowne Minturn Jr**²²⁴ entre 16 e 25 de janeiro de 1856. Em passagem para a Índia, o jovem empresário, filho de um rico sócio da transportadora *Grinnell, Minturn & Co.* desembarcou no Rio de Janeiro e teceu observações interessantes sobre o cotidiano carioca pós 1850. Nascido em 1836 na cidade de Nova Iorque, Minturn Jr se educou na Universidade de Columbia e com vinte anos de idade embarcou para Nova Deli com o intuito de relatar a situação da Índia naquele momento. Graduado em Artes²²⁵, Minturn Jr. viria a se tornar o herdeiro desta que era uma empresa de transportes marítimos que manteve por mais de 100 anos um recorde de tempo de viagem em barco a vela, entre Nova Iorque e São Francisco – o veleiro do tipo *clipper* era chamado de *Flying Cloud*. O relato a Deli intitulado *From New York*

²²¹ Ver: Stewart, Charles. In: WILSON, James Grant; FISKE, John (ed.). *Appletons' Cyclopædia of American Biography vol. 5*. New York: D. Appleton and Company, 1900, p.684.

²²² Sobre a biografia de Stewart ver: Lichfield Historical Society. Disponível em: <http://www.litchfieldhistoricalsociety.org/ledger/students/2468>; Acessado em: 03/10/2014. Ver também o registro eletrônico de Missionários que atuaram no Hawaii. Disponível em: <http://www.phcmontreat.org/bios/Bios-Missionaries-Hawaii.htm>; Acessado em: 03/10/2014.

²²³ Conforme indica o acervo de cartas demonstrado em: http://library.nysha.org/special_collections/wp/?page_id=293; Acessado em: 06/10/2014.

²²⁴ Ver: Minturn, Robert Bownie. In: WILSON, James Grant; FISKE, John (ed.). *Appletons' Cyclopædia of American Biography vol. 4*. New York: D. Appleton and Company, 1900, p.338.

²²⁵ Cf: Columbia University. *Officers and graduates of Columbia university: originally the college of the province of New York known as King's college : general catalogue, 1754-1900*. New York: Printed for the University, 1900, p.137.

to Deli by way of Rio de Janeiro, Australia and China foi o único relato de viagem publicado por ele.

Herbert Huntington Smith é outro reconhecido naturalista que também empresta seu trabalho a minha empreitada. Nascido em Manlius, estado de Nova Iorque, em 21 de janeiro de 1851 e graduado no mesmo estado federativo pela Cornell University em 1872, Smith teria demonstrado seu interesse pela história natural desde muito jovem²²⁶. Durante a graduação, Smith acompanhou o professor Charles Frederick Hartt na primeira Expedição Científica Morgan (1870)²²⁷ que percorreu principalmente Pernambuco e a região amazônica. Entre 1870 e 1886 Smith veio ao Brasil em 5 oportunidades, algumas das quais já como membro da Comissão Geológica do Império do Brasil²²⁸ para a qual foi convidado em 1876. Três anos depois, em 1879, Smith publicou nos Estados Unidos seu relato *Brazil, the amazons and the coast*. Nesse período, Smith teria reunido um conjunto de notas e uma coleção com cerca de 100 mil espécimes, “principalmente entomológicos, uma coleção que ainda por alguns anos permaneceria em grande parte empacotada”²²⁹. Alguns anos após a publicação de seu livro, na década de 80, Huntington Smith firmaria um contrato com o Museu Nacional brasileiro e passaria a compor expedições de norte a sul do país. Destas últimas viagens surgiria o livro (originalmente publicado em português²³⁰) *Do Rio de Janeiro a Cuyabá* em 1886.

Em sua primeira publicação, a única abarcada por essa pesquisa, Smith presenciou um funeral infantil em Curuá (Pará) sobre o qual elaborou descrição detalhada com riqueza. Um tanto mais ‘cruas’, as descrições sobre as mortes e enterramentos ocorridos durante uma epidemia de varíola em Fortaleza (Ceará) também compõem o acervo utilizado aqui.

Finalmente, o último viajante que esteve no Brasil de 1882 a 1885: **Christopher Columbus Andrews**. Andrews, comumente retratado como militar, nasceu no ano de 1829 em Hillsborough no estado de New Hampshire e se formou na escola de Direito de Cambridge na

²²⁶ KUNZLER, Josiane et. al. Herbert Huntington Smith: um naturalista injustiçado?. *Filosofia e História da Biologia*. v.6, n.1, 2011, p.50.

²²⁷ Ver, por exemplo: CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*: Campanha de Canudos. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002, p.817. BURSZTYN, Marcel; PERSEGONA, Marcelo. *A Grande Transformação Ambiental: Uma cronologia da dialética Homem-Natureza*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2008, p.61.

²²⁸ A Comissão Geológica do Império foi criada em 1874 com o objetivo de desenvolver um mapa do Brasil que contivesse as características geológicas dos territórios. Esse grupo foi fundado por Charles F. Hartt, o qual chefiou os trabalhos de investigação objetivados. Ver: KUNZLER, Josiane et.al. *Op.cit.*, p.51.

²²⁹ Idem.

²³⁰ Cf: *Annals of the Carnegie Museum*, vol XII. Pittsburg: Published by the authority of the board of trustees of the Carnegie Museum, 1919, p. 355.

década de 40²³¹. Atuou como advogado no estado de Minnesota e foi eleito para atuar no Poder Legislativo do estado nos anos de 1859-1860²³². Embarcou para o Brasil na década de 80, já com mais de 50 anos de idade e quase vinte anos de experiência diplomática para assumir o cargo de Cônsul-Geral no país. Nesse tempo, entre o fim de seu mandato político e o início de sua atuação no corpo consular em 1869, ocorreu a Guerra de Secessão estadunidense.

Collumbus Andrews, então nos seus trinta anos, se alistou no Exército da União como soldado raso almejando combater os Estados Confederados do Sul. Apesar da posição para qual se alistou (Soldado Raso), ele foi apontado inicialmente como Capitão e terminou a guerra no terceiro mais alto posto do Exército estadunidense: Major General. Sua progressão rápida se deveu ao sistema de progressão em guerra de então que incluía méritos individuais e de comando em batalhas na justificação de promoções. Já como membro de corpo consular antes de chegar ao Rio de Janeiro, onde foi Cônsul-Geral no Brasil, consta que Andrews atuou como representante diplomático em países como Suécia e Noruega.

Ao fim, ficou evidente que os estadunidenses selecionados para esse trabalho possuíam semelhanças nas origens sociais e na origem geográfica: todos com formação no norte estadunidense (região da New England), todos com condições financeiras médias ou altas e contatos o bastante para concretizar a jornada ao Brasil. Por outro lado, as diferenças também ficam evidentes na ocupação: estudiosos naturalistas, militares e religiosos – quando não militar-religioso como Stewart – com bagagens individuais e idades diferentes, vindo ao Brasil em diferentes momentos históricos.

²³¹ Ver: Andrews, Christopher Columbus. In: WILSON, James Grant; FISKE, John (ed.). *Appletons' Cyclopædia of American Biography vol. 1*. New York: D. Appleton and Company, 1900, p.74.

²³² Cf: <http://www.leg.state.mn.us/legdb/fulldetail.aspx?ID=10995>

CAPÍTULO 3

ALTERIDADE, IDENTIDADE E A MORTE

CAPÍTULO 3

ALTERIDADE, IDENTIDADE E A MORTE

No elementar estudo da ciência física colegial, é comum que se aprenda que toda ação gera uma reação; é uma lei da Física, normalmente aplicada aos estudos de Mecânica. Princípio semelhante também pode ser aplicado aos encontros interculturais: em condições não extraordinárias, havendo expressão de um costume por parte de um sujeito e percepção por parte de outro sujeito, ocorrerá interpretação²³³ e dali pode ou não ocorrer uma reação de identificação do intérprete, como trabalhado no primeiro capítulo dessa dissertação.

A identidade é, contudo, uma relação dos homens e dos grupos humanos consigo mesmos, a qual se põe por sua vez, em relação com os demais homens e grupos humanos. Identidade é um momento essencial da socialização humana. Justamente por isso está exposta às contínuas dificuldades que os homens encontram consigo e com os demais, quando se socializam. A identidade expressa pela narrativa das histórias não é um conteúdo fixo e definitivo. O que se é depende sempre do que os demais o deixam ser e do que se quer ser, na relação com os outros. Identidade é, por conseguinte, um processo social de interpretação recíproca de sujeitos que interagem entre si²³⁴.

Lembremos de que a preocupação comum das ciências humanas e sociais, a interpretação do cientista perante expressões de culturas, vem exigindo métodos e consciências teóricas compartilhadas pelas atuais noções epistemológicas com as quais nos preocupamos; dentre elas a fuga de interpretações contaminadas por anacronismos, teleologias e autocentrismos. Esse anseio que herdamos do relativismo cultural e mesmo o ímpeto de realizar descrições “desinteressadas”, “neutras” e “objetivas” não estão tão presentes nas descrições dos viajantes analisados sobre os costumes brasileiros. Os registros de julgamentos valorativos e

²³³ Essa interpretação, pessoal, pode ou não se converter em registro, o qual pode ou não ser publicado. Esse percurso entre reação interpretativa e o registro da mesma não é imediato e, no mesmo raciocínio, o encontro intercultural registrado em relato de viagem tem um caráter diferente do encontro intercultural de fato. Do evento ao registro e do registro à publicação pode haver mais reflexão, consulta a pessoas e a livros. Isso nos permite afirmar que o que há no relato é o que se quis representar sobre o evento do encontro intercultural.

²³⁴ RÜSEN, Jörn. *Op.cit.*, p.86-87.

depreciativos publicados nos relatos dos viajantes selecionados serão tema deste terceiro capítulo.

Após a análise dos dados coletados e sistematizados, é possível apresentar um cenário bastante diversificado no que tange aos registros dos 21 viajantes sobre ocorrências em solo brasileiro. Todos, como já foi posto, registraram contato com costumes relativos à morte durante seu tempo no país. Dos 21, 13 afirmam ter tido relação ativa com eventos relatados, participado de cerimônias ou dirigindo as mesmas – alguns desses viajantes afirmam tê-lo feito mais de uma vez. Os 8 restantes tiveram apenas relação passiva com os eventos, o que para este trabalho significa que eles observaram a cultura, sem ter tomado parte ou apenas descreveram-na por vezes sem nomear a fonte ou confidente.

Dos registros dessas relações com a Cultura Funerária, ou ações perante os costumes fúnebres, foi possível perceber reações dos mesmos viajantes e de todas (praticamente) foi possível extrair elementos que me permitiu afirmar se o registro era Valorativo ou Depreciativo. No entanto, nem todos os excertos permitiram uma percepção clara da opinião do viajante, ainda que se tenha tentado realizar uma interpretação por meio de dicionários históricos e de um trabalho de aprimoramento teórico. Recordando Todorov (1990),

Um dos mais referidos estudiosos citados no que diz respeito à temática da alteridade é Tzvetan Todorov, que distingue três eixos da problemática que permeou as relações com “o outro”, na história. O primeiro gira em torno do julgamento de valor; ou seja, aquilo que o viajante julga como inferior ou igual à sua cultura/aquilo que ele está acostumado/que ele julga normal. Todorov identifica em produções textuais de viajantes esses tipos de percepção sobre o “outro” (americano), no gostar ou não de determinadas coisas e no julgar se algo é bom ou mau. O segundo diz respeito à aproximação ou distanciamento daquilo que o viajante presencia: “adoto os valores do outro, identifico-me a ele; ou então assimilo o outro, impondo-lhe minha própria imagem” (TODOROV, 1990, p. 223). Ainda no plano da prática, entre submeter o outro e se submeter ao outro, está o terceiro eixo: a neutralidade, o ignorar a identidade do outro, a indiferença para com o outro²³⁵.

Em outras palavras, dos registros do viajante busquei indícios que me permitissem afirmar que havia reação favorável ao costume ou se havia Estranhamento ou Depreciação do mesmo. Atendo-me ao máximo aos dados (sem relacioná-los com a literatura) buscarei, a princípio, expor os resultados deste intento para só então trazer à mesa a produção acadêmica

²³⁵ RODRIGUES, Cláudia; CORDEIRO, Gabriel Cavalcante. “E nós andamos em procissão até o túmulo”: Sepultamentos, estrangeiros e alteridade no Brasil do século XIX a partir dos relatos de Robert Walsh. *Recôncavo: Revista de História da UNIABEU*. v.3, n.5, 2013, p.18-19.

que permita uma interpretação mais profunda dos dados. Desse modo buscarei fazer sentido a organização de capítulos produzida.

Em tempo, cabe esclarecer que, após o processo de identificação dos viajantes que registraram algo sobre o tema da morte, as passagens dos textos foram separadas em fichamentos e lidas em separado e relidas em conjunto com o restante do texto no qual a passagem selecionada estava inserida. Em alguns casos, retornei ao texto e busquei outras passagens as quais pudessem servir de referência quanto ao comportamento do viajante perante manifestações culturais do outro. Para não tornar o trabalho demasiadamente subjetivo, optei por separar as passagens com manifestação mais clara e evidente quanto ao posicionamento do viajante perante a cultura no Brasil. Assim, esclareço que além dos viajantes que usarei nesse capítulo outros anglo-americanos também foram analisados e possuem apontamentos interessantes sobre a cultura funerária brasileira.

3.1 – Ações e Reações.

Ao todo, independentemente da natureza da relação declarada do viajante com o evento relatado (ativa ou passiva), foram coletadas 28 reações depreciativas e 27 reações favoráveis com relação direta com a Cultura Funerária experienciada no Brasil durante a viagem desses estrangeiros entre 1802 e 1885. A princípio alguns julgariam que se trata de um cenário bastante equilibrado, entretanto esses dados podem ser problematizados de diversas maneiras: “quem registrou”, “quando registrou”, “sobre quem registrou” e “o que registrou”.

De modo geral, dentre as 27 reações favoráveis, 20 destas ocorreram perante manifestações da cultura funerária brasileira. Os principais temas desses registros com teor positivo foram: elogios a procissão fúnebre de brasileiros (2 registros), afirmações positivas dirigidas ao enfeitamento do corpo nos adultos (2), dirigidas ao enfeitamento do corpo das crianças (2) e comentários elogiosos ressaltando características de cemitérios e de certos locais de enterramento de católicos (5). As outras 7 reações valorativas teriam ocorrido em relação às manifestações culturais estrangeiras no Brasil e dentre elas há clara predominância no registro positivo em relação ao Cemitério dos Ingleses da capital, na Gamboa (RJ). No que se refere às 28 reações de repulsa, é possível afirmar que todas são relacionadas à Cultura Funerária Brasileira e os principais exemplos são: críticas aos modos de enterramento brasileiros e cuidado com o corpo nessas situações (5 reações), críticas ao modo de vestir o morto (5), apontamentos negativos sobre o comportamento dos padres (4), comportamento dos leigos no

funeral ou cortejo (4), valorações depreciativas quanto às vestes e reações perante o funeral infantil (2), descrições negativas sobre alguns cemitérios brasileiros (2), críticas ao tratamento proporcionado ou a pobreza do funeral dos escravos (2), apontamentos negativos sobre a vestimenta de membros do funeral ou cortejo (1). Um padrão relevante encontrado é a data das primeiras manifestações favoráveis e seu alvo: ainda que os primeiros viajantes do recorte tenham desembarcado em 1802, apenas na década de 20 foram registradas reações favoráveis às manifestações brasileiras e ainda assim a maioria referente aos cemitérios abastados e às manifestações referentes ao Rei e à Rainha do Brasil, respectivamente, no caso da atitude receptiva do Rei perante a cultura funerária estrangeira e manifestações de comoção perante a morte da Imperatriz Leopoldina. Após esse período, somente na década de 40 consolidam-se as opiniões positivas relativas ao enfeitamento do corpo de adultos e de crianças e relativas ao cortejo em si. Observam-se também associações valorativas dos costumes brasileiros com hábitos mais “civilizados” ou que viajantes associam à “antiguidade clássica”.

O anticlericalismo demonstrado por estrangeiros no Brasil figura entre as principais representantes das reações depreciativas perante a morte ao longo dos registros no século XIX e o comportamento dos padres nesses momentos é o principal alvo dos registros com esse teor. Além dos clérigos, os grandes alvos de críticas são os membros do cortejo por sua atitude durante o funeral e a percepção de que havia imensa preocupação com a alma, mas não tão grande com o corpo. A maior parte dos registros com esse teor ocorreu durante viagens na primeira metade do século.

3.1.1 – As Reações Depreciativas.

Vejamos primeiro o quadro abaixo que contém alguns termos mais utilizados nas descrições sobre a morte no Brasil.

Quadro 3 - Alguns termos utilizados nas reações depreciativas de estrangeiros perante a morte.

Alguns termos mais utilizados nas reações depreciativas coletadas	Local ou situação referenciada
Mockery/Zombar (2)	Vestimenta dos mortos
Indifference/Indiferença (3)	Comportamento no Cortejo e Enterro
Vain/Vão (2)	Funerais/Memoriais
Offensive/Ofensivo (5)	Odor/Práticas

Fonte: Relatos de Robert Walsh, Charles Samuel Stewart, Maria Graham, John Luccock, James Wetherell..

Há claramente uma predominância dos termos Ofensivos e Indiferença, mostrando que os estrangeiros julgavam frequentemente dois aspectos: as práticas e o comportamento dos homens e os aspectos externos como o odor de Igrejas, locais de enterramento menos comuns nos padrões de enterramento anglo-americanos conforme a bibliografia explorada no Capítulo 2. Certamente os dados merecem melhor exposição e explicação, entretanto reservo esse intento para o subcapítulo seguinte. A seguir, proponho explorar e expor os casos de reação depreciativa e, em seguida, os de reação valorativa conforme o tempo e o autor.

Após ter sido tratado²³⁶ numa instituição médica, Henry Koster (1816) foi abordado por um colega de viagem, mestre do navio, que afirmou (não se sabe se em tom jocoso) que colocaria o corpo de Koster num barril e o levaria a Inglaterra para que Koster pudesse ter um enterro Cristão²³⁷. Logo em seguida, no entanto, ele escreve que, enquanto estava desacordado no hospital em Recife, velhas senhoras (aparentemente) brasileiras questionaram os médicos quanto à necessidade de enterrá-lo de forma digna²³⁸. Registrando ambas as impressões e as apresentando seguidamente, Koster se abstém de um julgamento definitivo sobre a validade da afirmação do homem do mar, ou seja, se Koster concorda ou não que no Brasil não se realizam

²³⁶ Não foi possível identificar os motivos específicos para o tratamento de Koster.

²³⁷ "I went on board an English merchant ship, some weeks after my recovery, and on passing a cask which was lying upon the deck, I struck it intentionally, but without any particular object. The master, who was an old gentleman with whom I had come from England, and who had been long acquainted with me, said, "Yes, you would not have it." I asked him what he meant, to which he replied, "It was for you, but you gave us the slip this time." I did not yet understand him, so he then continued, "Why, do you think I would have let you remain among these fellows here, who would not have given you christian burial? I intended to have taken you home in that puncheon of rum." I was told by one of my medical attendants when I was recovering, that some old maiden ladies, who lived near to where I resided, had frequently pressed him, whilst I was in a dangerous state, to have the Sacrament brought to me, for they were much grieved that I should die without any chance of salvation." KOSTER, Henry. *Travels in Brazil*. London: Longman, Hurst, Rees, Orme and Brown, 1816, p.219.

²³⁸ Idem.

enterros cristãos. Noutra ocasião, durante as cerimônias fúnebres de uma senhora, Koster critica o enterramento dentro das Igrejas por sua inconveniência e insalubridade²³⁹. Nada mais o autor registrou sobre o assunto dos enterramentos no Brasil.

Em sua curta passagem, o militar John Shilibeer (1817) também registrou apenas reação depreciativa a respeito da cultura funerária. O objeto de sua crítica, no entanto, é a crueldade²⁴⁰ com a qual seriam tratados os escravos moribundos e os cadáveres dos mesmos no Rio de Janeiro do início do século XIX. Ao questionar a razão de ter visto tantos escravos jogados sem vida pelas ruas, teria obtido como resposta que os senhores brasileiros se livravam de “sua posse” ao perceberem que a doença era terminal e desse modo evitavam despesas com o enterramento. Ao encontrar o corpo, alguém (não é especificado) colocava uma caixa para assim coletar esmolas que pudessem pagar pelo enterro. Após criticar duramente a situação e a constância com a qual ele se deparou com isso, Shilibeer completa dizendo que “infelizmente os europeus de quaisquer nações, ao invés de dar um exemplo de humanidade aos desgraçados insensíveis, agem da mesma forma”²⁴¹. Assim, estende sua crítica aos europeus sem afirmar que teriam sido ‘corrompidos’ por sua estadia nos trópicos.

John Luccock (1820) é outro dos que estiveram no Brasil e complementaram sua descrição com desaprovação. Segundo o viajante, a procissão fúnebre não era realizada lentamente, num ritmo considerado solene como uma procissão que ele julga ordenada. Haveria na verdade, segundo ele, uma pressa indecente no cortejo, conversas em volume alto e certo ar de prazer. Ainda que o autor ressalte a grande preocupação com o enfeitamento e compare os caixões brasileiros aos caixões ingleses, penso que há no restante da descrição um excessivo tom de desdém. Como no trecho a seguir:

²³⁹ “Notwithstanding the manifest inconvenience, and the mischief which the unwholesomeness of the custom might, and perhaps does cause, all bodies are buried within the churches. Indeed the prejudice against being buried in the open air is so great, that even the priests would not dare to alter this mode of proceeding, supposing that they wished so to do.”. KOSTER, Henry. *Op.cit.*, p.321.

²⁴⁰ “I enquired the cause of so many slaves lying dead in the streets, and was assured, that when they were ill and thought past recovery, they were disowned by their masters to evade the expenses of a funeral, and thrown out of doors, when their miserable lives were soon brought to as miserable a termination. When any of these bodies are found, (which constantly occurs,) there is a soldier placed over it with a box, nor is the corpse removed from the spot, until a sufficient sum has been left by the passengers to defray the expenses attendant on the interment. I witnessed several instances of this nature during the period we lay in the harbour. The cruelties these unhappy people are subjected to, is more calculated to fill a volume, than to be brought within the narrow compass of so small a work as this; and, I am sorry to say, the Europeans, of whatever nation, instead of setting a humane example to wretches, callous to every feeling of sensibility, vie with each other in minutely imitating their unfeeling conduct.”. SHILIBEEER, John. *Op.cit.*, p.18.

²⁴¹ Idem.

*Os resquícios aniquilados do homem são decorados em roupas galantes, como de um baile; o rosto pintado, o cabelo enfeitado e a cabeça com flores ou uma coroa metálica (...). Assim o defunto fica pronto para aparecer perante o porteiro do Paraíso, e ao Juiz das almas, com o qual, como os delegados na terra nos garantem, terá um reconhecimento positivo. (...) A exposição do corpo, num país onde o assassinato é muito comum, me parece um costume excelente; pois dá a oportunidade de assegurar a multidão se o falecido morreu de causas naturais ou por violência; a não ser que um veneno tenha sido tão bem administrado que não cause nenhuma suspeição, ou um ferimento que tenha sido escondido pelas vestimentas pomposas (...)*²⁴².

Luccock, assim como Shilibeer, apela para a falta de humanidade para descrever o tratamento dos senhores aos negros escravos em suas cerimônias fúnebres e a situação dos pobres adultos em geral e de crianças que seriam deixadas em janelas aguardando caridade – semelhante ao caso narrado por Shilibeer. Em especial, uma das situações narradas, a revolta de Luccock é evidente; além de anotar a situação precária dos escravos, o inglês criticou o comportamento do padre durante o batismo e extrema unção de um homem negro o qual visitava.

Aqui tive a oportunidade de observar a maneira indecente na qual o serviço último da religião é, às vezes, administrado pelos padres do interior. Um clérigo foi enviado para atender dois negros que estavam extremamente doentes. Quando chegou, um dos negros estava bastante além do alcance de sua arte, senão além de sua influência, e o outro – tendo se arrastado para fora de sua cama – estava deitado no chão do compartimento. Quando entramos, o padre estava brincando e rindo da forma mais volátil possível, e em seguida encheu suas duas mãos com água e deixou cair sobre a cabeça da pobre criatura [o negro ao chão], pronunciando uma forma de batismo. O moribundo, provavelmente sentindo um pouco de alívio exclamou: “bom!, muito bom!”. “Oh”, disse o padre, “está bom? Então lá vai mais”, enquanto entornava o restante da bacia de água sobre ele. Logo em seguida o padre continuou com suas piadas e no meio de uma delas o homem veio a falecer. Ninguém pode ter menos fé na eficácia do batismo ou extrema unção, administrada nos últimos momentos da vida. Porém não posso assistir sem extrema reprovação a um Ministro Religioso, seja papal ou protestante, futilizar os ritos que ele mesmo declara ser de máxima importância e

²⁴² Tradução livre de: “The shattered remains of man are decked out in all the gaudy trappings of a gala-day; the face painted, the hair powdered, the head adorned with a wreath of flowers or a metallic crown (...) The defunct is thus fitted to appear before the key-bearer of heaven, and by him to be introduced to the Judge of souls, with whom, as the delegates on earth assure us, it will receive a favourable notice. (...) This exposure of the body, in a country where assassination is much too common, appeared to me an excellent custom ; it gave the surrounding multitude an opportunity of ascertaining, whether the deceased came to his end by a natural process, or by violence; unless poison might have been so administered as to excite no suspicion, or a wound might be concealed under the gaudy array.”. LUCOCK, John. *Notes on Rio de Janeiro and the southern parts of Brazil*; taken during a residence of ten years in that country, from 1808-1818. London: Printed for Samuel Leigh, in the Strand, 1820, p.55

*transformar uma confiança em uma condução vil e abandonada. Entre meus compatriotas, eu não posso, neste momento, ser singular*²⁴³.

Ele, no entanto, ressalta em seguida o extremo oposto no que tange às cerimônias elaboradas para crianças e seu tom parece mudar levemente sobre os funerais adultos. Ao caracterizar o funeral de antes como *harsh* (severo e desagradável), Luccock confirma a percepção anteriormente exposta em meu texto sobre o tom de desdém apresentado.

*Não acredito que seja impróprio adicionar aqui que nos anos subsequentes a dureza comum do procedimento nos funerais foi bastante aliviada. Se tornou costumeiro, entre pessoas mais abastadas, o uso de uma cobertura solta sobre o caixão; o corpo não é mais exposto nas ruas e somente é visto pelos padres na igreja.(...)*²⁴⁴.

E mais adiante, John Luccock aponta que o Príncipe – Dom João VI – parou sua carruagem ao perceber que havia ingleses parados em frente a uma igreja. Mandou um de seus mensageiros para perguntar se havia algum problema e a ele foi informado que estavam apenas aguardando o funeral de uma criança brasileira cujo pai eles conheciam. Esse registro me permite concluir que havia, já nos primeiros anos, uma assiduidade de ingleses nesses eventos e é um indício da preocupação do príncipe com os ingleses; o que pode ou não ter relação com os conflitos desses com a Igreja Católica, motivo pelo qual teriam sido criados os chamados Cemitérios dos Ingleses em importantes cidades brasileiras nesse período²⁴⁵.

²⁴³ Tradução livre de: “I had here an opportunity of observing the indecent manner in which the last offices of religion are sometimes administered by country Priests Two negroes being extremely ill, a Clergyman was sent for, who on his arrival found one of them gone beyond the reach of his art, if not beyond his influence, and the other, having crawled off his bed, was lying on the floor of the cabin. As we entered the Priest was jesting and laughing in the most volatile form, then filled both his hands with water and dropped it on the poor creature's head, pronouncing the form of baptism. The dying man, probably experienced some little relief from the effusion, for he exclaimed, -" Good, very good." « Oh," said the Priest, it is very good, is it ? then there is more for you;" dashing upon him what remained in the basin. Without delay he resumed his jokes and in the midst of them the man expired. No one can have less faith in the efficacy of baptism or extreme unction, administered at the last gasp of life; but I cannot endure the sight of a Minister of religion, whether Papal or Protestant, trifling with the rites which he declares to be of prime importance, and trust that conduct so base and abandoned will never fail to excite my strongest reprobation. Among my countrymen, I cannot in this point, be singular” LULLOCK, John. *Op.cit.*, p.299.

²⁴⁴ Tradução livre de: “It may not be improper to add here that, in subsequent years, the common harshness of the proceedings at funerals was much softened. It is become customary, among genteel people, to use a lid upon the bier, which is loose, and may be taken off; the body is not publicly exposed in the streets, and if seen at all, it is by the priests only in the church.” LULLOCK, John. *Op.cit.*, p.57.

²⁴⁵ Ver, por exemplo: COSTA, Heraldo Batista da. *Criação do Cemitério dos Ingleses no Rio de Janeiro (1808-1811)*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, 2010.

Como Luccock, seu contemporâneo James Henderson (1821) também teceu críticas ao funeral de brancos católicos brasileiros, em parte, embasado por afirmada experiência própria e, em parte, com base em relato de terceiro. Henderson narrou que presenciou um cortejo fúnebre em passagem pela Igreja de Nossa Senhora do Carmo durante sua estadia no Rio de Janeiro. Nesse funeral, que conteria um número de pessoas entre 100 e 150, Henderson julgou que as vestimentas e símbolos ostentados eram uma demonstração de um show meretrício e de uma noção inválida de importância com as quais os sobreviventes se apegam para se expressar²⁴⁶. Não podendo presenciar o enterro em si, o inglês afirma que recolheu um relato de alguém que pôde acompanhar o enterramento de uma menina nas catacumbas da mesma Igreja. Segundo sua fonte, as roupas usadas pelo pai da jovem falecida se assemelhavam aos de um noivo, não correspondendo aos padrões esperados por alguém enlutado²⁴⁷. Segundo a mesma fonte, durante o enterro “o pai, sem qualquer senso próprio de decência, demandou do coveiro: ‘vamos, vamos!’, e depois ‘vamos, depressa, filho da puta (sic)’”²⁴⁸. Por fim, Henderson afirma que sua fonte testemunhou o pai abraçando os presentes naquele e em outros momentos “*for joy*” – alegria por estar convencido do destino divino da alma de sua filha – e também testemunhou a figura paterna os convidando para um jantar preparado para essa ocasião²⁴⁹.

Mary Graham (1824) também esteve nas imediações da Igreja do Carmo, entretanto diferente de Henderson, ela registrou elogios ao cemitério adjacente à mesma. Mais adiante tratarei melhor dos registros valorativos. Outro cemitério no qual a viajante esteve, mas que não descreveu tão fina visão foi o Cemitério da Santa Casa de Misericórdia no Rio de Janeiro.

*O cemitério da Misericórdia é muito pequeno mas excessivamente nojento, e, eu imagino, insalubre para a vizinhança. Eu já queria a muito tempo visitar esta locação. Acredito que quanto mais pessoas mostrarem interesse nesses estabelecimentos melhor, pois isso permite maior visibilidade a esses locais; o que eu acredito que seja uma coisa boa. Entretanto minha coragem falhara até agora, e eu devo essa visita matutina ao acaso; eu não a planejei*²⁵⁰.

²⁴⁶ HENDERSON, James. *A history of the Brazil; Comprising its Geography, Commerce, Colonization, Aboriginal Inhabitants, etc etc etc*. London: Longman, Hurst, Rees, Orme and Brown, 1821, p. 67.

²⁴⁷ HENDERSON, James. *Op.cit.* p.68.

²⁴⁸ Tradução livre de: “the father, devoid of every proper sense of decency, cried out to him, ‘Vamos, vamos’ (let us go); and, at another time, ‘Vamos, depressa, filho da puta.’”. HENDERSON, James. *Op.cit.* p. 68.

²⁴⁹ HENDERSON, James. *Op.cit.*, p.68.

²⁵⁰ Tradução livre de: “The burial-ground of the Misericordia is so much too small as to be exceedingly disgusting, and, I should imagine, unwholesome for the neighbourhood. I had long wished to do what I have done to-day. I think the more persons that show an interest in such establishments the better: it fixes attention upon them; and that of itself must do good. Yet my courage had hitherto failed, and I owe the excursion of this morning to accident rather than design”. GRAHAM, Maria. *Op.cit.*, p.307.

Graham, ao falar sobre o enterramento de um monge, também não poupou críticas ao que ela classificou como “ vaidades que os conectam até com corrupção”²⁵¹ – seria corrupção da alma? Impressionada com o que seria uma pretensa honraria aos mortos disfarçada de solenidade para lidar com a perda e o medo da morte, ela registrou que o cortejo era repleto de velas, livros e sinos. Um luxo, segundo ela, comparado aos enterros de brasileiros que ela teria presenciado na praia de Olinda.

Outro viajante que demonstrou certo cuidado e preocupação com brasileiros foi o inglês Alexander Caldcleugh (1825). A reação depreciativa, no caso narrado, foi relativa à “lei de mortos e ausentes”²⁵² que estava sendo aplicada por oficiais na ocasião da morte de um dos homens contratados por Caldcleugh. Segundo o viajante, a natureza da lei era boa, entretanto a forma com que estava sendo aplicada²⁵³ e o fato de alguns agentes estarem lucrando em certas localidades vinham gerando certa revolta no povo. O próprio Caldcleugh descreve que tentou intervir, impedindo que a lei fosse aplicada com seu contratado falecido. O brasileiro morto, chamado Rosário, teve suas honras fúnebres realizadas na Igreja do Rosário de Mariana (MG) onde ele morrera no dia anterior.

O reverendo irlandês Robert Walsh (1830) já foi citado nesse trabalho e, acredito, é um dos observadores estrangeiros com mais ricas representações textuais relativas à morte. Continuando esse pequeno dossiê sobre as reações depreciativas, retomo a questão do anticlericalismo nos relatos. No Rio de Janeiro, depois de aceitar participar de um cortejo, Walsh foi ao serviço fúnebre e observou que no coral de padres o único que agia com decoro e senso de solenidade²⁵⁴ era o clérigo negro²⁵⁵. Parte de seu discurso favorável aos de ascendência africana, Walsh fez questão de notar que, de todos os clérigos, o único que lhe agradou foi o negro.

²⁵¹ GRAHAM, Maria. *Op.cit.*, p.128.

²⁵² Lei que regulamentava o destino dos bens do falecido e que costumava atingir homens que falecessem longe de sua cidade de origem e família. CALDCLEUGH, Alexander. *Travels in South America, during the years 1819-20-21. Containing an Account of the Present State of Brazil, Buenos Ayres, and Chile (v.2)*. London: Printed by John Murray, 1825, p.285.

²⁵³ Segundo ele de forma inquisitorial. Cf: Idem.

²⁵⁴ WALSH, Robert. *Op.cit.* p.140.

²⁵⁵ Sobre essa percepção, é importante notar que no *British Magazine*, o revisor do livro de Walsh interpretou que esse trecho é um exemplo da preocupação cristã que Walsh teria com os negros escravos que por tanto tempo tinham tratamento desumano pela sociedade branca européia. Cf: *The British Magazine: a monthly journal of Literature, Science and Art - Vol. 1*. London: Frederick Westley and A. H. Davis, 1830, p.371.

Robert Walsh também escreveu sobre as cerimônias fúnebres da Imperatriz Leopoldina²⁵⁶. Funeral que, aliás, seria impossível ele ter presenciado, visto que só chegou ao Brasil em 1828 – a princesa austríaca morreu em 1826. Ainda assim, Walsh dedicou 10 páginas do Volume 1 de seu *Notices of Brazil* para relatar o ocorrido com detalhes e, em um deles, bastante negativo, Walsh condenou o uso excessivo de elementos de distinção, como roupas caras e enfeites no corpo pútrido²⁵⁷. Seria um miserável zombar dos mortos²⁵⁸, a pompa usada em mortos notáveis, como governantes, com o intuito de demonstrar respeito e solenidade. Mais adiante, o viajante irlandês reforça que os brasileiros têm um orgulho imenso, mas desnecessário de (*vain of*) seus funerais e que gastam fortunas que não têm para tanto²⁵⁹. Finalmente, Walsh concluiu que, além dos enfeitamentos, os brasileiros se preocupam bastante com rituais dedicados à alma, no entanto ele ressaltou que havia pouquíssima preocupação com o corpo em si, tanto da parte dos amigos do morto quanto da parte da igreja a qual trataria os restos mortais com indiferença²⁶⁰. Os corpos, ele apontou em um caso, às vezes eram amassados com marretadas para que coubessem no chão das Igrejas onde eram enterrados os corpos dos que conseguiam esse privilégio. Walsh, por outro lado, qualificou sua experiência como um espetáculo ofensivo e revoltante²⁶¹.

Quando a pessoa é depositada debaixo do piso da Igreja, um espetáculo bastante ofensivo ocorre algumas vezes. O chão é tão ocupado de corpos que é impossível achar espaço e o tamanho não é suficiente para abrigá-lo; assim quando o corpo nu é colocado, parte dele é comumente vista acima da linha do piso. Então, um homem traz uma marreta, como a de um pavimentador e, deliberadamente, golpeia o corpo o reduzindo-o a uma massa plana capaz de caber na sepultura; enquanto isso o povo observa com uma perfeita indiferença. É verdade que esse costume é destituído de qualquer sentimentalismo e merece melhor cuidado, como um brasileiro sensivelmente

²⁵⁶ WALSH, R. *Op.cit.*, p.259-270.

²⁵⁷ “Invest, if you will, the living persons of rank and power with all the ensigns that rank and power can exact, they may be necessary to excite the feeling of awe and respect in the governed, toward those who govern, which obedience to the laws and the good order of the state may require; but to surround the corpse with such distinctions, to wrap the putrid body in costly robes, and to illumine it with glare and splendour, only to make its melancholy decay more conspicuous, seems to me the most miserable mockery of the dead, and the greatest, as it is the weakest, absurdity of the living. There were, however, parts of this solemnity which were no less affecting than they were rational and appropriate to the sad occasion.” *Idem*, p.261.

²⁵⁸ *Idem*.

²⁵⁹ “The people, as I noticed before, are vain of their funerals, and go to a considerable expense in decorating their coffins altogether beyond their means.” *Idem*, p.393.

²⁶⁰ “Notwithstanding their preservation of the bones of the dead, the people are remarkably careless of the remains of their deceased friends. Their only concern is, that they shall receive the last rites of their church, which they consider indispensable to the welfare of their souls. Few or no relations are present at the interment; and there is a great indifference, amounting to levity, not only among the acquaintance who attend the funeral, but among the clergy themselves.” *Idem*, p.494.

²⁶¹ *Idem*.

*admitiu para mim quando mencionei o ocorrido. Mas certamente é um espetáculo bastante revoltante, e o odor é perigosamente ofensivo; por isso muitas pessoas são compelidas a deixar a Igreja nessas circunstâncias. Em alguns templos, como mencionei antes, os dedões e testas dos mortos formam protuberâncias vistas ascendendo do chão*²⁶².

Também impressionado com a quantidade de enfeitamentos, o Reverendo Daniel Parish Kidder (1845) registrou ter achado incongruente a existência de ornamentos tão belos num local como aquele (um local de enterro)²⁶³. O estadunidense adicionou ainda, logo em seguida, que tais demonstrações de “suntuosidade e magnificência” – termos que ele se registra com aspas – são muito diferentes da simplicidade do escravo, cujo funeral não possuía nem tochas nem caixão²⁶⁴. Corpos como os dos escravos e das pessoas sem posses iam, segundo Kidder, para o Cemitério da Misericórdia onde os corpos eram lançados de forma promíscua e as covas eram reviradas anualmente (ainda que a morte fosse recente)²⁶⁵. Segundo o autor, essa prática poderia causar problemas de saúde à população, assim como os enterros no interior das Igrejas – ele junta assim uma crítica a uma prática associada às camadas mais pobres com uma prática associada aos mais abastados.

Comentando de forma mais sutil, entretanto ainda negativa, John Candler (1853) demonstrou sua surpresa ao comparar um cortejo fúnebre a distância a um grupo de homens indo à caça²⁶⁶. Ele demonstrou surpresa também ao destacar que os homens estavam fumando

²⁶² “When the person is deposited under the flooring of the church, a very offensive spectacle is often exhibited. The ground is so crammed that it is impossible to find room, and the aperture made is not sufficient to contain it; so that when the naked corpse is laid down, part of it is often seen rising above the ground. A man then takes a rammer, like a pavior's, and deliberately pounds the body into a flat mass, till it is accommodated to its situation; while all the people look on with the most perfect indifference. It is true that it is divested of all feeling, as a Brazilian sensibly remarked to me when I mentioned the circumstance, and deserves to be held in no more estimation than the clay with which it is about to incorporate. But certainly the spectacle is very revolting, and the odour dangerously offensive; and many people are compelled to leave the church from a sense of sickness. In some churches, as I have before mentioned, the toes and foreheads protrude above the ground.” Idem, p.495.

²⁶³ “The cases and boxes are of different sizes and shapes, but seldom have any resemblance to coffins. Some are large, like mausoleums; others, with their ornamented exterior, resemble large dressing-cases. It seems highly incongruous to witness, in such a place, the display of ornament”. KIDDER, Daniel Parish. KIDDER, Daniel Parish. *Sketches of residence and travels in Brazil*. Philadelphia: Sorin & Ball, 1845, p.176.

²⁶⁴ Idem.

²⁶⁵ “Within this enclosure a grave is daily dug, in the form of a pit, seven feet square. In this are placed promiscuously the bodies of those who die in the hospital over night, and of the slaves and poor persons who are brought here to receive gratuitous interment. Thus, in the space of a year, the whole surface is dug over, and in successive years the same process continues to be repeated. As the health of the city is manifestly endangered by these repeated and premature excavations, no less than by the practice of burying in churches.” Idem, p.176.

²⁶⁶ “(...)the whole cortege, when viewed from a distance, looks like a hunting party. We overtook a funeral of this kind, in which twentythree carriages preceded the hearse: we observed no women among the company, and some of the men were smoking!”. CANDLER, John. *Op.cit.*, p.44.

em tal ocasião, o que posso deduzir que representava algo diferente do que ele esperava de semelhante acontecimento.

Thomas Ewbank (1856), em uma cruzada mais pessoal, antes de criticar um funeral que ocorria da Igreja de São Francisco de Paula, dedicou algumas palavras mais duras ao padroeiro do templo. Segundo Ewbank, a Igreja honrava ignorância e superstição²⁶⁷ ao ser dedicada a São Francisco, pois, segundo ele, esse santo não seria digno de seu título. Quanto à cerimônia fúnebre, o único sinal de que ocorria um funeral era um estande semelhante a um sarcófago que estava no meio do chão, o qual ele identificou como similar ao usado pelos *undertakers* (encarregados dos funerais)²⁶⁸.

Nem todo comentário negativo, no entanto, era relativo aos comportamentos ou às questões materiais como enfeitamentos e componentes do rito. Charles Samuel Stewart, por exemplo, se manifesta negativamente perante o fato de que o morto o qual ele ajudou a enterrar no cemitério dos ingleses é um estranho numa terra de estranhos que não pôde ser velado ou visitado por qualquer um que o conhecesse em vida²⁶⁹.

Robert Minturn Jr (1858), em sua curta passagem, teceu apenas um comentário negativo relativo à cultura funerária criticando a atitude dos padres os quais seriam “baixos, imundos e sujos”²⁷⁰, mais uma demonstração de que o anticlericalismo permanecia nos discursos estrangeiros na segunda metade do século XIX.

Incomum entre os viajantes consultados, mesmo dentre os que não foram selecionados para a feitura dessa dissertação, a crítica às atitudes perante a morte indígena está presente em Herbert Huntington Smith (1879). O viajante, não acostumado aos costumes indígenas, se surpreendeu com um fato ocorrido na aldeia:

²⁶⁷ “This temple honors ignorance as well as superstition in the person of its patron, Francis Martotile, a Calabrian monk, who, burying himself in a cell, acquired, as Fakirs acquire, notoriety by disgusting mortifications. He renounced fish, wine, meat, stockings, shoes, beds, soap, and razors, besides rigorously cultivating mental destitution. The usual result followed; he, like other dirty gentlemen who lived and died in the odor of sanctity and filth, wrought miracles. His fame induced that old tiger Louis XI. to drop on his knees before him, and implore his intercession with the saints for a prolongation of life—a miracle too great for the monk and too good for the culprit. What he can do for people here of whose country he never heard, it is not hard to tell.” EW BANK, Thomas. *Life in Brazil: or, A journal of a visit to the land of the cocoa and the palm*. New York: Harper & Brothers, 1856, p.106.

²⁶⁸ “The only sign of a funeral was a kind of sarcophagus-looking stand in the middle of the floor, similar to the article furnished by undertakers.”. EW BANK, Thomas. *Op.cit.*, p.106.

²⁶⁹ “A funeral more sad in its desolateness could scarcely be: that of a stranger, in a strange land, unwept and unattended by any one who had ever seen, or ever heard of him when living.”. STEWART, Charles Samuel. *Brazil and La Plata: The Personal Record of a Cruise*. New York: G.P.Putnam & Co, 1856, p.80-1.

²⁷⁰ Tradução livre de: “low, filthy and dirty set”. MINTURN JUNIOR, Robert Bowne. *Op.cit.*, p.15.

Uma manhã o bebê adoeceu, e ficou a gemer fracamente por algumas horas, até que morreu. Não houveram ritos religiosos, exceto por, como é de costume, um batismo que ocorreu logo antes de sua morte. A mãe deitou o pequeno corpo num tapete e colocou nos pequenos dedos uma flor ou duas; era tudo o que ela podia fazer, pois eles eram pobres demais para pagar por um funeral Mas ela sentou-se a olhar para a criança, com lágrimas – que não conseguia esconder – descendo pelas suas bochechas marrons e caindo no rosto do bebê. Em seguida ela foi embora e os homens pegaram o pequeno corpo e o enterraram na floresta. Naquela noite havia uma festa de índios por ali, e eu vi a mãe, há pouco sofrendo, tomando parte, sorridente, na diversão. Eu confesso que fiquei chocado no começo; mas depois seu sofrimento retornou pela manhã, e não há dúvida que ela teria aberto mão da festa se pudesse ter sua criança viva de novo, ainda que não tivesse aberto mão da festa em honra ao filho morto. É da natureza semisselvagem, infantil, sofrer apenas no momento da morte e depois esquecer²⁷¹.

Finalmente, Hastings Charles Dent (1886) completa esse breve compilado de reações negativas diante da morte no Brasil. O autor, que participou da construção de uma linha ferroviária em Queluz (atual Conselheiro Lafaiete/MG), relatou sobre a morte do Major João Ferreira do Cortume – dono de uma das terras pela qual a ferrovia passaria. Pelo que Dent coloca, o Major era claramente contra a construção da linha em suas terras e, apesar de ter atrapalhado sua construção, o acampamento dos construtores era localizado em sua propriedade. Quando o fazendeiro morreu, Dent enviou um cartão para a viúva e, em retorno, foi convidado a comparecer ao funeral. Ao chegar lá, o estadunidense percebe a dor da família, mas afirmou que o padre teria sido insensível e, ao invés de confortar a família imediatamente à sua chegada, começou a cortar tabaco para fazer um cigarro²⁷². Quando saíam da casa, o viajante também estranhou o canto que começou a ser entoado pelos presentes que seguiam em cortejo²⁷³. Ao fim, o autor concluiu que

Todo o ocorrido me pareceu bastante repugnante, e as repetições no serviço fúnebre foram no mínimo desnecessárias; enquanto a conduta sem coração

²⁷¹ Tradução livre de: “One morning the baby sickened, and lay moaning weakly for a few hours, until it died. There were no religious rites, except that, as the custom is, the child had been baptized just before its death. The mother laid the little body on a mat, and folded the thin fingers together, with a white flower or two; it was all she could do, for they were too poor to afford a funeral. But she sat looking at it, with the tears—she vainly tried to conceal them—rolling down her brown cheeks and falling on the little upturned face. Presently she turned away, and the men took the body out and buried it in the deep forest. That night there was an Indian ball near by, and I saw this mother, so lately bereaved, taking part, all smiles, in the merriment. I confess, I was shocked at first; but then her grief in the morning was unfeigned, and there can be no doubt that she would have stayed away from the dance for a living child, though she did not for the dead one. It was simply the half-savage, childish nature—to grieve only at the moment of a loss, and then forget all about it.” SMITH, Herbert Huntington. *Op.cit.*, p.390-1.

²⁷² DENT, Hastings Charles. *A Year in Brazil: with notes on the abolition of slavery, the finances of the empire, religion, meteorology, natural history, etc.* London: Kegan Paul, Trench, 1886, p.102.

²⁷³ Idem, p.103.

*dos padres, curvando-se e sorrindo entre si com seu pote de rapé, me pareceu escandalosa*²⁷⁴.

3.1.2 – As Reações Valorativas.

Continuando a exposição das reações dos estrangeiros perante a morte no Brasil, inicio a demonstração das reações favoráveis. Entretanto, é importante destacar que percebi dois tipos de reações valorativas ocorridas no Brasil: aquelas que qualificam manifestações ou evento de brasileiros e aquelas que qualificam manifestações relativas aos estrangeiros no Brasil. Faço-o, pois, ao menos 7 do total de reações compiladas se encaixam nesse último tipo – número representativo dentre as menos de 3 dezenas de reações valorativas compiladas. Comentarei acerca no subitem seguinte.

Quadro 4 – Termos mais utilizados nas reações favoráveis de estrangeiros perante a morte

Alguns termos mais utilizados nas reações favoráveis coletadas	Local ou situação referenciada
Lovely/Amável (2)	Cemitério dos Ingleses do Rio de Janeiro
Beautiful/Bonito (4)	Cemitério dos Ingleses do Rio de Janeiro
Neat/Asseado (3)	Local de enterro de brasileiros

Fonte: Relatos de John Luccock, Robert Walsh. Maria Graham, Charles Samuel Stewart, James Henderson e George Gardner.

A primeira das reações favoráveis, talvez a mais ambígua quanto a minha divisão supracitada, é o registro acerca (e dos momentos que antecederam) da morte da Imperatriz Maria Leopoldina. Nascida em Viena, na Áustria, ela morreu no Palácio de São Cristóvão no Rio de Janeiro como Rainha do Brasil. Em todo caso, Robert Walsh (1830) teceu elogios bastante pessoais e registrou que, após a extrema unção, ela agiu de forma humilde ao chamar seus empregados e se desculpar por algum mal²⁷⁵. Após a morte, para ele, até certo ponto a

²⁷⁴ Tradução livre de: “The whole affair seemed to me rather repulsive, and the repetitions in the service at least needless, while the heartless conduct of the priests, bowing and smiling to each other over their pinch of snuff, was scandalous.” Idem, p.105.

²⁷⁵ “After having humbly received the last rites of her church, she called around her all the domestics of her establishment, and while they stood, shedding tears of real sympathy and feeling, beside her bed, she asked them in succession whether she had injured or offended them by word or deed, as she could not leave the world with the impression on her mind that any one remembered aught against her, for which she could make reparation. The whole tenor of her domestic life had been so good and condescending to others, that nothing could be recollected that was not so, and her attendants only answered by irrepressible sobs and tears, which her humility and kindness had excited.” WALSH, Robert. *Op.cit.*, p.259.

pompa e o sofrimento demonstrado estava condizente com a importância da Imperatriz. As críticas de Walsh relacionadas a esse evento já foram exploradas no item anterior.

Walsh também se impressionou positivamente ao entender que no Brasil as Irmandades funcionavam de forma similar e mais ampla do que as *Benefit Societies* de sua terra natal. Cobrindo despesas de doença, de pobreza e de funerais, essas sociedades brasileiras cobririam também outros aspectos cobertos pelas sociedades britânicas similares²⁷⁶. Apesar de não exibir um elogio demasiadamente explícito, o fato de haver um claro indício de identificação e de haver um reconhecimento de que, no Brasil, as Irmandades agiam numa escala maior permite-me afirmar que se trata de uma reação favorável durante a descrição realizada.

Walsh esteve na cidade de São José (MG), atual Tiradentes, em 1828 e quando chegou ficou sabendo de uma ocorrência a qual decidiu tomar parte. Segundo conta, um operário de origem germânica havia morrido durante sua labuta e, quando seus colegas requereram enterro, foi-lhe negado um solo sacramentado pela Igreja Católica então o operário haveria de repousar noutro lugar. Percebendo como isso incomodou os seus colegas e mesmo a população local, Walsh desenterrou o operário e realizou o serviço fúnebre, o qual contou com a presença dos demais operários²⁷⁷ e quase (teria havido um atraso) com a participação de parte significativa da comunidade de São José que não teria concordado com a interdição. Walsh finalizou sua narrativa ressaltando o comportamento dos brasileiros perante a interferência realizada por ele junto aos operários luteranos. Vejamos o texto:

²⁷⁶ “irmandades, or brotherhoods, which seem to be on the plan of our benefit societies, but on a more extended scale. They take the name of Carmelites, Franciscans, Minims, and are called "Third Orders," though they consist entirely of the laity, and are composed of tradespeople, and such of a higher class as may be disposed, from a spirit of devotion, to become members. About fifteen dollars are paid at entrance, and an annual contribution of one dollar to the general fund. For this, every member is entitled to support in sickness or in poverty, and to a funeral free of expense, and other advantages conferred by our societies.”. WALSH, Robert. *Op.cit.*, p.364.

²⁷⁷ “One of these, in descending the shaft of a mine, fell to the bottom, and was killed. This was the first death that occurred, and a request was made to bury him in the usual cemetery; but the vigario would not permit a heretic to be laid in consecrated ground. The gentlemen of the town disapproved of this, but it was a thing in which they could not interfere, so his body was deposited in the company's garden. On my arrival, his friends were anxious that the ground in which he lay should be consecrated by the funeral service, so I directed to have the grave opened for that purpose. The miners met at nine o'clock; we converted the saloon into a church; and, after morning service for the day, we walked in procession to the grave. Every one present took up a handful of clay, and at the words "earth to earth," threw it on the coffin, a mode of performing that part of the service which seemed to me to be very impressive. On our return to the house, we found the capitao mdr, and all the gentlemen assembled. They had heard of our intencion of performing the funeral service, and had come to attend at it, to sanction it by their presence, and show their approbation of it; but by a mistake of the early hour, they had arrived too late to assist at it.”. WALSH, Robert. *Op.cit.*, vol II, p.94.

Essa instância de liberalidade e bom senso em querer participar de tal ocasião, um serviço religioso típico de igrejas reformadas, é uma prova cabal que o preconceito contra hereges está rapidamente acabando, mesmo nos locais mais afastados. É uma prova também de que a religião católica brasileira não é descompromissada ou possui caráter preconceituoso. Foi juntamente a uma agradável prova de boa vontade e harmonia que foi estabelecida entre estranhos e todos os nativos respeitáveis²⁷⁸.

Além desse caso com estrangeiros, Robert Walsh também narrou uma visita ao Cemitério dos Ingleses, localizado na praia da Gamboa na capital do Império. Segundo ele, o cemitério é localizado num local de vista bonita e possui uma organização agradável. Apesar de ter ido por ocasião de morte de um conhecido, Walsh se limitou a falar das qualidades do Cemitério. O autor também citou a relação do imperador com o local de enterro:

O imperador, cujo palácio de São Cristóvão não é muito distante, frequentemente visita o local, e ficou bastante impactado com a aparência do cemitério. A solenidade sóbria do serviço religioso inglês atraiu sua atenção; mas além de tudo, a remoção dos corpos do centro da cidade o induziu a expressar uma forte aprovação perante nosso modo de enterramento; e, foi dito, ele propôs construir cemitérios similares próximos ao Rio, na mesma escala de extensão do Pere la Chaise, e gradualmente reconciliar os brasileiros com os enterramentos no interior²⁷⁹.

Mary Graham (1824) também escreveu sobre cemitérios do Rio de Janeiro: o da Misericórdia (já citado), o dos Ingleses e o do Carmo. Sobre os dois últimos, Graham tece muitos elogios. O Cemitério dos Ingleses foi visitado logo em seguida ao da Misericórdia e as reações foram completamente opostas: segundo a viajante, o cemitério é um dos locais mais amáveis que ela já conhecera. Como Walsh, Graham cita a vista como um elemento belo e a

²⁷⁸ Tradução livre de: “This instance of liberality and good sense in attending on such an occasion a religious service of the reformed church, is a proof at once, that prejudice against heretics is hastening away, even in the most secluded places, and that the Catholic religion of Brazil is not of an uncompromising or prejudiced character. It was besides a pleasing proof of the good-will and harmony that was established between the strangers and all the respectable natives” WALSH, R. Op.cit., p.94.

²⁷⁹ Tradução livre de: “The emperor, whose palace of S. Christovao is not very distant, has frequently visited this spot, and was much struck with the appearance of the cemetery. The sober solemnity of the English service attracted his notice; but above all, the removal of bodies from the centre of the city, induced him to express a strong approbation of our mode of interment; and it is said, he proposes to establish similar cemeteries near Rio, on the extensive scale of Pere la Chaise, and gradually reconcile the Brazilians to burials in the open country.”. WALSH, Robert. Op.cit., vol 1, p.527.

construção ao topo do local de enterramento²⁸⁰. Quanto ao cemitério carmelita, Graham diz exatamente que “é mais bonito do que cemitérios de igreja costumam ser”²⁸¹.

O viajante cego, James Holman (1834) também se dedicou a falar sobre os cemitérios. Sobre o dia de todos os santos, 1 de novembro, o viajante registrou o ritual de se esvaziar as sepulturas e depositar os restos numa urna. Ao falar sobre os cemitérios ele destaca que cada igreja possui o seu e, segundo ele, todos são construídos com bom gosto e elegância²⁸². O autor também registra, na entrada referente ao mesmo dia, que um de seus amigos havia visitado uma jovem viúva e notou que ela se vestia, enlutada, muito bem²⁸³. George Gardner (1846) também comenta brevemente sobre a capela onde ocorreria um funeral o qual tomaria parte e, segundo ele, o local onde o corpo era velado e seria enterrado depois, era uma pequena, mas bem arrumada capela²⁸⁴.

Na mesma época, Daniel Kidder (1845), o reverendo metodista, faz um comentário que pode ser interpretado de forma ambígua. Após descrever os funerais brasileiros católicos e antes de descrever um funeral supostamente de origem africana, o viajante escreve que vai “mencionar outra espécie de funeral, que ilustra a continuidade de costumes pagãos entre os africanos no Brasil”²⁸⁵. Kidder, portanto, apesar de qualificar negativamente diversos costumes brasileiros relativos à morte, provavelmente não acredita que se tratava de um costume não cristão – ou ao menos não se tratava de um costume pagão. Voltarei a esse caso depois, porém é importante ressaltar que isso chama a atenção para o fato de que não se trata de um estranhamento completo. Os distanciamentos entre atitudes diante da morte são estranhos uns para os outros, entretanto não têm natureza de completo não entendimento entre as partes. Vendo o predicado “pagão” atribuído por Kidder perante a morte afro-brasileira e sua ausência

²⁸⁰ “I rode this evening to the protestant burial-ground, at the Praya de Gamboa. I think it one of the loveliest spots I ever beheld, commanding beautiful views every way. It slopes gradually towards the road along the shore: at the highest point there is a pretty building,” GRAHAM, Maria. *Op.cit.*, p.307.

²⁸¹ Tradução livre de: “The cemetery of the Carmelite church, which is a prettier thing than church-yards usually are.”. GRAHAM, Mary. *Op.cit.*, p.168.

²⁸² “The cemeteries, of which each church possesses at least one, are built with much taste and elegance in a quadrangular form” HOLMAN, James. *A Voyage Round the World: Including travels in Africa Asia, Australasia, America, etc, etc. – vol. II.* Cidade: Editora, 1834, p.61.

²⁸³ “A friend of mine being on a visit to a pretty young widow, observed her busily employed embroidering with gold a very handsome piece of black velvet.” HOLMAN, James. *Op.cit.*, p.62.

²⁸⁴ “When we arrived at the house of the lady, we learned that the daughter died the evening before. We were shown the body, which had been put into a coffin, and placed in a neat little chapel belonging to the estate, and in which it was to be buried.”. GARDNER, George. *Travels in the Interior of Brazil*, principally through the northern provinces, and the gold and diamond districts, during the years 1836-1841. London: Reeve, Benham, & Reeve, 1849, p.46.

²⁸⁵ Tradução livre de: “I will allude to another species of funeral, which illustrates the continuance of heathen customs among the Africans in Brazil.” KIDDER, Daniel Parish. *Op.cit.*, p. 177.

nas descrições sobre os funerais católicos brasileiros, é possível deduzir que Kidder não possuía tal opinião sobre a morte católica brasileira. Ainda que não seja uma reação favorável explícita, acredito que vale sua colocação aqui.

Ainda nos anos 40, William Henry Edwards (1846) presenciou o funeral de uma criança num vilarejo paraense chamado Braves e registrou brevemente sua percepção sobre o fato.

*Um dia ocorreu o funeral de uma criança. Por algum tempo, antes do enterro, a pequena foi colocada numa mesa, lindamente vestida e coroada de flores. A mãe sentou-se com felicidade ao seu lado e recebeu congratulações de seus amigos, pois sua pequena seria agora um anjo*²⁸⁶.

A vestimenta também é assunto das colocações de Thomas Ewbank (1856), entretanto além de comentar sobre a meticulosidade da vestimenta do morto²⁸⁷, ele também registrou seus elogios ao carroceiro de um funeral²⁸⁸ que teria encontrado na rua. Após descobrir que se tratava do funeral de uma condessa, Ewbank resolve dar um panorama do que seria o “funeral brasileiro”. Extremamente detalhista, o autor cobre diversos pontos presentes na cultura funerária brasileira. Segundo Ewbank, que exercita uma fascinação pela cultura greco-romana, os cemitérios no Rio de Janeiro seriam cópias em menor escala das estruturas sepulcrais da Grécia e de Roma²⁸⁹. Ao descrever os enterros brasileiros, ele ressalta que se trata de um momento respeitável²⁹⁰ e ao anotar sobre os funerais ele aponta o excesso de gastos, mas logo em seguida ressalta que existem brasileiros esclarecidos que já perceberam isso²⁹¹.

²⁸⁶ Tradução livre de: “One Day there was a funeral of a child. For some time previous to the burial, the little thing was laid upon a table, prettily dressed, and crowned with flowers. The mother sat cheerfully by it’s side, and received the congratulations of her friends, that her little one was now an angel”. EDWARDS, William Henry. *A Voyage up to the River Amazon, Including a Residence at Para*. New York: D. Appleton and Company, 1847, p.89.

²⁸⁷ “Punctilious to the last degree, they enforce etiquette on the dead.” EWBANK, Thomas. *Op.cit.*, p.67.

²⁸⁸ “On returning from a ramble I met the funeral procession: a long string of chaises, followed by twenty horsemen carrying lighted candles; an elegant coach-and-four came next, guided by a charioteer in light livery, and in it the coffin, whose ends projected through the doors.” EWBANK, Thomas. *Op.cit.*, p.66.

²⁸⁹ “The cemeteries of Rio are literal copies, on a smaller scale, of the sepulchral structures of the Greeks and Romans. The form of coffins here is also of remote antiquity. Originally of stone, and placed in the open air, their roofs were formed after those of houses, and with the same view—to allow rain to run off. Stone sarcophagi of this description are counted among the oldest of ecclesiastic monuments in Europe.” EWBANK, Thomas. *Op.cit.* p.109-110.

²⁹⁰ “No near relative accompanies a corpse to the cemetery. It is given at the door into the hands of friends, to whom its final and respectful disposal is confided”. EWBANK, Thomas. *Op.cit.*, p.68.

²⁹¹ “A full dress of black is a sine qua non for both lady and gentlemen visitors, and, unless very near neighbors, etiquette requires a carriage and a footman. Enlightened Brazilians are awake to the evils of these expensive follies, and, as in other lands, are making efforts to reform them.” EWBANK, Thomas. *Op.cit.*, p.70.

Finalmente, Ewbank também comenta acerca do Cemitério dos Ingleses²⁹² em tom bastante positivo. Apesar de considerar ruim a estrada que leva ao destino, o autor se impressiona com as plantas que compõem a vista do local. Segundo ele, dificilmente haveria um local de descanso mais auspicioso para os mortos que o cemitério na Gamboa. Como finaliza o autor: “que cristão poderia desejar um sepulcro mais apto, ou onde encontrar um mais abundante com emblemas de inocência e imortalidade!”²⁹³.

No mesmo período, Charles Samuel Stewart também registrou de forma extensa a cultura funerária brasileira e, assim como os outros, também foi possível apreender alguns juízos de valor. Stewart colocou em seu texto que esteve por duas oportunidades no Cemitério dos Ingleses do Rio de Janeiro. Logo na primeira, o autor descreve sua chegada como a de alguém que vai ao subúrbio numa região feia e desagradável, entretanto no parágrafo seguinte já inicia sua descrição classificando o local como retirado e dotado de bela vista. Adiciona ainda que a pequena capela do cemitério é de bom gosto²⁹⁴. Na segunda vez que esteve no Cemitério, numa circunstância mais triste para toda a tripulação do navio no qual estava, o viajante escolhe fechar sua narração com “O corpo foi enterrado no belo cemitério da Gamboa”²⁹⁵.

Stewart também participa de outra ocorrência interessante durante sua estadia. No falecimento de uma criança da família Andrada, o viajante estadunidense aproveita para descrever os costumes relativos ao enterramento infantil e também afirma que havia mudado de opinião quanto à cultura de enfeitamento das crianças.

Um belo cadafalso com ricos adornos festivos de cor rosa, dourado e tecido prata, ocupava o centro da nave. Acima dele, num caixão com veludo rosa com um laço dourado – de modo a expor toda a figura lá dentro – num acolchoado de cetim estava o corpo de uma garotinha de três anos, vestida com adornos caros e de bom gosto (...). Não havia qualquer emagrecimento; nenhum traço de sofrimento; o rosto estava cheio e perfeito em seu contorno; e os membros roliços e simétricos. Uma expressão plácida e sorridente num local da sombra da morte, deu a impressão que ela estava apenas num sono

²⁹² EWBANK, Thomas. *Op.cit.*, p.255.

²⁹³ “what christian could desire a fitter sepulchre, or where find one more abounding with emblems of innocence and immortality! The blights of winter invade it not; ranges of everlasting hills surround it, and earth’s brightest skies smile over it.”. EWBANK, Thomas. *Op.cit.*, p.256.

²⁹⁴ “It was then, and still is, comparatively, a secluded and rural spot, upon a hill-side overhung and crowned with trees, and commanding a beautiful view northward of the upper bay and its many islands; of the rich valleys to the west; and of the Organ Mountains sweeping majestically round in the distance. It is enclosed with high and substantial walls of stone, and is entered by an ornamental gateway of iron. From this a winding avenue of trees marks the ascent to a neat little chapel on a terrace near the centre of the ground. Here such religious services as may be desired, or can be secured, before committing the dead to the grave, are usually observed.” STEWART, C. S. *Op.cit.*, p.80-1.

²⁹⁵ Tradução livre de: “The body was buried in the beautiful cemetery of Gamboa.”. STEWART, Charles Samuel. *Op.cit.*, p.115.

*profundo e silencioso (...). Em todas as outras ocasiões em que eu havia visto o cadáver de uma criança decorado desta forma – de acordo com a cultura local – eu sentia como se isso fosse uma zombaria com a morte e com o túmulo, assim misturar enfeites e vaidades do mundo com a lição triste que ensina o fim da vida. Mas agora, ainda que permaneça para nós como algo incongruente perante a solenidade de tal ocasião o uso desses adornos chiques, não havia nada de repulsivo na cena presente.*²⁹⁶

Encantado pelos funerais infantis, o viajante Robert Bowne Minturn Jr (1858) também se ateu a esse componente da cultura funerária brasileira. Logo após comentar sobre “a podridão dos padres”, o autor anotou sobre a beleza de um dos costumes relacionados ao funeral infantil e segundo ele, a decoração da mortalha e das roupas era escarlate e o cortejo é coberto de flores colocadas por amigos e jogadas das casas enquanto a procissão passava²⁹⁷.

Aspecto notado por James Wetherell (1860), os enterros deixaram de ocorrer nas igrejas com constância como era no início do século. O viajante inglês, talvez por sua longa temporada no Brasil, narrou essa mudança e apontou a diferença entre o cortejo antigo e o novo. Segundo ele, antigamente o cortejo era como uma procissão e continha aspectos belos que faziam com que fosse bastante pitoresco para um observador externo²⁹⁸. A descrição sobre o costume presente (ao tempo do relato) do cortejo possui menor riqueza, entretanto o serviço fúnebre é descrito com bastantes detalhes.

Finalmente, Herbert Huntington Smith (1879) encerra as exposições sobre as reações valorativas registradas pelos viajantes no Brasil diante da morte. Smith fala de uma posição bastante interessante, principalmente se considerarmos que havia mais críticas aos

²⁹⁶ Tradução livre de: “A beautiful catafalque, with richly festooned draperies of pink satin and gold and silver tissue, occupied the centre of the nave. Upon this, in a straight coffin of pink velvet, trimmed with gold lace—so formed as when thrown open to expose the entire figure (...). There was no emaciation; no traces of suffering; the face was full and perfect in its contour; and the limbs round and symmetrical. A placid and smiling expression, in place of the ghastly look of death, led to the impression of its being only a deep and quiet sleep that we gazed on (...). On all former occasions, when I have seen the corpse of a child thus decked out—according to the usage here—I have felt as if it were a mockery of death and the grave, thus to mingle the tinsel and vanities of the world with the sad lesson they teach. But now, however incongruous with the solemnity of such an occasion these fanciful adornments may seem to us, there was nothing repulsive in the spectacle presented.” STEWART, C.S. *Op.cit.*, p.360-1.

²⁹⁷ “A very pretty custom prevails here in celebrating the funerals of children. The pall, the liveries of the coachmen and grooms, and all the decorations are scarlet, while the hearse is covered with flowers placed there by friends, and thrown from house windows as the procession passes through the streets.” MINTURN JR. Robert Bowne. *Op.cit.*, p.15.

²⁹⁸ “Since the churches have been closed, and only burials permitted in the churches have been closed, and only burials permitted in the cemeteries, and that during the day, one singular feature attending them has been lost. It was this : the conveyance to the church of the corpse about dusk, attended by a long string of acquaintances, headed by the priests, each bearing a candle shaded by a kind of paper lantern. These processions were very picturesque, as they were seen -winding along the streets to the various churches.” WETHERELL, James. *Op.cit.*, p.111.

padres do que elogios. Ele esteve em Fortaleza quando numa epidemia de varíola durante a qual padres trabalhavam no auxílio dos doentes²⁹⁹. Perante essa situação, que ele compara às epidemias de peste negra em Londres³⁰⁰, Smith diferencia claramente os enterramentos ocorridos no cemitério da cidade³⁰¹ daquilo que ele narra como um absurdo. Os enterramentos, mesmo profundos, às vezes ocorriam na areia e, ainda que não fosse sempre nessas terras, era frequente a morte de cavadores que acabavam abrindo covas recentes e morrendo asfixiados. O cheiro, ele contou, era péssimo e a assistência recebida pelos doentes era mínima, à exceção dos padres.

Eu acredito que os padres de Fortaleza faziam bem o seu trabalho durante a epidemia. Não haviam, de fato, serviços fúnebres e algumas poucas confissões ante morte pois a 'colheita mortal' era muito grande. Mas frequentemente eu via jovens padres visitando os piores acampamentos de infectados, não com assistentes e roupas suntuosas, mas sozinhos, fazendo seu trabalho como os antigos missionários faziam, face a face com o perigo³⁰².

Sigo, finalmente para um balanço analítico possível após a contemplação das evidências.

3.2 – Um balanço do que se viu.

Gostaria de ressaltar inicialmente a imensa predominância de reações compiladas nas tradicionais cidades do Império brasileiro, principalmente na Capital (Rio de Janeiro). Salvador (BA), Recife (PE), Mariana e São José (MG) também aparecem e, para esse trabalho, não foi possível encontrar padrões rígidos relativos à região que me permitissem concluir se em determinada região há mais ou menos reações. No entanto, quanto ao tema, à esfera social e ao

²⁹⁹ “I believe that the priests of Fortaleza did their duty well, all through the pestilence. There were, indeed, no funeral services and few ante-mortem confessions; the death-harvest was too great. But I often saw the younger priests visiting the worst infected camps, not with attendants and gorgeous trappings, but alone, doing their work as the old missionaries did, in the face of danger.” SMITH, Herbert Huntington. *Op.cit.*, p.427.

³⁰⁰ “The bodies were buried deep, but under loose sand; two thousands of these trenches were poisoning the air, and the stench was almost unbearable. It is recorded of the London plague that men died in the pits they were digging; here the workmen had fallen dead, not from the disease, but from asphyxia, the result of foul air; this happened only where a new trench was dug near an old one.” SMITH, H. H. *Op.cit.*, p.425.

³⁰¹ “There was a cemetery near the town, where the dead were buried decently, in separate graves. But this was the city ground, from which bodies of those who had died of smallpox were generally excluded.” SMITH, H. H. *Op.cit.*, p.424.

³⁰² Tradução livre de: “I believe that the priests of Fortaleza did their duty well, all through the pestilence. There were, indeed, no funeral services and few ante-mortem confessions; the death-harvest was too great. But I often saw the younger priests visiting the worst infected camps, not with attendants and gorgeous trappings, but alone, doing their work as the old missionaries did, in the face of danger.” Idem, p.427.

tempo cronológico no qual está localizada a manifestação, foi possível, sim, achar padrões interessantes os quais serão abordados a seguir.

Já no primeiro momento fica evidente o estranhamento perante certos comportamentos dos brasileiros. **Reações depreciativas** perante o comportamento dos padres nos funerais, cortejos e enterramentos compuseram 4 das reações compiladas e todas bastante bem distribuídas cronologicamente: uma presente em uma publicação da década de 1820, outra em uma da década de 30, outra na de 50 e outra na de 80. Especificamente, o modo de enterramento foi tema de cinco reações e a maior parte delas durante a primeira metade do século XIX, quando enterramentos em Igrejas eram aceitos e incentivados. Esses hábitos eram vistos como anti-higiênicos, absurdos e havia uma noção predominante (que perdurou até o fim do recorte) de que o brasileiro não se preocupava tanto com o destino do corpo quanto se dedicava com o destino da alma. De todo modo, a intensidade dos comentários negativos a esse respeito foi maior no início do recorte. Sendo os viajantes procedentes de regiões de tradição protestante, como discutido no segundo capítulo, é possível atribuir essa diferença às suas crenças religiosas sobre o além-túmulo. Apesar de não ser objeto desse trabalho que não se propôs a explorar a tradição católica, é possível atribuir os hábitos dos brasileiros a uma tradição da cultura funerária católica a qual tinha grande preocupação com a alma³⁰³. Da mesma forma, os homens manifestavam suas concepções quanto ao destino do corpo de forma diferente das expectativas e práticas dos viajantes anglo-americanos.

Os funerais foram bastante criticados por uma nuance cultural de raiz católica: a vestimenta pomposa do morto. Caracterizada constantemente como exagerada, pomposa e como um zombar dos mortos, em dois dos casos esse aspecto é bastante criticado no início do recorte, ou seja, na primeira metade do século. Foram encontradas cinco reações negativas 4 de viajantes diferentes que apontavam para esse mesmo aspecto.

Outro ponto mais amplo, comentado com constância, era a respeito do comportamento das pessoas durante o funeral ou o cortejo que ocorria. Enfatizando hábitos como conversa, fumo e gestual, a crítica dos viajantes foi constante nesse aspecto ao longo do recorte. Assim como as críticas ao Cemitério da Misericórdia e à pobreza e à miséria a qual os escravos estavam sujeitos, esses últimos somam 4 das reações compiladas.

³⁰³ Expressa principalmente em hábitos como o enterro em Igrejas, o uso de mortalhas, o pagamento por missas para a alma e o comprometimento dos vivos com o esforço para diminuição do tempo da alma dos mortos no Purgatório. Para mais sobre essa tradição ver as obras de Adalgisa Arantes Campos, Claudia Rodrigues, Luiz Lima Vailati, João José Reis e outros.

Tive, portanto, como temas de reações negativas: modo de enterramento (5 reações), vestimenta exagerada do morto (5), comportamento dos padres (4), comportamento dos leigos no funeral ou cortejo (4), críticas ao funeral infantil (2), cemitério (2), tratamento ou pobreza dos escravos (2), vestimenta de membros do funeral ou cortejo (1). As reações negativas, de modo geral, foram balanceadas entre as camadas da sociedade, sendo que a solidarização com as camadas populares, no que tange a morte, era constante. Críticas aos altos preços cobrados por padres para a realização de seus rituais, críticas às más condições do Cemitério da Misericórdia e ao tratamento “desumano” dado aos negros escravos ressaltam o caráter notável que a morte tinha de mobilizar reflexões e críticas sociais de estrangeiros no Brasil. Lembrando que essas críticas não eram somente endereçadas aos brasileiros, mas também aos europeus que aqui residiam e que não se manifestavam perante essas situações.

Quanto às **reações favoráveis**, é importante destacar que parte delas foi coletada considerando observações específicas sobre o Brasil e outra parte foi concentrada em reações perante anglo-americanos ou locais relacionados aos anglo-americanos no Brasil. O primeiro dos registros foi publicado na obra de Mary Graham no ano de 1824, ou seja, mais de 15 anos depois do primeiro registro abarcado por esse trabalho. Esse dado nos permite afirmar que, a princípio, a morte não era tema de registros elogiosos. Acredito que uma reação de identificação não é necessariamente registrada com uso de adjetivos positivos; existem outros modos de demonstração de identificação, possíveis de serem apreendidos pelo leitor contemporâneo dos relatos. As críticas, como percebido nos parágrafos acima, iniciaram mais cedo do que a admiração – muitos dos registros iniciais tendem ao descritivismo. Seria, então, a hermenêutica a saída mais indicada para pesquisadores interessados nas reações desses homens que primeiro registraram a morte no Brasil.

O principal tema destacado positivamente são os cemitérios dos brasileiros mais abastados, como o do Carmo (no Rio de Janeiro). Os locais de enterramento católicos são elogiados por sua estrutura, disposição e arquitetura, assim como as igrejas muitas vezes anexas a esses locais. Esse ponto é destacado em cinco das reações positivas compiladas por este trabalho.

Os demais temas mais constantes foram destacados apenas duas vezes, cada um, pelos viajantes selecionados. Os enfeitamentos de adultos e de crianças, juntos, foram temas de 4 das reações, as quais são dedicadas aos brasileiros com condições financeiras mais razoáveis, não se tratando das esferas mais populares da sociedade. Essas quatro reações estão “equilibradamente” distribuídas pelo recorte de modo que é difícil afirmar se ocorreram mais perante os homens do início ou do fim do século. Importante lembrar que, como nos mostrou

Freyre³⁰⁴, teria havido um processo de incorporação de certos hábitos culturais ingleses por brasileiros; o que se demonstra na constatação do viajante Ewbank (1856), o qual afirmou que, apesar de absurdo o excessivo enfeitamento dos corpos, esse hábito já estava sendo abandonado por esferas mais iluminadas da sociedade brasileira. A procissão fúnebre também é percebida e valorada por dois dos viajantes selecionados e também representa um número razoável para nossa conclusão. Portanto, os principais temas das reações positivas foram: Cemitérios dos mais abastados estruturados de forma bela (5), enfeitamento do corpo nos adultos (2 reações), o enfeitamento do corpo das crianças (2), procissão fúnebre (2).

Finalmente, as reações valorativas relativas aos estrangeiros no Brasil nos convidam a uma reflexão que me interessa. Por serem locais “do meio”, ou seja, questões de difícil classificação tratam-se de constituintes da cultura brasileira ou estrangeira, acredito que são locais privilegiados de observação desses encontros interculturais. Ao longo do recorte, Graham (1824), Walsh (1830), Stewart (1856) e Ewbank (1856) estiveram no Cemitério dos Ingleses e produziram relatos valorativos. O mesmo Walsh também teria protagonizado um caso de enterramento de estrangeiro de interessantes peculiaridades, como já foi exposto no início desse capítulo.

Esses pontos em comum, encontrados tanto no campo dos registros negativos quanto no campo dos registros de caráter valorativo são padrões, são indícios de percepções comuns que permitem conclusões sobre os viajantes e também sobre a realidade a qual esses foram expostos. Ainda que não tão conclusivos lidos separadamente, quando unidos, sistematizados e combinados à historiografia cultural-religiosa, nos permitem conclusões interessantes sobre a relação entre a apreensão desses viajantes sobre a cultura protestante anglo-americana e a apreensão desses sobre a cultura católica brasileira.

Como comentado no capítulo 2 dessa dissertação, havia pontos bastante amplos no comportamento do anglo-americano perante a morte, principalmente em seus hábitos funerários e relativos ao cortejo. A relação desses anglo-americanos com símbolos e expectativas comuns ao cristianismo católico produziram aproximações. Entretanto, como se percebeu na compilação acima, foram mais comuns comentários favoráveis sobre a estrutura dos cemitérios entre os viajantes do que comentários favoráveis sobre os funerais e o comportamento dos homens nesses momentos. Pelo contrário, somando as críticas às vestimentas e aos adornos do morto no funeral, ao comportamento de padres, aos leigos presentes e à vestimenta desses, obtemos 14 reações. Somando as 2 críticas ao funeral infantil (que recebeu o mesmo número

³⁰⁴ FREYRE, Gilberto. *Op.cit.*

de elogios), é possível afirmar que representam um total de 16 reações, ou seja, mais da metade do total de reações depreciativas coletadas, um número bastante representativo. Curiosamente, ainda que exaltados os cemitérios abastados em 5 comentários, os hábitos de enterramento do brasileiro representaram (juntamente com a vestimenta do morto) o principal elemento criticado da cultura funerária brasileira com 5 comentários depreciativos.

De todos os temas relacionados à morte, apenas os comentários a respeito da morte de negros não gerou registros de reações diferentes em viajantes diferentes. Todos que presenciaram teceram críticas aos brasileiros e aos europeus por tolerar essa condição de enterramento precária dos negros escravos ou não. Percebe-se também a presença mais aglutinada dos comentários negativos sobre aspectos semelhantes. Em outras palavras, entre as reações que coincidiram dos viajantes perante a cultura funerária brasileira, partilharam-se mais opiniões negativas do que positivas. Aparentemente havia mais temas comuns a se criticar, mais convergência entre as críticas do que entre as avaliações. Por fim, subtraindo as reações valorativas das depreciativas sobre os mesmos temas, é possível obter um quadro interessante:

Quadro 5 - Diferença de reações valorativas e depreciativas sobre os temas mais comuns.

Reações	Valorativas	Depreciativas	Diferença
A respeito dos enterramentos de brasileiros	0	5	5 reações negativas
A respeito do comportamento dos padres	1	4	3 reações negativas
Vestimenta do morto durante as cerimônias	2	5	3 reações negativas
A respeito do comportamento dos leigos	1	4	3 reações negativas
A respeito dos locais de enterramento católicos	5	2	3 reações positivas
A respeito do funeral infantil	2	2	Equilibrado

Considerando o Juízo de valor positivo ou negativo como uma parte da expressão da alteridade em encontros interculturais, é possível perceber que a morte poderia sim ser elemento de “aproximação”, como conceituou Seeman, entre brasileiros e anglo-americanos. Entretanto no que tange alguns temas chave, as reações que expressavam desagrado ainda predominavam na maior parte dos temas mais comuns dos relatos. Sobre essa aproximação, é importante retornar a Erik Seeman:

Mesmo aqueles que tiveram reações de exclusão estavam ao menos curiosos acerca das práticas mortuárias daqueles que encontravam. Se eles sentiram repulsa pelos modos de morrer dos outros, isso ocorreu num contexto de percepção que a maneira que os outros morriam era central para sua maneira de viver – e, portanto, relevante de registrar. Eles compreendiam a humanidade existente nos estrangeiros os quais, ao menos, também morriam como eles e tinham que fazer algo com os corpos³⁰⁵.

Se considerarmos sua percepção válida, é importante que se enxergue os dados sob outro prisma: ainda que não se trate de uma construção valorativa, os registros sobre hábitos como o amassar de corpos contém em si o contexto de percepção e reconhecimento da maneira do *outro* enterrar. Sua discordância desse hábito se dá em relação a uma identificação de que o brasileiro é humano como ele, cristão e, em seu lugar, o viajante não agiria igual perante o corpo morto de seu igual. Não se trata de um selvagem, o brasileiro observado, de alguém fora da compreensão – afinal, mesmo se tratando desse hábito (amplamente condenado) os viajantes ressaltaram que pouquíssimas pessoas acompanhavam esse enterro “a marretadas”.

Nesse ponto de vista de Seeman, a própria existência de descrições mais objetivas a respeito da morte do outro já significa que houve a percepção de que a morte representava um aspecto central para a vida do brasileiro. Da mesma forma, a relação entre as culturas religiosas e a identificação das semelhanças fundamentais entre os cristianismos anglo-americano e brasileiro (ambos de origem europeia) têm papel central nessa dinâmica.

Essa influência europeia, apesar de não compor projetos políticos, era clara nos costumes e nas referências religiosas usadas pelos grupos de elite no Brasil. Voltando-nos à cultura funerária cristã: os cortejos funerários, a influência dos vivos no destino as almas, os cemitérios nas cidades, o enterro em Igrejas, enfim, esses e outros costumes faziam ou haviam feito parte, em

³⁰⁵ Tradução livre de: “Even those who had exclusive reactions were at the very least curious about the mortuary practices of those they encountered. If they were repulsed by outsiders' deathways, it was within the context of realizing that the others' way of dying were central to their ways of living - and thus worth commenting on. They understood the shared humanity of foreigners who, at the bare minimum, also died just as they did and had to do something with corpses.” SEEMAN, Erik R. *Op.cit.*, p.3.

*algum momento, do rol de hábitos na Inglaterra, França e em Portugal. Ainda que adaptadas à realidade brasileira, esses hábitos dialogavam com elementos coerentes com o simbólico europeu: o luto pela perda expresso em emoções tristes, em roupas, em homenagens, em orações; a importância do morto expresso no grande número de presentes no cortejo, no local de enterro, no serviço religioso, eram linguagens comuns entre o Eu-Viajante e o Outro-Observado.*³⁰⁶

Um exemplo bastante evidente dessa aproximação é o comentário feito por John Candler no início de sua descrição sobre a cultura funerária brasileira. Segundo ele, “os funerais no Rio de Janeiro são conduzidos como em outras cidades católicas”³⁰⁷. Em sua experiência, portanto, a cultura funerária brasileira se assemelhava às outras cidades católicas de modo geral. Candler não distingue se são cidades católicas coloniais, americanas. A herança cultural³⁰⁸ imposta nos tempos de colonização pelos Portugueses se tornou, no XIX, produtora de uma expressão dupla, no relato, de semelhança e também de alteridade em relação aos costumes europeus. Como demonstra a continuação da frase de Candler sobre a cultura funerária: “mas quando uma criança morre, os pais são tão cheios de felicidade, de acordo com os dogmas ensinados pela Igreja, que eles não colocam roupas enlutadas, mas agem como se fosse um festival”³⁰⁹.

Como destaca Ferreira,

*Os relatos de viagem apresentam duas facetas. Por um lado, escreve-se o relato para que o leitor possa se orientar e forjar uma visão do local percorrido na viagem, bem como de si mesmo em um jogo de reconhecimento e distinção na comparação que se pode estabelecer quanto aos costumes e aos povos desse outro lugar. De outro, é também uma escrita de si, do autor do relato, o que significa dizer que essa narrativa é uma representação autobiográfica*³¹⁰.

³⁰⁶ RODRIGUES, Cláudia; CORDEIRO, Gabriel Cavalcante. *Op.cit.*, p.22.

³⁰⁷ Tradução livre de: “funerals in Rio Janeiro are conducted, as in other Catholic cities with much pomp”. CANDLER, John. *Op.cit.*, p.44.

³⁰⁸ “a criação cultural cabe sempre, tanto aos indivíduos quanto aos grupos. Modos e técnicas de expressão e memória, percepções do tempo e do espaço e imaginários fornecem, assim, matéria para explorar o vaivém dos empréstimos, a assimilação dos traços europeus e suas deformações, as dialéticas do mal-entendido, da apropriação e da alienação. Sem perder de vista as estratégias políticas e sociais em que se encontram imersos, que fazem com que cada traço reinterpretado, cada conceito, cada prática, possam reafirmar uma identidade ameaçada, ao mesmo tempo que são passíveis, a longo prazo, de gerar uma lenta dissolução ou uma reorganização global do conjunto que os recebeu.” GRUZINSKI, Serge. *A Colonização do Imaginário: Sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol - Séculos XVI e XVIII*. São Paulo: Cia das Letras, 2003, p.15-16.

³⁰⁹ Tradução livre de: “but when a child dies, the parents are so certain of its felicity, according to the dogmas taught them by the Church, that they put on no mourning habiliments, but act as if it were a festival”. CANDLER, John. *Op.cit.*, p.44.

³¹⁰ FERREIRA, Maria de Simone. *Museus Imperiais: uma viagem às Imagens do Brasil na narrativa de Carl von Koseritz*. Rio de Janeiro: Cassará, 2012, p.17.

Essa dimensão de representação autobiográfica se manifestará de forma mais clara a seguir, no único aspecto que ainda não foi comentado sobre as reações positivas expressas a respeito de elementos da cultura funerária estrangeira em solo brasileiro, em outras palavras, manifestações culturais funerárias produzidas por estrangeiros no Brasil.

Aplicando aqui a lógica exposta por Bourdieu, em “Sobre o Poder Simbólico”, sob uma perspectiva colonialista os relatos de viagem poderiam servir como *instrumentos simbólicos* corroborando com um cenário de dominação. Ainda na lógica³¹¹ de Bourdieu, a literatura de viagem enquanto estrutura estruturante, ou seja, enquanto instrumento de conhecimento e construção do mundo objetivo, poderia corroborar a lógica de inferioridade expressa pela não civilidade do brasileiro como visto e revisto pela historiografia. Alimentando assim a visão de um *outro* não somente diferente, mas ruim, passível de dominação ou mal organizado e indolente, sendo assim passível de consumir produtos estrangeiros. Mary Pratt, por exemplo, desenha os viajantes enquanto agentes do Império, responsivos aos interesses do colonialismo.

Apesar de bem estruturada, tal lógica encontra certa oposição. Gabriel Pasetti, por exemplo, alerta sobre o perigo de se simplificar os viajantes e sua produção. Da mesma forma, aproveitar os relatos apenas enquanto agentes do império, pode impedir o historiador de enxergar aspectos alheios a essa lógica de dominação colonial-civilizatória.

Com o caso do operário que Walsh entrevistou, é possível perceber importância dada pelas diversas confissões à ritualidade da morte, muito embora ainda seja necessário explorar outras facetas dos relatos dos viajantes sobre as culturas fúnebres. Um entendimento do viajante neste momento-limite que é a morte pode oferecer uma ideia diferenciada do mesmo, não apenas como agente imperial, mas das dinâmicas da alteridade no contato intercultural no século XIX para além de modelos gerais, uma vez que nos permite observá-lo – e as suas próprias sensibilidades e crenças – através de seu olhar sobre o outro. Verifica-se, assim, com base em Seeman, que a morte se constitui em importante chave de identificação dos contatos dos diferentes grupos, seja em termos das aproximações, distâncias, negociações e/ou conflitos identificados no cotidiano das vivências interculturais.

Parece-me nesse estudo que aquilo que envolvia a cultura fúnebre, as definições de local de enterro e os ambientes de conflito de interesses relacionados à morte, no Brasil da primeira metade do século XIX – com a cada vez mais frequente chegada e instalação de

³¹¹ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1989, p.16.

viajantes estrangeiros não-católicos –, tornou-se muito mais complexo do que antes. Em uma demonstração de tolerância e de preocupação com o morrer do outro, tanto parte dos operários luteranos, como alguns dos habitantes católicos de São José e o reverendo anglicano Robert Walsh compactuaram com atitudes e rituais possivelmente considerados hereges pela liderança católica local.

Este caso do operário luterano permite perceber como a natureza da alteridade relacionada à morte poderia favorecer a tolerância religiosa, tanto pelo histórico tolerante do luso-brasileiro – a se tomar em consideração a abordagem de Stuart Schwartz – quanto pela natureza excepcional da morte e enterro cristãos como essenciais para a salvação da alma: o fim último para os cristãos de diferentes confissões, a se considerar suas concepções escatológicas. Considerando ainda o desenvolvimento das ideias sanitaristas e das teorias miasmáticas vigentes na Europa continental e já presentes no Brasil da época, é surpreendente perceber que o corpo daquele homem teria sido desenterrado e as honrarias realizadas e aceitas por membros de esferas sociais normalmente conscientes dos possíveis perigos.

Importante destacar outro ponto em comum entre os relatos com reações positivas: o Cemitério da Gamboa. Ainda que o território do cemitério dos ingleses possa ser entendido como um local de pertencimento inglês, o que poderia significar um pedaço de casa para conterrâneos, também era percebido de maneira positiva mesmo por não ingleses. Sua representação sobre a natureza não buscava expor o potencial econômico, mas agregar valor simbólico ao espaço de enterramento. Ao descrever as árvores, ao descrever a vista, percebo não uma tentativa de ressaltar as diferenças, ao contrário, vejo uma união entre aspectos brasileiros e ingleses; espécies nativas dos trópicos usadas ao lado de espécies europeias e, o mais importante, uma percepção integrativa da paisagem em seus aspectos religiosos, brasileiros, estrangeiros e funéreos.

É possível afirmar que a experiência do local contribuía para a identificação e para o pertencimento durante este momento de distância geográfica de sua terra de origem. Não se falou tão intensamente assim sobre outros locais associados às suas pátrias, como os locais de culto, de reunião e de representações diplomáticas. Concordo, assim, com Erik Seeman quando este pontua que em encontros culturais em contextos relacionados à morte as reações de inclusão são notáveis³¹².

3.2.1 – Sobre a data da observação, origem e religião do observador.

³¹² Ver: SEEMAN, Erik. *Op.cit.*, p.290-301.

Como exposto no item 3.2, um dos poucos temas comuns no qual se registrou com mais frequência a valoração foi aquele relativo aos cemitérios. Segundo Claudia Rodrigues (1997)³¹³ houve uma mudança na cultura do enterramento nas principais cidades do Brasil na metade do século XIX: os enterramentos foram deixando de ocorrer nas Igrejas. Um processo de criação de Cemitérios públicos em locais afastados dos centros urbanos que se arrastava desde o início daquele século³¹⁴ finalmente tomava forma. Nas palavras de Rodrigues “Até 1850, as medidas que previam o estabelecimento de cemitérios extramuros não saíram do papel”³¹⁵. Segundo Seeman, a mudança do enterro nas cidades para locais mais afastados foi iniciada nos Estados Unidos por volta de 1830 quando os cemitérios se tornaram rurais³¹⁶.

Bastante relacionado à emergência de doenças e sua associação com os cemitérios urbanos, como no Brasil³¹⁷, o afastamento dos cemitérios dos centros urbanos foi uma preocupação mais grave para o britânico oitocentista da metade do século³¹⁸. Isso pode nos ajudar a entender por que tão grande “consenso” nos elogios ao Cemitério dos Ingleses (além da questão da natureza sublinhada no subitem acima), por que a criação de cemitérios públicos ficou ausente nos comentários posteriores a sua fundação e o tamanho estranhamento do estrangeiro com o enterramento em Igrejas. A bibliografia consultada no Capítulo 2 não coloca o enterramento em Igrejas como um costume comum entre os anglo-americanos. Assim, apesar de alguns hábitos pouco civilizados – como o excessivo enfeitamento e o marretar de corpos – determinados cemitérios brasileiros eram dignos de nota positiva (mesmo que ali se enterrasse o *outro*).

Por fim, é importante notar que todas as observações positivas compiladas sobre cemitérios no Brasil ocorreram antes do estabelecimento dos cemitérios públicos. Nenhum comentário claramente positivo ou claramente negativo foi realizado a esse respeito após a gradual implantação do enterramento fora das Igrejas.

³¹³ Ao longo de todo a Parte 1 da obra, mas diretamente em: RODRIGUES, Cláudia. *Lugares dos Mortos na Cidade dos Vivos*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Revisão e Editoração, 1997, p.103.

³¹⁴ REIS, João José. *A Morte é uma Festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Cia das Letras, 2009, p.274.

³¹⁵ RODRIGUES, Cláudia. *Op.cit.*, 1997, p.103.

³¹⁶ SEEMAN, E. *Op.cit.*, p.275.

³¹⁷ RODRIGUES, C. *Op.cit.*

³¹⁸ RUGG, Julie. *From Reason to Regulation: 1760-1850*. In: JUPP, Peter C.; GITTINGS, Clare (org). *Op.cit.*, p.219-220.

Outro ponto importante de se ressaltar é se houve ou não percepção de diferença entre observações de viajantes de nacionalidade estadunidense e britânica e se houve ou não percepção de diferença entre as observações de viajantes das diferentes denominações religiosas comentadas no Capítulo 2.

Dentre as duas dezenas de observações valorativas 7 são de viajantes nascidos nos Estados Unidos da América e outras 4 foram produzidas por Thomas Ewbank, inglês que se naturalizou estadunidense³¹⁹. Considerando que foram compiladas observações de apenas 6 viajantes estadunidenses (mais o naturalizado Ewbank) contra 12 britânicos (sem contar Ewbank), há uma clara maioria de observações positivas advindas de estadunidenses sobre a cultura funerária brasileira. Quanto às observações negativas, das quase 30, 22 foram feitas por viajantes britânicos contra 6 dos viajantes estadunidenses. Além disso, 22 dessas observações foram feitas por viajantes que estiveram no Brasil antes de 1850 – em sua maioria (19) feita por britânicos³²⁰.

Portanto, podemos afirmar com alguma propriedade que, dos estadunidenses, havia recepção mais positiva perante a cultura funerária brasileira do que dos britânicos. Considerando a breve análise realizada no Capítulo 2, na qual afirmo que a maior parte dos estadunidenses vinha de uma região de grande influência puritana (uma comunidade tradicionalmente mais ortodoxa), o fato de os Estados Unidos ter sido um país de imigração plural em sua formação³²¹ talvez tenha pesado mais na formação desses viajantes.

No que tange às confissões religiosas, como exposto no segundo capítulo deste trabalho, não foi possível traçar muitas informações a respeito da fé específica dos viajantes – até por isso a análise foi realizada de forma mais generalizada. Dos 19 viajantes citados diretamente nesse trabalho, apenas consegui identificar a confissão de 5³²²: dois anglicanos (Caldcleugh e Walsh), um metodista (Kidder), um Quaker (Candler) e um Presbiteriano (Stewart). Os principais comentários negativos tecidos por esses homens foram a respeito do modo de enterramento nas diferentes esferas sociais e da vestimenta usada pelos brasileiros. Quanto aos comentários positivos, não foi possível encontrar padrão³²³ ou grande coerência.

³¹⁹ Ver Capítulo 2 dessa Dissertação.

³²⁰ Por outro lado o primeiro estadunidense a registrar sobre a morte no Brasil publicou seu relato apenas em 1845 e, dentre os estadunidenses, até 1850 apenas Daniel Kidder e William Henry Edwards haviam visitado o Brasil e escrito sobre a morte – contra dez britânicos. Em todo caso acredito que o argumento permanece válido.

³²¹ Ver bibliografia usada no Capítulo 2.

³²² Conseguidas principalmente por meio de informações biográficas.

³²³ Walsh elogiou as “benefit societies” brasileiras e o enterramento de Leopoldina, Stewart elogiou o trabalho realizado no corpo e elogiou os enterros infantis e Kidder não considerou pagãos os enterramentos católicos, como o fez com os africanos.

Por outro lado, dentre as reações positivas perante as manifestações de estrangeiros no Brasil, os declaradamente religiosos representam imensa maioria: dos 6 comentários realizados a esse respeito, 5 foram feitos por religiosos estrangeiros. De todo modo, reafirmo a dificuldade de realizar um estudo que busque categorizar o viajante por sua religião.

Assim, concluo esse capítulo destacando a importância da sistematização dos dados para essa pesquisa. A riqueza de detalhes registrados em cada relato pode nos afastar da busca por padrões gerais possíveis de serem encontrados quanto às reações dos estrangeiros perante a morte no Brasil. Do mesmo modo, acredito que a conclusão de Erik Seeman, a qual aponta para um maior índice de identificação em encontros interculturais no tema da morte, pode ser trabalhada em outros casos noutras nacionalidades. Assim, considerando a grande quantidade de estrangeiros que visitaram o Brasil no XIX e a grande quantidade de viajantes que produziram relatos sobre outras partes do mundo a sistematização e a busca por padrões – como os propostos nesse subitem - ainda permanecem figurando como um convite aos pesquisadores da morte e dos encontros interculturais.

CONCLUSÃO

Ao final deste intento é possível perceber a imensa complexidade que envolve o trabalho do pesquisador que pretende percorrer o caminho da pesquisa do encontro intercultural. Perscrutar essa questão envolve uma sensibilidade e uma erudição que certamente não foi possível atingir para se lograr um trabalho de maior impacto na área. Ao fim, o leitor minucioso provavelmente pôde perceber que se tratou de um trabalho “do meio” por buscar em parte a cultura funerária e em parte o encontro cultural – nesse caso uma análise por meio de relatos de viajantes. Assim, tanto a cultura funerária, os encontros culturais e os relatos de viagens demandam do pesquisador uma sensibilidade que talvez eu não tenha conseguido atingir. Sem mais delongas, a conclusão.

Considerando os trabalhos fundamentais para a escrita deste texto e as questões levantadas previamente à realização deste, fica claro que a morte é sim um tema de imensa importância para a análise sobre os encontros interculturais. Percebi um imenso descompasso entre o que encontrei nas reações perante a morte e o que é afirmado tipicamente pela bibliografia da crítica colonialista. A cultura funerária brasileira possui bastante aspectos criticados, porém houve a presença de uma alteridade não de dominação. É difícil falar claramente em compaixão, porém mesmo em clérigos como Walsh e Stewart, homens que viveram da difusão de sua fé, foi possível encontrar elogios às práticas realizadas no Brasil católico do XIX. Práticas essas que só dialogavam com o que eles presenciavam em seus países, pois a importância da morte era presente também em sua terra de origem.

Enquanto oriundos de um país e de uma esfera social de cultura funerária predominantemente cristã, a preocupação com o enterramento e sua associação com expectativas pós-morte estava presente em brasileiros, estadunidenses e britânicos. Os temas comuns dos comentários depreciativos pontuam um descontentamento geral, principalmente da primeira metade do XIX, com o enterramento, com o investimento na vestimenta do morto e com o comportamento dos padres brasileiros. Nota-se que o estrangeiro não concorda, porém compreende que o tratamento dado ao corpo na hora de enterrar ocorre por maior preocupação dos brasileiros com a alma em relação ao corpo. A preocupação apontada tem ligação intrínseca

com a vestimenta utilizada no corpo da pessoa falecida. Rodrigues³²⁴ recorda que as vestes e enfeitos utilizados pelos brasileiros operam como um facilitador para o homem que desejava adentrar ao paraíso. Os vivos, desse modo, cuidariam do cadáver e dotá-lo-iam de símbolos esperados para facilitar a realização desse desejo.

Da mesma forma, a crítica aos padres e ao grande investimento em roupas no funeral se dá poucas vezes em termos de “civilização *versus* barbárie”, mas sim dentro das expectativas de um enterro próprio ou *cristão*. Assim, a natureza da alteridade no caso da morte tende a ser singular: separa ao criticar, mas ao mesmo tempo aproxima o leitor da prática descrita ao comparar ou simplesmente ao evitar explicações demasiadas (e desnecessárias?).

A principal e mais clara percepção que se teve foi de que os primeiros contatos realizados por britânicos desenharam um cenário negativo sobre a morte no Brasil. As primeiras reações valorativas vindas de viajantes datam da visita de Graham e Walsh – ambos britânicos, Inglaterra e Irlanda respectivamente – nos anos 1820, enquanto as primeiras reações depreciativas datam de Luccock, Koster e Shilibeer – todos ingleses, sendo Koster luso-inglês –, nas primeiras duas décadas de 1800. O balanço entre as reações no início também foi claramente desproporcional pendendo ao negativo: entre Koster e Walsh foram publicadas críticas de viajantes a respeito do enterro em Igrejas, do tratamento dos escravos, da vestimenta exagerada, da roupa dos membros do cortejo, do tratamento com as crianças mortas (anjos), dos padres e do Cemitério da Misericórdia. É preciso alargar o recorte para enxergar um cenário menos pendente à reação negativa.

Essa ampliação do recorte é o que permite enxergar um cenário diferente, mas a explicação para esse abrandamento não me pareceu tão clara. Não há padrão de profissão ou de confissão religiosa, apenas a nação associada ao “passar do tempo” parece equilibrar essa balança da alteridade. Talvez a resposta para essa mudança de atitude resida no processo civilizador³²⁵, acelerado pela abertura dos portos, noutro processo social mais amplo ou no conjunto abarcado por Walter (2012). Entretanto, as pistas para essa explicação maior não foram captadas nas fontes utilizadas - no relato de viagem.

Um estudo qualitativo de um ou mais relatos que permita comparações de reações perante a morte e outros hábitos culturais talvez contribua mais para enxergar o quadro mais amplo que são as transformações das reações interculturais perante a morte. Afinal, se há algo de concreto que acredito ter conseguido nesse trabalho foi não o compilado de relatos diversos

³²⁴ RODRIGUES, Claudia. *Op.cit.*, p.195-214.

³²⁵ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., vol 1, 1994; FREYRE, Gilberto. *Op.cit.*

sobre a morte no Brasil, mas esse compilado discutido em conjunto com uma complexificação do viajante. O que faz com que se amplie a noção de que os relatos possuem não uma idiossincrasia caótica, mas uma riqueza compreensível e individual – ainda que eu tenha me esforçado para demonstrar diversos pontos comuns entre os indivíduos redatores desses textos.

Tony Walter³²⁶ elenca diversos aspectos estruturais que permitem analisar diferentes sociedades e apontar suas semelhanças e diferenças no manejo da morte. Walter coloca a religião, como uma destas estruturas compositoras do que compõe o manejo do morrer. Segundo ele, a tradição religiosa de um país influencia diversos aspectos do lidar com a morte, com o corpo, o que refletiria inclusive em como esses países lidam com os mesmos na contemporaneidade.

Diversas estruturas elencadas por Walter são passíveis de serem observadas nos viajantes, permitindo conclusões a respeito dos viajantes, de sua sociedade de origem e da sociedade que eles tentam descrever: a divisão do trabalho na morte (relativa ao que se faz, e quem, com o corpo, e no enterro), os sistemas racionais modernos (de interessante observação quando se coloca o foco no viajante e em sua origem), a sociedade do risco (principalmente nas medidas), o individualismo ou coletivismo como aspecto cultural, a religião, a secularização, a regulação de fronteiras (seja fronteiras físicas, como onde começa e termina o cemitério, ou fronteiras relativas, como a fronteira entre vida e morte), as expressões, o status, e finalmente os fluxos globais entre culturas distintas³²⁷ - algo de interessante observação quando se percebe que os viajantes estrangeiros eram vistos como modelo. Ainda que não tenha sido a minha intenção apontar os porquês das semelhanças e diferenças, esse apontamento de Walter pode ajudar a entender as dificuldades de se analisar a alteridade usando como base os relatos de viajantes.

Assim, o título “Caixões Esplêndidos, Costume Abominável” além de ser a junção de dois comentários de estrangeiros sobre a cultura funerária brasileira se torna representativo

³²⁶ WALTER, Tony. Why different countries manage death differently: a comparative analysis of modern urban societies. *The British Journal of Sociology*. London, v.63, n.1, 2012. p. 123-145.

³²⁷ “I have argued in this article that contemporary death practices are shaped by a range of sociological factors – the division of labour, migration, rationality, inequality, risk, information technology, institutions, individualism/ collectivism, religion, secularization, boundary regulation, expressivism, status hierarchies, and global flows. These help explain not only regional, class or ethnic variations in death practices within any national society, they also help explain both similarities and differences between societies. So, why do different countries manage death differently? I have argued that the death practices of all modern societies are profoundly shaped by common social, economic and demographic structures, but how each society responds to these common structures depends considerably on 1) historic institutional arrangements, and 2) culture.” WALTER, Tony. Why different countries manage death differently: a comparative analysis of modern urban societies. *The British Journal of Sociology*. London, v.63, n.1, 2012, p. 138-139.

perante o balanço das reações favoráveis e depreciativas perante a morte no Brasil. A alteridade se mostrou evidente e é a impressão mais clara de se tirar da sistematização dos dados no terceiro capítulo. A conclusão, no entanto, se mostra mais ampla quando a ideia de “aproximação” (em Seeman) é trazida para a discussão.

Segundo ele, a morte era um importante canal de comunicação entre pessoas de diferentes culturas e, mesmo que não fosse o único (sexo, comida, música eram outros), nenhuma outra manifestação cultural possuía tamanho investimento e significado para os homens nos encontros culturais no período moderno³²⁸. Ainda que não seja esse o período histórico desse trabalho, acredito que também faz sentido no século XIX. Ainda acompanhando Seeman, não acredito que as reações perante a morte sejam manifestações aleatórias e esparsas; considero evidências o número de viajantes e reações compiladas sobre o assunto. Além disso, como foi exposto no fim do terceiro capítulo dessa dissertação, acredito que mesmo as reações que se transpareceram como depreciativas possui um aspecto de aproximação (*inclusive*, como coloca Seeman) – ainda que fossem apontadas diferenças e isso tenha gerado comentários de repulsa – as similaridades eram observadas e as descrições seguiam com uso de termos comuns: *“Observadores geralmente focavam na humanidade comum dos estranhos, o que incluía os fatos inescapáveis que todos nós precisamos morrer e todas as sociedades devem fazer algo com os corpos”*³²⁹.

Concluo, desse modo, que para se obter razões mais precisas a respeito das reações dos viajantes perante a morte no Brasil - e o que as guiava fundamentalmente - talvez fosse necessário estudá-los perante outras sociedades e ser auxiliado por outros documentos relacionados de forma mais direta com os viajantes almejados. Reduzir mais o recorte talvez fosse uma estratégia prudente para um pesquisador que, no futuro, se interesse pela mesma questão. De qualquer forma, a proposta desta dissertação foi realizar uma primeira tentativa neste sentido, inaugurando uma abordagem ainda pouco realizada no que tange aos estudos sobre a morte no Brasil oitocentista.

³²⁸ SEEMAN, Eric. *Op.cit.*, p.291.

³²⁹ Tradução livre de: “Observers usually focused on the common humanity of strangers, which included the inescapable facts that all must die and all societies must do something with dead bodies” Idem, p.290.

FONTES

ANDREWS, Christopher Columbus. *Brazil, its conditions and prospects*. New York: D. Appleton and company, 1891.

CALDCLEUGH, Alexander. *Travels in South America, during the years 1819-20-21*. Containing an Account of the Present State of Brazil, Buenos Ayres, and Chile (v.2). London: Printed by John Murray, 1825.

CANDLER, John; BURGESS, Wilson. *Narative of a recent visit to Brazil: to present an address on the slave-trade and slavery, issued by the Religious Society of Friends* London: Edward Marsh, 1853.

CODMAN, John. *Ten Months in Brazil: with incidents of voyages and travels, descriptions of scenery and character, notices of commerce and productions, etc.* Boston: Lee and Shepard, 1867.

EDWARDS, William Henry. *A Voyage up to the River Amazon, Including a Residence at Para*. New York: D. Appleton and Company, 1847.

EWBANK, Thomas. *Life in Brazil: or, A journal of a visit to the land of the cocoa and the palm*. New York: Harper & Brothers, 1856.

DENT, Hastings Charles. *A Year in Brazil: with notes on the abolition of slavery, the finances of the empire, religion, meteorology, natural history, etc.* London: Kegan Paul, Trench, 1886.

GARDNER, George. *Travels in the Interior of Brazil, principally through the northern provinces, and the gold and diamond districts, during the years 1836-1841*. London: Reeve, Benham, & Reeve, 1849.

GRAHAM, Maria. *Journal of a voyage to brazil, and residence there, during part of the years 1821, 1822, 1823*. London: Longman, 1824.

HENDERSON, James. *A history of the Brazil; Comprising its Geography, Commerce, Colonization, Aboriginal Inhabitants, etc etc etc*. London: Longman, Hurst, Rees, Orme and Brown, 1821.

HERNDON, William Lewis. *Exploration of the valley of the amazon: made under direction of the navy department*. Washington: A.O.P. Nicholson, 1854.

HOLMAN, James. *A Voyage Round the World: Including travels in Africa Asia, Australasia, America, etc. etc.* – vol. II. Cidade: Editora, 1834.

KIDDER, Daniel Parish. *Sketches of residence and travels in Brazil.* Philadelphia: Sorin & Ball, 1845.

KOSTER, Henry. *Travels in Brazil.* London: Longman, Hurst, Rees, Orme and Brown, 1816.

LINDLEY, Thomas. *Narrative of a voyage to Brasil; terminating in the seizure of a British vessel, and the imprisonment of the author and the ship's crew, by the Portuguese.* With general sketches of the country, its natural productions, colonial inhabitants, etc. and a description of the City and Provinces of St. Salvadore and Porto Seguro. London: Printed for J. Johnson, St. Paul's Church-Yard, 1805.

LUCCOCK, John. *Notes on Rio de Janeiro and the southern parts of Brazil; taken during a residence of ten years in that country, from 1808-1818.* London: Printed for Samuel Leigh, in the Strand, 1820.

MINTURN JUNIOR, Robert Bowne. *From New York to Deli by way of Rio de Janeiro, Australia and. China.* New York: D. Appleton, 1858.

SAINT-HILAIRE, Auguste. *Voyage dans le provinces de Saint-Paul et de Sainte-Catherine – Tome second.* Paris: Arthus Bertrand, 1851.

SHILIBEER, John. *A narrative of the Briton's voyage, to Pitcairn's Island; Including na Interesting Sketch of the Present State of the Brazils and of Spanish South America.* London: Printed for Law and Whittaker, 1817.

SMITH, Herbert Huntington. *Brazil, the Amazons and the coast.* New York: C. Scribner's Sons, 1879.

STEWART, Charles Samuel. *Brazil and La Plata: The Personal Record of a Cruise.* New York: G.P.Putnam & Co, 1856

WALSH, Robert. *Notices of Brazil in 1828 and 1829.* London: F. Westley and A. H. Davis, 1830.

WETHERELL, James. *Brazil.* Stray notes from Bahia: Being extracts from letters, etc., During a Residence of Fifteen Years. Liverpool: Webb and Hunt, 1860.

WILBERFORCE, Edward. *Brazil viewed through a naval glass: with notes on slavery and the slave trade*. London: Longman, Brown, Green and Longmans, 1856.

BIBLIOGRAFIA

AGRA DO Ó, Alarcon. Thomas Lindley: um viajante fala de doenças e dos seus enfrentamentos, no início do século XIX. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Abr 2004, vol.11, no.1.

ALEXANDER, Caroline. *The Bounty: The True Story of the Mutiny on the Bounty*. New York: Penguin Books, 2003.

ANDERSON, Gerald Harry (ed.). *Biographical Dictionary of Christian Missions*. Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing, 1999, p.361.

ANDRÉ, Richard Gonçalves. Representações e práticas mortuárias na cultura popular brasileira: influências e apropriações. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano II, n. 4, Mai. 2009.

ANHEZINI, Karina. Teoria e metodologia na escrita da História no Brasil: Afonso de Taunay e a Academia Brasileira de Letras. *Revista Dimensões*, Vitória, v. 24, 2010.

ANJOS JÚNIOR, João Alfredo dos (Org.) *Viajantes ingleses no Nordeste do Brasil no século XIX*. Recife: Fundaj; Instituto de Documentação. Biblioteca Central Blanche Knopf; The British Council, 1991.

ANKERSMIT, Frank. *A escrita da História: a natureza da representação histórica*. Londrina: Eduel, 2012.

ARIÈS, Philippe. *História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BARREIRO, José Carlos. *Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

BETHELL, Leslie. A Presença Britânica no Império nos Trópicos. *Revista Acervo*. Rio de Janeiro, v.22, n.1, 2009.

BEVILLE, Maria. Introduction. *Otherness: essays and studies*. n.1, v.1, out, 2010.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1989.

CALDEIRA, José de Ribamar C. *O Maranhão na literatura dos viajantes do século XIX*. São Luís: Academia Maranhense de Letras; Edições AML/Sioge, 1991.

CAMARGO, Luís Soares. *Viver e morrer em São Paulo: a vida, as doenças e a morte na cidade do século XIX*. Tese (Doutorado em História Social) – PUC, São Paulo, 2007.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. Escatologia, iconografia e práticas funerárias no barroco das Geraes In: RESENDE, Maria Efigênia Lage de e VILLALTA, Luiz Carlos (orgs.). *As Minas Setecentistas*, vol. 2. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007.

_____. Notas Sobre os rituais de morte na sociedade escravista. *Revista do Departamento de História da UFMG*, n.6, p.109-22, 1988.

CERDAN, Marcelo Alves. Maria Graham e a escravidão no Brasil: Entre o olhar e o bico de pena de uma viajante inglesa do século XIX. *Cadernos de História Social*. v. 10 Campinas: Unicamp, 2003.

CHADWICK, Edwin. *Report on the Sanitary Condition of the Labouring Population of Great Britain: A supplementary report on the results of a special inquiry into the practice of interment in towns. Made at the request of her Majesty's Principal Secretary of State for the Home Department*. London: W. Clowes and Sons, 1843.

CHARLOT, Mônica; MARX, Roland (org.) A sociedade "dual" por excelência. In: *Londres, 1851-1901: A era vitoriana ou o triunfo das desigualdades*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1988.

Class B correspondence with British Ministers and Agents in Foreign Countries and with Foreign Ministers in England, relating to The Slave Trade. London: printed by Harrison and sons, 1859.

COSTA, Fernanda Maria Matos da. *A morte e o morrer em Juiz de Fora: transformações nos costumes fúnebres, 1851-1890.* Dissertação (Mestrado) – UFJF, Juiz de Fora, 2007.

CRESSY, David. *Birth Marriage and Death: Ritual, Religion, and the life-cycle in Tudor and Stuart England.* Oxford: Oxford University Press, 2002.

_____; FERRELL, Lori Anne. *Religion and Society in Early Modern England.* London: Routledge, 2005.

DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do Povo: Sociedade e cultura no início da França moderna - oito ensaios* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

DEVINE, Christine (org.). "Introduction: Seeing America." In: *Nineteenth-Century British Travelers in the New World.* Farnham: Ashgate Publishing, 2013.

EAKIN, Marshall C.; ALMEIDA, Paulo Roberto (eds). *Envisioning Brazil: A Guide to Brazilian Studies in the United States.* Madison, The University of Wisconsin Press, 2005.

EDWARDS, William Henry. *A Voyage up to the River Amazon, Including a Residence at Para.* New York: D. Appleton and Company, 1847.

Encyclopaedia Britannica, 11ª Edição, Volume 4, Slice 1 - "Bisharin" to "Bohea", 1910.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., vol 1, 1994.

_____. *A Solidão dos Moribundos, seguido de Envelhecer e Morrer.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2001.

FERREIRA, Maria de Simone. *Museus Imperiais: uma viagem às Imagens do Brasil na narrativa de Carl von Koseritz.* Rio de Janeiro: Cassará, 2012.

FONSECA, Humberto J. *Vida e morte na Bahia colonial: sociabilidade, festa e rituais fúnebres.* Tese (Doutorado) - FAFICH/UFMG, Belo Horizonte, 2006.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Visões do Rio de Janeiro Colonial*. Antologia de Textos (1531-1800). 1. ed. Rio de Janeiro: EDUERJ; José Olympio, 1999.

_____. *A Construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII* – Antologia de textos (1591-1808). Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2012.

FREYRE, Gilberto. *Inglês no Brasil: Aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1948.

GRUZINSKI, Serge. *A Colonização do Imaginário: Sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol - Séculos XVI e XVIII*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

GUENTHER, Louise. *The British community of 19th century Bahia: public and private lives*. University of Oxford Centre for Brazilian Studies Working Paper Series. Oxford: Oxford University, 2001.

HADFIELD, Andrew. Peter Martyr, Richard Eden and the New World: Reading, Experience and Translation. *Connotations*, Tübingen v.5, 1995.

HALL, Stuart. *Cultural Identity and Diaspora.Framework*. Detroit: Wayne State University Press, v.36, 1989.

HARTOG, François. *The Mirror of Herodotus: The representation of the other in the writing of History*. Los Angeles: University of California Press, 1988.

HAYEK, F. *The sensory order: An Inquiry into the Foundations of Theoretical Psychology*. Chicago: the University of Chicago Press, 1952.

HILL, Christopher. *O Mundo de Ponta-Cabeça: Idéias Radicais na Revolução Inglesa de 1640*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HOBSBAWM, Eric. *A Era do Capital*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

HOBSBAWN, Eric J. *A Era das Revoluções: 1789-1848*. São Paulo: Editora Paz e terra, 2012.

HODGSON, Godfrey. *A Great and Godly Adventure: The Pilgrims and the Myth of the First Thanksgiving*. New York: Public Affairs, 2006.

HOFSTEDE, Geert. *Cultures and Organizations: Software of the mind*. New York: McGraw-Hill, 2005.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2002.

HOLMAN, James. *A Voyage Round the World: Including travels in Africa Asia, Australasia, America, etc, etc. ia das II*. Cidade: Editora, 1834.

Indiana Historical Society. *A Friendly Mission: John Candler's Letters from America (1853-1854)*. Indianapolis: Indiana Historical Society Publications, 1951.

JALLAND, Pat. *Death in the Victorian Family*. New York: Oxford University Press, 1996.

JENKINS, Philip. *A History of the United States*. London: Macmillan, 1997.

JUPP, Peter C.; GITTINGS, Clare (org). *Death in England: An Illustrated History*. New Jersey: Rutgers University Press. 2000.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2006.

KUNZLER, Josiane et. al. Herbert Huntington Smith: um naturalista injustiçado?. *Filosofia e História da Biologia*. v.6, n.1, 2011.

KURY, Lorelai. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. *Hist. cienc.saude*, vol.8, 2001.

LADERMAN, Gary. *The Sacred Remains: American attitudes toward death*. New Haven: Yale University Press, 1996.

LAHUERTA, Flora Medeiros. Viajantes e a Construção de uma idéia de Brasil no Ocaso da Colonização (1808-1822). *Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, Barcelona, v.x, n.218, 2006.

LEE, Sidney (ed.). *Dictionary of National Biography: Wakeman – Watkins*, vol. LIX. London: Smith, Elder and Co., 1899.

LEITE, Ilka Boaventura. *Antropologia da Viagem: Os Negros em Relatos do Século XIX*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Livros de Viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

_____. Mulheres viajantes no século XIX. *Cadernos Pagu*, v.15, 2000

Letter Of Elizabeth Fry To Sarah Smith, On Prison Reform. *The Journal of the Friends Historical Society*, Vol. 2, Abril, 1913.

LEVINAS, Emmanuel. *Alterity and Transcendence*. London: The Athlone Press, 1999.

LIMA, Carollina Carvalho Ramos de. *Os Viajantes estrangeiros nos periódicos cariocas (1808-1836)*. Dissertação (Mestrado em História) - UNESP, Franca, 2010.

MANN, Horace (org.). *Census of Great Britain, 1851: Religious Worship in England and Wales*. London: George Routledge and Co., 1854.

MANTHORNE, Katherine E. O imaginário brasileiro para o público norte-americano do século XIX. *Revista USP* no. 30. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996.

MARSON, Izabel Andrade. Imagens da condição feminina em "Travels in Brazil" de Henry Koster. *Cadernos Pagu*. 4, 1995.

MELLO-LEITÃO, Candido de. *Visitantes do primeiro império*. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1934.

_____. *O Brasil visto pelos ingleses*. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1937.

MIDLIN, José E. "Viajantes no Brasil: viagem em torno dos meus livros". *Revista de Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, 1991.

MINTURN JUNIOR, Robert Bowne. *From new york to Deli by way of Rio de Janeiro, Australia and. China*. New York: D. Appleton, 1858.

NASCIMENTO, Mara Regina do. *Irmandades Leigas em Porto Alegre. Práticas funerárias e experiência urbana. Séculos XVIII e XIX*. Tese (Doutorado em História) -UFRGS, Porto Alegre, 2006.

NICOLAS, Paul Harris. *Historical Record of the Royal Marine Forces – Volume 2*. London: Thomas and William Boone, 1845.

PARK, Chris. Religion and Geography. In: HINNELLS, John R. *The Routledge Companion to Study of Religion*. New York: Routledge, 2005.

PASSETTI, Gabriel. *O mundo interligado: poder, guerra e território nas lutas da Argentina e na Nova Zelândia (1826-1885)*. Tese (Doutorado em história) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

PAULINO, Carla Viviane. *O império do atraso: impressões sobre o Brasil elaboradas pelo viajante norte-americano Thomas Ewbank (1846-1856)*. 2011. Dissertação de Mestrado - Universidade de São Paulo (USP). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas São Paulo.

PEREIRA, Júlio César Medeiros da S. *À flor da terra: o Cemitério dos Pretos Novos no Rio de Janeiro*. Dissertação (Mestrado) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

POMPA, Cristina. *Religião como tradução: missionários, Tupi e Tapuia no Brasil colonial*. Bauru: Editora da Universidade Sagrado Coração, 2003.

PONTES, Annie Larissa Garcia Neves. *Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos: Festas e Funerais na Natal Oitocentista*. Dissertação (Mestrado) – UFPB, Natal, 2008.

PRATT, Mary Louise. *Os Olhos do Império*. Relatos de Viagem e transculturação. Bauru: EDUSC, 1999.

REIS, João José. *A Morte é uma Festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

REIS, Thiago de Souza dos. *Morte e escravidão: padrões de morte da população escrava de vassouras, 1865-1888*. Dissertação (Mestrado em História), Unirio, Rio de Janeiro, 2009.

RICOEUR, Paul. *A Memória, a História e o Esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

ROBERTS, Jason. *A Sense of the World: how a blind man became History's greatest traveler*. New York: Harper Collins Publishing, 2006.

ROCHA, Levy. *Viajantes Estrangeiros no Espírito Santo*. Brasília: Editora de Brasília, 1971.

RODRIGUES, Cláudia. *Lugares dos Mortos na Cidade dos Vivos*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Revisão e Editoração, 1997.

_____. A arte de bem morrer no Rio de Janeiro setecentista. *Vária História*, vol. 24, nº39, Belo Horizonte, 2008, p.255-272.

_____. Sepulturas e sepultamentos de protestantes como uma questão de cidadania na crise do Império (1869-1889). *Revista de História Regional*. V.13, n.1, 2008.

_____; CORDEIRO, Gabriel Cavalcante. “E nós andamos em procissão até o túmulo”: Sepultamentos, estrangeiros e alteridade no Brasil do século XIX a partir dos relatos de Robert Walsh. *Recôncavo: Revista de História da UNIABEU*. v.3, n.5, 2013, p.18-19.

_____; FRANCO, Maria da Conceição Vilela. O corpo morto e o corpo do morto entre a Colônia e o Império. In: PRIORE, Mary Del; AMANTINO, Márcia (orgs.). *História do Corpo no Brasil*. São Paulo: EditoraUnesp, 2011.

RÜSEN, Jörn. *Razão Histórica - Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Editora UnB, 2001.

SANT'ANNA, Sabrina Mara. *A boa morte e o bem morrer: culto, doutrina, iconografia e irmandades mineiras (1721 a 1822)*. Dissertação (Mestrado em História) – UFMG, Belo Horizonte, 2006.

SANTOS, Antônio Carlos dos. *O outro como problema: o surgimento da tolerância na modernidade*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2010.

SANTOS, Cícero Joaquim dos. *No entremeio dos mundos: tessituras da morte da Rufina na tradição oral*. Dissertação (Mestrado em História) – UECE, Fortaleza, 2009.

SEEMAN, Erik R. *Death in the New World: Cross Cultural encounters, 1492-1800*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 2010.

SEEMBOHM, Benjamin (ed.). *Memoirs of William Forster – vol II*. London: Alfred W. Bennett, 1865.

SILVEIRA, Felipe Augusto de Bernardi. *Entre políticas públicas e tradições: o processo de criação do campo santo na cidade de Diamantina (1846-1915)*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

Slave trade, Accounts and Papers: twentieth volume. Session 2, 31 may-13 august, 1859.

SPECK, William Arthur. *Robert Southey: Entire Man of Letters*. New Haven: Yale University Press, 2006.

STANNARD, David E. *The Puritan Way of Death: A Study in Religion, Culture, and Social Change*. Oxford University Press, 1977.

STEPHEN, Leslie (ed.). *Dictionary of National Biography: Burton – Cantwell*, vol. VIII. London: Smith, Elder and Co., 1886.

STONE, Lawrence. O Retorno da Narrativa: Reflexões sobre uma nova velha história In: SILVA, Rogério Forasteri da (orgs). *Nova História em Perspectiva*, v.2. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

STRANGE, Julie-Marie. ‘She cried a very little’: death, grief and mourning in working-class culture, c. 1880–1914. *Social History*, v.27, no.2, maio. 2002. p. 143-161 Disponível em: <<http://historia.uwb.edu.pl/pih/poniat/rewolucja/Strange.pdf>>. Acesso em: 12/11/2012

The British Friend: a monthly journal, chiefly devoted to the interests of the Society of Friends. Vol. XX, n. I-XII. Glasgow: Robert Smeal, 1862.

The British Magazine: a monthly journal of Literature, Science and Art - Vol. 1. London: Frederick Westley and A. H. Davis, 1830.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1982.*

_____. A viagem e seu relato. *Revista de Letras. V.39, Assis, 1999, p.13-24.*

TORRÃO FILHO, Amilcar. *A arquitetura da alteridade: a cidade luso-brasileira na literatura de viagem (1783-1845). Tese (Doutorado em História) - UNICAMP, Campinas, 2008.*

_____. Bibliotheca Mundi: livros de viagem e historiografia brasileira como espelhos da nação. *Revista Projeto História. V.42, São Paulo, 2011.*

TUNAY, Afonso E. de. Estrangeiros ilustres e prestimosos. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB, t. LVIII, parte II, 1895.*

URBAN, Sylvanus (org.). *The Gentleman's Magazine: and historical chronicle from July to December, 1820. Volume 128. London: Printed by John Nichols and son, 1820.*

VAILATI, Luiz Lima. Os funerais de anjinho na literatura de viagem. *Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 22, n. 44, 2003, p. 365-392.*

_____. *A morte menina: Infância e morte infantil no Brasil dos oitocentos (Rio de Janeiro e São Paulo). São Paulo: Editora Alameda, 2010.*

VIANA, Iamara da Silva. *Morte escrava e relações de poder em Vassouras (1840-1880): hierarquias raciais, sociais e simbolismos. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2008.*

VOVELLE, Michel. *Ideologias e Mentalidades. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.*

_____. A História dos Homens no Espelho da Morte. In: BRAET, Herman; VERBEKE, Werner (eds.). *A Morte na Idade Média. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.*

WALSH, Robert. *Notices of Brazil in 1828 and 1829*. London: F. Westley and A. H. Davis, 1830.

WALTER, Tony, *The Revival of Death*, London: Routledge, 1994.

_____. Why different countries manage death differently. *British Journal of Sociology*.v.63, n. 1, 2012.

WENCZENOVICZ, Thais Janaina. *Luto e silêncio: doença e morte na área de colonização polonesa no RS (1910-1945)*. Tese (Doutorado em História) – PUCRS, Porto Alegre, 2007.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

WILSON, James Grant; FISKE, John (ed.). *Appletons' Cyclopædia of American Biography vol. 3*. New York: D. Appleton and Company, 1900.

YOUNG, Edward. *The Complaint; or Night Thoughts on Life, Death, and Immortality*. London: Tully's Head. 1743.

ZANELA, Andréa Vieira. Sujeito e Alteridade: reflexões a partir da psicologia histórico-cultural. *Psicologia e Sociedade*. Santa Catarina, n.17, maio/ago., 2005.

ZINN, Howard. *A People's History of the United States: 1492-Present*. New York: HarperCollins, 2003.